

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES

MESTRADO EM SOCIOLOGIA



FALAS DE LIBERDADE

Um Estudo Sobre o Discurso Camponês de Liberdade

FABIO GUTEMBERG RAMOS B. DE SOUSA

CAMPINA GRANDE - 1992

FABIO GUTEMBERG RAMOS BEZERRA DE SOUSA

FALAS DE LIBERDADE

Um Estudo Sobre o Discurso Camponês de Liberdade

Dissertação apresentada ao Curso de
MESTRADO EM SOCIOLOGIA da Universidade
Federal da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do Grau de
Mestre.

Co-orientadoras: Maria Cristina de Melo Marin

e

Ghislaine Duqué

Campina Grande - 1992

DIGITALIZAÇÃO:
SISTEMOTECA - UFCG

INDICE

AGRADECIMENTOS

RESUMO/ RESUMÉ

INTRODUÇÃO.....	01
1. Um história não muito diferente.....	01
2. A "liberdade" camponesa pelo Brasil a fora.....	05
3. O primeiro intervalo para duas histórias: como e por onde caminhamos.....	15
3.1. Os primeiros passos para a construção do objeto.....	15
3.2. Os caminhos tortuosos e "secos" para a coleta de dados.....	21
CAPITULO I - LIBERDADE: "UMA PALAVRA BONITA QUE FAZ PARTE COM MUITAS PALAVRAS".....	25
I. José Jurandí Ferreira.....	28
1.1. "Liberdade"...? "Iludismo": representações do campo e da cidade.....	28
1.2. "Arvores sem sombras".....	34
1.3. "Terra de liberto"... "Terra de escravo" ...	48
1.4. Liberdade: "qualquer palavra de bem faz união com eIa"	53
II. Sr. João Miguel da Silva	55
2.1. Um começo bíblico... ou "o que tá dito na escritura".....	55
2.2. Antes, porém, um intervalo "pra seu Governador ouvir".....	57
2.3. Seca, sujeição...e liberdade	73

CAPITULO II - DE "PROPRIETARIO ESCRAVO" A "COBERTO DE LIBERDADE": TERRA, SECA E RELAÇÕES DE TRABALHO.....	80
2.1. As primeiras imagens.....	80
2.2. A seca	86
2.3. A terra... ..	96
2.4. Relações com a terra e relações de trabalho.....	103
CAPITULO III - "ENCURTANDO OU ABRINDO O MUNDO": CAMPO, CIDADE E LIBERDADE.....	118
3.1. O discurso de "liberdade" no campo.....	121
3.1.1. A morada, experiências de alguns... referência de todos.....	125
3.2. A "liberdade" na relação campo-cidade.....	141
CONCLUSÃO.....	161
BIBLIOGRAFIA.....	176

A Nilda,

pelo amor e carinho de todos os momentos

A minha filha Mariana,

uma inspiração bonita

Aos meus pais,

por terem apoiado tudo isso

AGRADECIMENTOS

Esse é um momento difícil do trabalho. Sentimos, como muitos que passaram pela mesma prova, uma ansiedade e medo de cometer injustiças, de esquecer nomes e participações importantes; de deixar de agradecer sugestões significativas... Mas vamos tentar não esquecer dos muitos personagens que tornaram esse trabalho possível.

Ela teve uma participação bastante intensa, porque em todos os momentos e de forma muito carinhosa e especial, minha mulher, Nilda.

Talvez não tenha a cara, mas tem o respeito pelo livre pensar e pelo pensar diferente que é típico de uma figura bastante singular entre as que contribuíram para a sua realização: a orientadora Cristina Marin, o respeito que se deve ter a um mestre.

Muito da perseverança que tive em momentos cruciais foi transmitida também por uma grande figura humana que sempre respeitarei, agradecerei e de quem sinto muitas saudades por sua aposentadoria precoce: a Professora Josefa Gomes de Almeida.

Parte crucial da trajetória foi acompanhada por professores e colegas do Mestrado em Sociologia. Aqui, lembro da professora Josefa Salete Cavalcante, do professor Bernd Rabhel e dos meus colegas da turma de 1988: Jamir, Gil, Dione, Vilênia, Lola, Sandra e, muito especialmente, Bebete.

Aos colegas do Departamento de História e Geografia que me deram muita força e sempre transmitiram uma mensagem positiva para o que estava fazendo ou do que tinha dúvida, um agradecimento muito especial às figuras inconfundíveis e generosas que são Luciano Mendonça, Gervácio Batista Aranha, Frederico de Castro Neves, Berenice de Castro

Neves, Rosilene Dias e Martha Lúcia Ribeiro Araújo.

Aos meus alunos das turmas de História da Paraíba I e História da América I, II e III que, com questionamentos sobre minhas idéias contribuíram diretamente para o amadurecimento de muitas das linhas aqui escritas.

Aos alunos da Graduação em Ciências Sociais que muito me ajudaram na transcrição das fitas gravadas no campo. Em especial a João Morais e Sebastião Costa Andrade.

A Niedja Tânia que riu, brincou, brigou e transcreveu a maior parte das fitas que gravei na última ida a campo. Um agradecimento especial.

Na realização da pesquisa de campo, as participações foram muitas e todas muito especiais:

Pelo apoio logístico e amigo na cidade de Sumé (uma segunda família, diria), um agradecimento profundo a Seu João e D. Maria Brito e aos amigos Ivan e Arimatéia.

No último momento da elaboração desse trabalho fui pego por um acontecimento triste e marcante. D. Maria Brito, a segunda mãe, se foi precocemente e deixou muitas saudades. Me conforta saber que deixou também muitos ensinamentos sobre a importância da generosidade no mundo em que vivemos. E muitas saudades... (In Memoriam).

Ainda em Sumé, tive a ajuda da professora Maria do Socorro Silva, que em apenas uma conversa demonstrou ser uma profunda conhecedora da história do lugar. Meus agradecimentos pelas informações que posteriormente se transformaram em pistas para a pesquisa.

Para ter acesso aos locais da pesquisa, foi imprescindível a ajuda de duas figuras muito especiais: José Ubirajara R. Siqueira e Josemar Simões de Araújo.

Não poderia deixar de agradecer a um amigo que a pesquisa de campo no município de Sumé me proporcionou: Givanildo Freire. Sua ajuda e apoio foram indispensáveis para a realização de nossa pesquisa.

No campo, a gratidão e o respeito são indescritíveis e sentimos que qualquer palavra ou expressão possam parecer pequenas diante da grandeza de figuras como Zuca, D. Helena, D. Adélia, Maria José, Rildo, Sr. Antônio Palmeira, Sr. Severino Palmeira, Sr. Zeca Palmeira e Sr. Nivaldo. Amigos de Olho D'água Branco.

Em Pau Darco, o valor de figuras humanas e amigas como José Jurandi, Sr. João Miguel, D. Olindina, Sr. João Divino Ferreira e esposa, Toinha, Manoel, Valdo, Zé Rosa, Sr. Bartolomeu Divino Ferreira e D. Santana Ferreira. Em vocês está muito da dignidade de um país que não lhes respeita.

Força e estímulo nos momentos difíceis também foram transmitidos por alguém de quem gosto muito e a quem muito respeito: minha irmã Bernadete.

A outra irmã, Klênia, meus agradecimentos pelos trabalhos de datilografia de várias entrevistas que fiz.

Dois grandes amigos que tem um significado muito especial para a minha formação enquanto profissional: um deles, inesquecível mestre da polêmica e do estímulo à pesquisa. Durval Muniz de Albuquerque Jr acompanhou muitos dos meus passos pela academia e contribuiu para que conhecêssemos mais cedo o "novo" em História. Socorro Rangel, grande amiga e pessoa humana de solidariedade ímpar. Esses agradecimentos, vocês sabem, é pouco para o que foram e são na minha vida.

Meus pais, D. Zuzu e Seu Sebastião Bezerra, nunca deixaram de contribuir das formas mais diversas e às vezes estranhas (quem sabe, diferentes, porque ao seu modo) para que eu chegasse até aqui. Em especial a minha mãe, de quem gosto muito, muito mesmo!

Quando lembro dos primeiros passos pelos campos do Brejo Paraibano me vem à cabeça a imagem de uma figura com quem aprendi muito e que sempre me transmitiu a força de uma militante sindical que mereceu e merece muito respeito: Penha. A história das lutas do povo brasileiro teve em você, Penha, uma contribuição muito grande. Não a esquecerei jamais! (In Memoriam)

Parte da pesquisa que resultou nesse trabalho contou com o apoio do "Concurso de Auxílios para Pesquisa das Regiões Norte e Nordeste do Brasil" da ANPOCS, com recursos da Interamerican Foundation.

Na etapa inicial da nossa história no Mestrado em Sociologia fui bolsista do CNPq.

A Joãozinho e Vera, funcionários do Mestrado em Sociologia, meus agradecimentos pela força e contribuição que deram ao cobrarem, sempre de forma alegre e com respeito, a conclusão deste trabalho.

A Professora Ghislaine Duqué acompanhou e orientou parte de nossas reflexões e se mostrou grande conhecedora da história do Cariri Paraibano. Meus agradecimentos pela ajuda e pelos questionamentos sempre pertinentes a algumas de nossas construções.

RESUMO

O objetivo básico desse estudo é fazer uma análise sobre os diversos significados que circulam em torno das "Falas de Liberdade", bastante presentes entre camponeses.

Realizamos pesquisa de campo entre os anos de 1990 e 1992 na zona rural do município de Sumé, Cariri Paraibano. Durante esse período, visitamos e mantivemos contatos com diversos grupos camponeses. Fizemos entrevistas, histórias de vida e observação direta em um grupo.

O material coletado em campo nos proporcionou meios para analisar alguns significados das falas camponesas. E especificamente das "Falas de Liberdade". Fazendo-nos despertar para o significado estratégico de falas e práticas de grupos sociais em determinados contextos.

E foi associando as falas camponesas sobre a seca, a terra, o trabalho, as viagens e as diversas experiências vividas pelo grupo ou por alguns de seus membros, que construímos "um discurso camponês de liberdade". Discurso em que a luta pelo domínio e controle do tempo e do espaço aparecem como aspectos essenciais na vida de um grupo camponês do semi-árido nordestino. Discurso em que cada palavra e cada atitude, conscientes ou não, sempre se voltam para a defesa e consecução de projetos de "liberdade". Estes, têm significados diversos: dizem respeito à alimentação que têm ou que falta e também às viagens que são obrigados a fazer ou as que desejam realizar e não podem; chamam a atenção para a importância de poderem passear dentro de suas terras e desfrutarem de um espaço "livre" em que trabalham, andam, brincam e dormem sem ter que dar satisfações a outras pessoas, mas que também pode se transformar, em determinados momentos, em "terra de

escravos". Em um espaço "pequeno" e que não lhes proporciona o suficiente para a reprodução da família, o que os obrigam a ir "trabalhar no dos outros".

Chamamos a atenção, também, para o fato de que estudamos um grupo camponês situado em uma área marcada entre outras coisas pelo "fenômeno da seca". Mesmo não devendo ser transformado no único e nem mesmo no principal dado para se entender o significado da "liberdade", consideramos ser um dos definidores da singularidade do grupo pesquisado, o que com certeza marca suas "Falas de Liberdade".

RÉSUMÉ

L'objectif essentiel de cette étude est d'analyser les diverses significations qui entourent les "Paroles de Liberté" assez présentes parmi les paysans.

Notre recherche de terrain s'est réalisée entre les années 1990 et 1992, dans la zone rurale de la commune de Sumé (Cariri de la Paraíba). Pendant cette période, nous avons visité et maintenu contact avec divers groupes paysans. Nous avons réalisé des entrevues, recueilli des histoires de vie et fait de l'observation directe dans un de ces groupes.

Le matériel recueilli sur le terrain nous a donné les moyens d'analyser quelques significations du "parler" paysan. Et spécifiquement du "parler de la liberté". Appelant notre attention sur la signification stratégique du parler et des pratiques de groupes sociaux dans des contextes déterminés.

Ce fut en associant le "parler" paysan sur la sécheresse, la terre, le travail, les voyages et les diverses expériences vécues par le groupe ou par certains de ses membres que nous avons construit "un discours paysan de la liberté". Discours dans lequel la lutte pour le contrôle du temps et de l'espace se révèle comme un élément essentiel de la vie d'un groupe paysan de la région semi-aride du Nord-Est. Discours dans lequel chaque mot et chaque attitude, consciemment ou non, visent toujours la défense ou la réalisation de projets de "liberté". Ceux-ci ont des significations diverses: ils se rapportent à la nourriture qu'on a ou qui manque, ou aux voyages qu'on est obligé de faire, ou qu'on désire réaliser sans le pouvoir; ils attirent l'attention sur l'importance attribuée au fait du pouvoir se promener

sur ses terres et d'y jouir d'un espace "libre" pour travailler, marcher, se divertir et dormir sans devoir rendre compte à personne; mais espace qui peut aussi se transformer, à certains moments, en "terre d'esclaves"; en espace "petit", qui ne suffit pas à la reproduction de la famille, ce qui oblige à aller "travailler chez les autres".

Nous faisons aussi remarquer que nous étudions un groupe paysan situé dans une zone marquée, entre autres, par le "phénomène de la sécheresse". Même si celle-ci ne doit pas être vue comme l'unique ni même comme la principale donnée pour comprendre la signification de la "liberté", nous la considérons comme un des facteurs qui définissent la singularité du groupe enquêté et certainement marquent ses "Paroles de Liberté".

INTRODUÇÃO

1. Uma história não muito diferente...

Para o leitor que vai nos acompanhar a partir de agora não deve ser estranho a leitura de artigos, livros, dissertações e/ou teses sobre o campesinato. Essa é uma condição básica para o bom caminhar nas palavras, frases e parágrafos que vai encontrar pela frente. Caso nossa colocação inicial esteja correta, não duvidaríamos de que o nosso leitor também já caminhou por trilhas, estradas e quem sabe, veredas (no nosso "campo" fizemos muito isso!), em que teve que se defrontar com "personagens" ou temas por demais conhecidos, como "campesinato e capitalismo", "mercado de trabalho e campesinato", "salário e campesinato", "Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital", "a produção capitalista de relações não-capitalistas de produção" (1) e poderíamos continuar por mais algumas linhas e quem sabe, páginas, até chegar ao final, se é que existe, de uma relação bastante extensa.

Indagação do bom leitor: sim, e daí?

Responderíamos que esse teste que colocamos no início do trabalho tem um significado não muito heterodoxo, pois ele aparece com um papel bastante claro e quiçá já conhecido do leitor (senão pelo menos nos conforta saber que a academia o conhece muito bem): esclarecer, diferenciando, o que pretendemos estudar e em que sentido o nosso objeto de estudo ou a forma como o construímos não repete tantas outras obras

1. Estas expressões são títulos de capítulos, partes e subtítulos extraídos das obras dos seguintes autores: Luiz Eduardo Soares, 1981; Afrânio Garcia Jr, 1989; José V. T. dos Santos, 1978; e José de Sousa Martins, 1986.

e trabalhos que existem por esse Brasil a fora. Em outras palavras, estamos tentando mostrar em que sentido este estudo é marcado por um certo toque de originalidade, exigência mínima de muitos leitores, e porque não confessar, da academia.

Mas não vendamos gato por lebre e alertemos inicialmente o leitor de que o universo de palavras, expressões e conceitos em que vai ser obrigado a mergulhar em breve não é tão original. Muitos já disseram as mesmas coisas ou coisas parecidas. Outros já estudaram a temática de ângulos diversos e sob óticas também diversas. Em tudo o que já foi dito sobre o campesinato, que diga-se de passagem é muita coisa, sentimos, no entanto, algumas lacunas. Mas alertamos: não é nossa pretensão preenchê-las, e sim discutir uma delas: a "liberdade"-autonomia camponesa.

Alguém que está na platéia assistindo à tentativa do vendedor de vender seu produto mal acabado, poderia exclamar: "Epa! espere aí, eu já ouvi essa conversa em outro canto!" Outro vai dizer com certeza, "Esse filme eu já assisti!" E por aí vai. Confessamos: seria ótimo que aparecessem outros tantos interlocutores, pois obrigariam nossa conversa a se prolongar por mais alguns instantes e a permanecermos no centro da cena.

Sejamos mais claros: o problema é que no meio da vasta bibliografia produzida no Brasil a partir da década de 1960 sobre o campesinato, não conhecemos trabalhos de circulação nacional que tenham como objeto específico e precípua o estudo da "liberdade"-autonomia

a partir das próprias percepções e visões camponesas⁽²⁾. Ela aparece, às vezes aparece muito mesmo, mas aparece sempre no seio de discussões mais gerais em que não é o centro das atenções dos estudiosos: ora está incluída em um capítulo ou obra em que o centro da discussão é a relação entre campesinato e capitalismo (Luiz E. Soares, 1981), ora aparece em um item ou capítulo na discussão sobre as mudanças das relações sociais em uma determinada região do Brasil (Lygia Sigaud, 1979 e Afrânio Garcia Jr, 1989); pode também aparecer em discussões sobre o significado da "fronteira em movimento" (Otávio G. Velho, 1979); e quem sabe, mesmo que como em uma rápida corrida, em um estudo sobre a reprodução de "um campesinato marginal à *plantation*", em que se trabalha com a noção de "economia camponesa" (Beatriz Heredia, 1979).

No geral, consideramos os estudos acima referidos como legítimos e de alguns tomamos emprestados termos, informações, métodos de exposição etc, o que confirma a colocação anterior de que não partimos do nada e nem somos pioneiros. De alguns tomamos emprestados algo mais do

1

2. Pensamos que esta opção metodológica se aproxima, em certo sentido, da feita por Lygia Sigaud, 1979, ao estudar o processo de declínio das relações de *morada* em Pernambuco. Segundo a autora:

"Ao dirigir minha atenção para o caso de Pernambuco, não foi meu interesse realizar uma análise das transformações mais gerais da *plantation* açucareira para articulá-las às transformações recentes ocorridas na agricultura do país. A questão que me preocupou foi tentar compreender o significado da ruptura das relações tradicionais e da emergência de novas relações entre proprietários e trabalhadores para aqueles que estavam vivendo esse processo (...)" (p. 12)

que dados, métodos e conceitos, pois além disso chegaram a nos transmitir um certo espírito e confiança no exercício que estávamos realizando; já de outros não podemos dizer o mesmo, pois "tocam" no nosso objeto discutindo temas mais gerais, como os anteriores, só que de forma um tanto simplificada (especialmente José V. T. dos Santos, 1978) (3).

Mas que o leitor não imagine uma nova batalha teórica, pois nem de longe pensamos utilizar o espaço e tempo que temos com discussões com o autor acima citado. Embora consideremos que os três capítulos que compõem este trabalho coloquem, mesmo que implicitamente, objeções à leitura que José V. T. dos Santos faz do significado da "liberdade" camponesa.

Optamos por colocar o estudo do "discurso camponês de liberdade" como o centro de nossas reflexões e não como a periferia de questões maiores como a relação entre campesinato e capitalismo, sob qualquer uma das óticas em que já foi estudado. Para tanto, recorreremos basicamente às falas e experiências dos camponeses de uma área do municí-

1

3. Veja mais claramente nas páginas 10-12 dessa parte do trabalho, as nossas objeções a alguns aspectos da obra "Colonos do vinho", de José Vicente Tavares dos Santos, 1978.

pio de Sumé, Cariri Paraibano (4), e a vários estudos sobre o campesinato em que a discussão sobre a autonomia-"liberdade" camponesa merece alguma atenção.

Como o leitor observará, já afirmamos isso uma vez, a forma como conduzimos a construção do nosso objeto não exclui as discussões gerais sobre o campesinato e quase sempre as pressupõe. Esclarecida essa questão pedimos licença para não transformar nosso estudo em apenas mais uma discussão sobre a relação campesinato e capitalismo.

2. A "liberdade" camponesa pelo Brasil a fora

No afã de compreender o significado da autonomia-"liberdade" ou as visões camponesas de "liberdade" nos sentíamos profundamente felizes quando, lendo um trabalho sobre o campesinato, encontrávamos passagens como essas:

1

4. Alguns dados gerais que podem aproximar o leitor do Cariri Paraibano estão em Duqué, 1985:

"Situado no Centro-sul da Paraíba, o Cariri representa uma vasta porção do território do Estado - cerca de 25% - ocupando aproximadamente 15.500 Km²; ele conta com uma população de apenas 290.000 habitantes, com fortes predominâncias da população rural (72,6%)". (apud IBGE - 1980 - Censo Demográfico)

Sobre o clima e os índices pluviométricos:

"A Região do Cariri Paraibano é a mais seca do Brasil. O clima regional caracteriza-se por elevadas temperaturas (médias anuais em torno de 25^o), fracas amplitudes térmicas anuais, chuvas escassas, muito concentradas no tempo e irregulares, o que provoca fortes déficits hídricos". (p. 170)

E sobre a estrutura fundiária do Cariri, afirma Duqué:

"A estrutura fundiária da região é bastante concentrada. A ocupação revela a predominância do latifúndio, onde se pratica principalmente a pecuária hiper-extensiva". (p. 170)

"O colono é dono da terra onde planta. Não tem patrão."

"Ninguém manda no colono. Mesmo quem precisa arrendar, planta o que quer e vende pra quem quer."

"O colono é dono do seu nariz; faz o seu horário."

Giralda Seyferth, autora que reproduz essas falas de colonos de Santa Catarina, interpreta-as da seguinte forma:

"Afirmações como estas se situam no plano ideológico de construção de uma identidade genérica, coletiva, em oposição a uma identidade de assalariado (ou operário) que, paradoxalmente, também marca um grande número de pessoas classificadas como colonos. De qualquer forma, a simbologia acionada nos discursos sobre essa identidade camponesa se refere ao trabalho e à liberdade: constrói a imagem do colono que, ao contrário dos assalariados puros, tem liberdade de escolha, porque não tem patrão nem horário, embora exerça um ofício que exige dedicação, trabalho árduo, conhecimento tradicional, amor à terra etc(...)" (Seyferth, 1992:80)

Em um contexto diverso do estudado por Giralda Seyferth vemos Luiz Eduardo Soares em "Campepinato: ideologia e política", reproduzir falas de camponeses da "fronteira", que intercala com rápidos comentários:

"Lá (no Piauí) se vivia na prisão e aqui se vive solto. (...) Lá o camarada tinha que brocar, plantar e repartir o lucro todinho". O dono da terra "queria me manejar como se eu fosse escravo e eu não era".

Migrante do Ceará também valoriza positivamente Bom Jesus, num discurso exemplar do pensamento dominante entre os "chegantes": *"Lá eu era mandado. Aqui eu até agora ninguém me manda. Eu faço meu servicinho onde eu quero, não é?"*

Um morador de Bom Jesus elogia a liberdade em que vive e recorda com amargura suas experiências em Imperatriz, como "carregador": *"tem de obedecer chefe. É pior porque tem chefe".* Outro entrevistado confirma: *"... interior como esse aqui, que é liberto, a gente aqui faz o que quer e entende".* Mais um exemplo: *"o lavrador não depende de ninguém, não tem que prestar contas a ninguém".* (p. 214-215)

Em seguida, Luiz Eduardo Soares comenta,

"Esses trechos foram selecionados por sua representatividade e poder de síntese. Seria fácil multiplicar enunciados marcados pela ênfase na liberdade imperante em Bom Jesus". (p. 214-215)

Após a constatação e organização de falas em que os camponeses cantam a "liberdade", Luiz E. Soares mostra que há também um discurso em que esta é relativizada e em que aparecem mais fortemente as dificuldades e limites enfrentados pelos lavradores da "fronteira". Em seguida à reprodução de trechos de falas camponesas que relativizam a "liberdade", conclui Soares:

"Todas as remissões a discursos dos habitantes de Bom Jesus a nosso ver comprovam a pertinência e a realidade do grande dilema que tem confundido as teorias: a experiência entre os pequenos produtores rurais é dividida entre autonomia e dependência, liberdade relativa ao nível do processo imediato da produção e subordinação ao capital, correspondente à auto-exploração e às precárias condições de existência. O dilema está presente nos discursos dos próprios agentes envolvidos. Há oscilações nas interpretações, nas atribuições dos pesos relativos a cada face da realidade. Há variações no modo de hierarquizá-las. Mas invariavelmente se reconhece a "liberdade" e a miséria, a pobreza, o sofrimento, a exclusão da cidadania". (p. 218)

Podemos deixar por um momento a "fronteira" (localizada entre a parte mais oriental do Nordeste - Maranhão - e o Norte) e fazermos uma breve passagem pelo Nordeste. Mais precisamente pelo Estado de Pernambuco. Aqui encontramos Beatriz Heredia n'"A morada da vida" reproduzindo as seguintes falas de um camponês:

"A coisa melhor do mundo é trabalhar para a gente. Agora eu tava trabalhando no meu roçadinho, você chegou e nós com você viemos aqui e estamos conversando, né? Se eu estivesse ganhando meu salário, você nem lá ia... quer dizer que tudo que a gente tem por compromisso tem que fazer... O bom é a gente ser liberto mesmo, né, hoje a terra está molhada mas eu só trabalho se quiser, se não quiser ninguém faz eu trabalhar; mas se estivesse ganhando era obrigado a ganhar, senão não como. Tem melhor coisa que a gente viver por conta da gente? Mas não é? É mesmo".

Mais na frente, o mesmo pequeno produtor afirma,

"A vida do empregado, eles ganham, mas estão muito sujeitos porque o cabra tem que ir mesmo... No ganho é obrigado que a gente enfrente tudo". (p. 142-143)

Antes, porém, de reproduzir essas falas de um pequeno produtor pertencente a um "grupo camponês marginal à plantation de Pernambuco", a autora faz uma consideração que nos interessa:

"Apesar desta situação vivida como de privação com relação à terra, a ligação com ela, através do trabalho ali efetuado, significa a permanência do pequeno produtor enquanto grupo social. Conseguir manter-se na terra, tanto para o pequeno produtor quanto para o *foreiro*, significa conservar sua condição de *livres* em contraposição ao *morador* e ao trabalhador assalariado, que são considerados como *sujeitos*." (p. 141-142, grifos no original)

Deixando de lado por um instante o grupo estudado por Beatriz Heredia em Pernambuco, podemos subir um pouquinho no mapa e desembarcarmos na Paraíba. Mais precisamente entre os municípios de Areia e Remígio. Aqui o nosso diálogo é com "O sul: caminho do roçado" de Afrânio Garcia Jr. O diálogo com Garcia Jr é mais complexo. O autor estuda o processo de declínio da *Plantation* tradicional nessa área do Nordeste e o faz em um momento de mudanças nas relações sociais em que *ex-moradores* e senhores de engenho estão vivendo redefinições em suas vidas.

No seio dessas mudanças, o autor chama a atenção para o significado de uma oposição importante para as nossas reflexões:

"(...) qualquer que seja a posição ocupada no espaço social, ou trajetória, falando sobre si próprios ou sobre terceiros, ou ainda, sobre a totalidade do espaço social, o discurso se organiza em torno da oposição entre *libertos* e *sujeitos*. O uso mais frequente, mas não o único, associa *sujeitos* aos trabalhadores residentes nas grandes plantações e, *libertos*, aos demais." (p. 14)

Na obra de Afrânio Garcia Jr o leitor vai encontrar falas camponesas sobre a terra, como essas:

"É uma bolinha pequena, mas uma bolinha de ouro."

"prefiro morar no que é meu, só para não ser sujeito." (p. 53)

Em seguida, encontramos algumas idéias parciais do autor sobre o significado de trechos como os acima reproduzidos:

"A autonomia das atividades desempenhadas pelo grupo doméstico parece constituir um valor prezado em si mesmo. Frente a posições subordinadas no processo de trabalho, mesmo quando restritas a esta esfera, a relação com o resto do mundo social mediada por transações mercantis aparece com total autonomia e independência. Nesse sentido poderíamos dizer que o fetichismo de mercado afeta a própria identidade social desses agentes, vendo na circulação mercantil dos produtos apenas a relação entre objetos e não a interdependência entre os produtores daqueles objetos. Porém, este mesmo fetichismo é revelador de que a situação oposta a mercado não é "natural", mas sim uma subordinação pessoal do trabalhador ao proprietário de terras, designada por *sujeição*". (p. 57)

Em outro momento, Afrânio Garcia Jr mostra o significado do termo *sujeição* para ex-moradores:

"*Sujeição* pode, assim, designar tanto a subordinação dos membros da unidade doméstica, quanto a subordinação dos produtos da atividade doméstica. Estas dimensões não são, contudo, equivalentes, pois é a subordinação dos indivíduos da unidade doméstica, do uso de seus corpos e de seu tempo útil, a mais ressentida como *sujeição*." (p. 57)

Outra obra, que cerca de dez anos antes já havia discutido o declínio das relações de moradia e as novas condições de ex-moradores na cidade, poderia nos levar de volta a Pernambuco. Mais precisamente à região conhecida como Zona da Mata: "Os clandestinos e os direitos", de Lygia Sigaud, 1979. Mas não faremos essa viagem porque ela nos traria informações em certo sentido muito próximas às de Afrânio Garcia Jr, 1989. Ao invés disso, faremos uma viagem muito mais longa e retornaremos ao Sul do país com "Colonos do vinho" de José V. T. dos Santos, 1978.

Nas palavras marcadas pelo sotaque sulista de descendentes de colonos italianos, vemos:

"Pra mim é um grande coisa, tô achando, tô um pedaço de tera. Porque a gente tê tera qué dizê que a gente num pode dependê muito dos otros. Porque quando eu tenho a tera eu faço por mim mesmo, né. Non tendo a tera, a gente tem de andá debaxo de dono, né. Qué dizê, assim eu sô dono, né. E assim tô vivendo na tera; se non tivesse a tera non posso sustentar a família. Só empregado é brabo, porque com salário a gente non pode vivê bem. E assim vô me criando, eu, a família junto, no tereno. É uma grande coisa pra mim tê meu tereno. Tivesse mais, melhor ainda. (p.137)

O comentário que o autor faz em seguida diz que,

"A propriedade privada da terra aparece como determinante da autonomia do camponês(...). Essa autonomia é construída em oposição à sujeição a um proprietário que a não-propriedade acarretaria (...). Nessa linha, diferencia-se do trabalhador (assalariado), avaliando a situação social deste como precária(...)". (p. 137)

José Vicente T. dos Santos intercala as falas de autonomia-"liberdade", proferidas pelos colonos, com algumas denúncias à subordinação a que estão submetidos, ao que o autor denomina de "burguesia industrial". Sua conclusão do item "A propriedade privada da terra", sobre o significado da autonomia camponesa, diz:

"Se para o camponês a propriedade da terra é possibilitada de um controle do processo de trabalho, isto necessariamente há de ser uma forma ideológica marcando sua consciência, ou seja, uma representação de sua existência que é necessariamente aparente na medida em que as condições reais de efetivação da independência do seu processo de trabalho foram subtraídas pela dominação do modo de produção capitalista". (p. 139-140, os grifos são nossos)

Aqui, sugerimos uma pequena tarefa ao leitor: vá à sua estante, pegue o livro "Colonos do vinho", no final do item "A autonomia do trabalho", veja direitinho, é entre o final da página 144 e o início da 145. Encontrou? É algo muito parecido com o trecho que reproduzimos por último. Não temos certeza da leitura que você fez, leitor. Nós, no entanto, consideramos a leitura de José V. T. Santos sobre o significado da autonomia camponesa e a noção de ideologia com que trabalha insuficientes para analisar a autonomia-"liberdade" camponesa, principalmente por conta do forte teor economicista que informa suas reflexões (5).

Se por acaso você, leitor, não possuir a obra, o último trecho reproduzido nos parece suficiente.

1

5. Mais uma vez chamamos a atenção do leitor para o sentido que estamos dando a estas colocações. Não é intenção nossa fazer um debate exaustivo com José V. T. dos Santos ou com qualquer outro autor e, ao final, sem possibilidade de tréplica, provarmos que ele está equivocado. Apenas tentamos demarcar um pouco (e de forma superficial, isto é uma opção) os tipos de abordagens de que mais nos distanciamos nesse estudo.

Luiz Eduardo Soares (1981:169-227) e Bernadete Ramos Beserra (1989:3-7), respectivamente, discutem mais profundamente e com perspectivas diferentes da de José V. T. dos Santos sobre a relação camponês e capitalismo e sobre ideologia.

Nas nossas objeções a José V. T. Santos, 1978, consideramos as ponderações de Otávio Guilherme Velho na Apresentação da obra de Luiz Eduardo Soares, 1981: "Todo trabalho deve ser entendido no seu contexto, o que supõe reconhecer-se os diversos momentos da dinâmica do debate intelectual em conjunturas específicas" (p. 12), o que mostra que o conhecimento é também histórico e que conjunturas políticas podem explicar certas características de um processo, fato ou fenômeno. Mas isso não pode ser tudo, pois se assim o fosse haveria um contrassenso e o caráter histórico do conhecimento nas ciências históricas e sociais cessaria.

Poderíamos continuar reproduzindo falas e interpretações de estudiosos sobre a "liberdade"-autonomia camponesa por todos os cantos do mapa do Brasil: de norte a sul, de leste a oeste encontraríamos relatos camponeses parecidos com os que vimos acima e comentários e interpretações desses relatos também próximos aos que reproduzimos (que não são exatamente iguais). Aliás, poderíamos inclusive deixar nossas fronteiras políticas e adentrar em outros países da América Latina e o resultado não seria tão diferente do já observado (cf José V. T. dos Santos et al, 1985).

Mas não é essa a intenção. Veja: reproduzimos os trechos acima apenas com o intuito de mostrar a pertinência do nosso tema e não para fazer uma análise de cada uma das passagens. O exercício tem mais o sentido de um mapeamento da questão.

*

Nas falas de camponeses e colonos que reproduzimos anteriormente fluem com muita facilidade expressões e palavras mostrando os significados que a terra e o trabalho na terra têm para o pequeno produtor (mesmo que tanto uma como o outro transcendam o universo rural e incorporem de formas diversas práticas e experiências da sociedade em geral). São palavras e expressões que comportam experiências sociais⁽⁶⁾ e são marcadas também por lutas e conflitos políticos e ideológicos.

Esses aspectos das falas camponesas e seu caráter geral, também presente em falas e atitudes dos camponeses do Cariri Paraibano, foram por nós transformados em termos que, acreditamos, nos ajudam na sua compreensão. Esse é um dos significados que tem a noção de "formação discursiva", segundo Eni Pulcinelli Orlandi, 1988:108: "Ela (a noção de "formação discursiva") é fundamental para o analista de discurso porque permite apreciar o modo de inscrição histórico pelo qual uma dispersão de textos pode ser definida como um espaço de regularidades enunciativas".¹

6. Em um contexto bastante singular, em que faz uma crítica ao pensamento de Althusser, E. P. Thompson (1981:16-17) nos fornece algumas pistas sobre a noção e o significado do termo "experiência" que, pensamos, pode também ser utilizado para compreender o significado das falas dos camponeses de Pau Darco:

"(...) O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem a *experiência* modificada; e essa *experiência* é *determinante*, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. A *experiência*, ao que se supõe, constitui uma parte da matéria-prima oferecida aos processos do discurso científico da demonstração."

Em outra passagem,

"A *experiência* entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas *experiências* gerais, velhos sistemas conceptuais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença".

Consideramos que os significados que as falas camponesas sobre "liberdade" adquirem em determinados contextos, possam ser aproximados desse termo, que nos desloca um pouco de cada fala e atitude individual observada em campo e torna possível sua análise em uma perspectiva teórico-metodológica.

Naturalmente, se pararmos por aqui, quando construímos "estruturas" em torno de ações e experiências sociais nem sempre tão fáceis de moldar, vamos ter um exercício incompleto, muito mais parcial do que normalmente são esses exercícios. Afirmamos ainda que, além de suas características gerais, as visões camponesas de "liberdade" se nutrem da história específica de cada grupo camponês; das trajetórias vividas pelos mais diversos camponeses e grupos que existem por esse Brasil a fora; das experiências de cada camponês e do grupo no qual está inserido; das pressões que sofrem de outros grupos e valores sociais com os quais convivem e se relacionam, muitas vezes conflituosamente; de alguns fatos singulares que vivem; e do significado que tem suas experiências.

Colocada essa dimensão, a do sentido singular que marca a história de cada grupo e, em particular, o que pesquisamos, vamos perceber que a "liberdade" camponesa se reveste de significados diversos, mesmo que em muitos sentidos parecidos com os vividos por outros grupos.

Ao significado de falas e atitudes que associam "liberdade" à terra, ao trabalho autônomo na terra, à seca, ao trabalho no "alugado" ou "no carvão", às viagens para o "sul" ou outros municípios Nordesteiros; ao significado que davam às suas falas quando eram entrevistados e os contextos em que aconteciam entrevistas e conversas informais; às artimanhas e estratégias utilizadas em cada momento para nos atrair e nos convencer a ser um "porta-voz" do grupo diante de autoridades.

des, governantes, "políticos" e "ricos"; cada atitude, palavra, expressão, atividade foi aproximada às falas sobre "liberdade" e é a análise dos significados dessas "práticas discursivas" que estamos denominando "discurso camponês de liberdade".

Foi com a observação desse conjunto de práticas, de relatos sobre experiências, do significado que sempre tentavam incutir às suas palavras e atitudes, eivadas de interesses diversos; foi observando as recorrências de falas que associavam terra à liberdade ou a não liberdade; foi tentando compreender o significado de cada associação, de cada construção, de cada peça que tentavam nos pregar que construíamos, utilizando as falas de camponeses do Cariri Paraibano, um "discurso camponês de liberdade". O leitor em breve verá mais detalhadamente o resultado de nossa construção. Antes, porém, faremos um pequeno passeio por outros momentos dessa construção.

3. O primeiro intervalo para duas histórias: como e por onde caminhamos

3.1. Os primeiros passos para a construção do objeto

Foi na segunda metade do ano de 1986. Mais precisamente no mês de julho, iniciamos nossa participação em um trabalho que, com alguns percalços, desembocaria cerca de seis anos depois nesta dissertação. Naquele ano, fomos convidados a participar como "Educador de Base" do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural (CENTRU). A nossa tarefa era realizar cursos de formação sindical para membros de diretoria e sócios dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Serraria, Borborema (o município de Alagoa Grande fazia parte da área de atuação das atividades de formação sindical, mas estava a cargo de outro

"educador de base") (7).

A experiência durou apenas seis meses e em janeiro de 1987 estávamos desempregado. Foi uma experiência rápida... mas deixaria marcas que não seriam tão fugazes como o tempo que durou. Vejamos porque. Em 1987, decidimos fazer a monografia de conclusão do Curso de História da UFPb (Campus II) sobre a história do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande. A escolha era justificada por ser Alagoa Grande um dos municípios canavieiros em que o CENTRU atuava e durante o período que atuamos no Centro terminamos criando laços de amizade com membros da diretoria do Sindicato.

Muito embora a pesquisa para a elaboração da monografia de conclusão de curso tenha sido realizada em Alagoa Grande, em 1987, a questão que nos perturbava havia surgido durante a experiência de seis meses no CENTRU, em 1986. Ela aparecia da seguinte forma: fomos contratados para realizar cursos de formação sindical em municípios canavieiros e esses cursos tinham como principal objetivo formar lideranças sindicais. Repassávamos para sindicalistas e sócios cursos que colocavam como principal bandeira de luta dos trabalhadores rurais reivindicações trabalhistas, como: pagamento do salário, assinatura da carteira de trabalho, cumprimento por parte dos patrões dos dissídios coletivos etc

7. Os municípios de Serraria, Borborema e Alagoa Grande estão situados na região canavieira da Paraíba, mais conhecida como "Brejo Paraibano".

O material e as orientações que recebíamos insistiam muito na percepção de que era através do estímulo às reivindicações trabalhistas que se mobilizaria os trabalhadores da área. E todas as idéias, cursos, palestras e intervenções estavam voltadas para atingir esse objetivo.

No entanto, em alguns encontros, etapas do curso e conversas informais, ouvíamos vozes distoantes daquelas que considerávamos naturais: trabalhadores e líderes sindicais de quando em vez afirmavam ser a terra, a obtenção de terra que tornaria suas vidas melhores. Por mais que insistíssemos na memorização das lutas trabalhistas aparecia sempre um ou outro chamando a atenção para a importância da terra e da reforma agrária.

Os cursos e seminários com trabalhadores rurais se foram e decidimos fazer nossa pesquisa em Alagoa Grande pelos motivos que já expusemos acima. No segundo semestre de 1987 fizemos uma coleta de documentos no STR local, conseguimos alguns documentos sobre a assessoria prestada pelo CENTRU a alguns sindicatos do Brejo e fizemos algumas entrevistas com sindicalistas e trabalhadores rurais (entre os quais, alguns pequenos produtores) de Canafistula, distrito de Alagoa Grande.

Nas entrevistas realizadas em Alagoa Grande mais uma vez apareciam falas que colocavam a terra como a principal aspiração dos trabalhadores rurais e, agora, acompanhadas de algumas palavras e expressões que nunca esquecemos: a propriedade de um "pedaço de terra" era associada à "liberdade". Era "liberto" ou se considerava "liberto" o trabalhador que possuía terra. E o "trabalho na usina", bastante presente no universo dos trabalhadores rurais do Brejo Paraibano, era associado à *sujeição* ou ao "cativeiro".

O material e as orientações que recebíamos insistiam muito na percepção de que era através do estímulo às reivindicações trabalhistas que se mobilizaria os trabalhadores da área. E todas as idéias, cursos, palestras e intervenções estavam voltadas para atingir esse objetivo.

No entanto, em alguns encontros, etapas do curso e conversas informais, ouvíamos vozes distoantes daquelas que considerávamos naturais: trabalhadores e líderes sindicais de quando em vez afirmavam ser a terra, a obtenção de terra que tornaria suas vidas melhores. Por mais que insistíssemos na memorização das lutas trabalhistas aparecia sempre um ou outro chamando a atenção para a importância da terra e da reforma agrária.

Os cursos e seminários com trabalhadores rurais se foram e decidimos fazer nossa pesquisa em Alagoa Grande pelos motivos que já expusemos acima. No segundo semestre de 1987 fizemos uma coleta de documentos no STR local, conseguimos alguns documentos sobre a assessoria prestada pelo CENTRU a alguns sindicatos do Brejo e fizemos algumas entrevistas com sindicalistas e trabalhadores rurais (entre os quais, alguns pequenos produtores) de Canafistula, distrito de Alagoa Grande.

Nas entrevistas realizadas em Alagoa Grande mais uma vez apareciam falas que colocavam a terra como a principal aspiração dos trabalhadores rurais e, agora, acompanhadas de algumas palavras e expressões que nunca esquecemos: a propriedade de um "pedaço de terra" era associada à "liberdade". Era "liberto" ou se considerava "liberto" o trabalhador que possuía terra. E o "trabalho na usina", bastante presente no universo dos trabalhadores rurais do Brejo Paraibano, era associado à *sujeição* ou ao "cativeiro".

Essas descobertas nos envolviam cada vez mais e terminaram nos colocando diante de interrogações que despertavam vontades: qual o significado de termos como "liberto", "liberdade" no universo camponês? Por que a colocação recorrente de falas contrapondo "liberdade" à sujeição? Qual o significado de oposições como essa na reprodução de um grupo camponês ou do próprio campesinato?

Mas não foi só isso. Além das interrogações sobre o que pensávamos ser uma descoberta, vivemos momentos de medo e dúvidas e chegamos por diversas vezes a imaginar se aquilo tudo não passava de uma miragem. Ou melhor, uma invenção de estudante sonhador, que não dispensa nenhum pretexto para continuar na academia e por isso vive sempre "descobrimdo" temas, fatos e motivos que possam alimentar seus projetos.

A nossa sorte foi, sem dúvida, as descobertas feitas mais tarde, como aluno do Mestrado em Sociologia. Encontramos em parte da literatura sobre o campesinato análises e falas camponesas que confirmavam a pertinência de nossas interrogações. A "liberdade" existia! Foi por isso, leitor, que iniciamos o item 2 dessa introdução afirmando que "nos sentíamos profundamente felizes quando, lendo um trabalho sobre o campesinato, encontrávamos passagens" que falavam da "liberdade" camponesa.

Continuemos os relatos.

Concluimos com muitas dificuldades a monografia e a defendemos no penúltimo dia do mês de dezembro de 1987. Tinha como título: "Gritos contra o silêncio: Sindicalismo rural e lutas cotidianas dos trabalhadores do Brejo Paraibano - 1960-1987". Quem ousar procurar nesse trabalho uma discussão sobre "liberdade camponesa" vai ter uma pequena

decepção. Não discutimos a questão. Mas a importância de todo esse relato está exatamente no que não conseguimos fazer no ano de 1987, pois foram algumas daquelas interrogações que retomamos em 1989, quando escolhemos o tema do projeto de pesquisa do Mestrado em Sociologia.

Para a elaboração do projeto de pesquisa, tínhamos como principal alibi as lembranças de algumas falas de trabalhadores rurais de Alagoa Grande fazendo a contraposição entre o "trabalho sujeito da usina" e o trabalho "liberto" em sua terra, e as nossas dúvidas, interrogações e vontade. Juntamos a isso algumas fitas mal gravadas (pois quase todas eram regravadas), que conservamos em nossos arquivos. Nelas, encontrávamos rápidas passagens colocando questões que refrescavam nossa memória. Era tudo o que precisávamos. Ao menos, imaginávamos assim.

Com as dificuldades e angústia habituais fizemos e defendemos o projeto de pesquisa no Mestrado em Sociologia e pronto! Pronto? Não, falta ainda uma importante observação. Mesmo no projeto tendo definido como área para a realização do "campo" o município de Alagoa Grande, houve uma mudança por sugestão da banca examinadora. Argumentaram que talvez fosse mais interessante realizá-lo em outra área que não o Brejo, pois muitas pesquisas e trabalhos já haviam sido realizadas nessa "região". Aceitamos a sugestão e decidimos fazê-lo na zona rural do município de Sumé, Cariri Paraibano. A justificativa mais forte: era o nosso município de origem.

Sem saber da sua dimensão, trazíamos na bagagem para a realização do campo em um município do Cariri Paraibano um problema: havíamos tido contatos iniciais com uma problemática em uma área ecológica e historicamente diversa daquela em que realizaríamos a pesquisa. Sinceramente não percebíamos naquele momento a dimensão e o signifi-

cado metodológico da nossa atitude. Essa descoberta só se deu algum tempo depois.

Ao final do primeiro ano de pesquisa, havíamos escolhido dois sítios⁽⁸⁾ para a realização do campo (veja item seguinte), mas vínhamos acolhendo pouca receptividade à discussão do nosso objeto. Vejam porque: fomos para campo com um misto de questionário-roteiro com que pretendíamos obter informações indiretas que fossem subsídios para a discussão do "Discurso camponês de liberdade" (é o título do projeto de pesquisa). Sofremos um choque e uma decepção: nas primeiras quinze entrevistas que fizemos com habitantes do sítio Olho D'água Branco, poucas menções espontâneas foram feitas à "liberdade" e autonomia camponesas. Era desanimador. Não conseguíamos organizar e refletir aquelas poucas referências à "liberdade".

Continuamos a discutir com nossa orientadora sobre esses problemas mas só no final do ano de 1991 é que descobrimos outro caminho.

1

8. Este é o termo mais utilizado pelos camponeses dos diversos grupos que conhecemos durante a pesquisa para se referirem à área em que possuem a terra e em que moram com a família. A partir daqui vamos utilizá-lo quando fizermos referências ao local de moradia de alguns grupos camponeses com que mantivemos contatos durante o campo.

O cenário é um pouco diferente: João Pessoa, 12 de dezembro de 1991, Reunião Anual da Anpocs/Interamerican. Apresentamos o relatório semestral do projeto de pesquisa do Concurso IAF/ANFOCS para o Norte/Nordeste e tivemos o comentário-crítica do professor Moacir Palmeira. Fomos interrogados sobre os problemas da nossa pesquisa, esclarecemos um pouco a história e recebemos uma sugestão: ao invés de esperar que as falas sobre "liberdade"-autonomia aparecessem espontaneamente, por que não elaborar um novo roteiro para retornar a campo com perguntas diretas sobre o significado da "liberdade" para os camponeses?

Fizemos isso e vimos os resultados aparecerem. Tínhamos, em janeiro de 1992, ao final de três semanas de campo, cerca de vinte horas gravadas com entrevistas e histórias de vida, e três cadernos com informações diárias sobre o período em que estivemos no sítio Pau Darco. E mais: muitas informações, conseguidas também através da observação direta, sobre os significados da "liberdade" camponesa.

Acompanhe, agora, leitor, mais detalhadamente, alguns caminhos que percorremos para conseguir os dados que informaram nossas reflexões.

3.2. Os caminhos tortuosos e "secos" para a coleta de dados

No dia 14 de abril de 1990, por volta das 8:30 horas, chegamos pela primeira vez na área onde realizamos parte do nosso campo. Nos acompanhava na ocasião, J. U., que foi quem nos introduziu em Olho D'água Branco e nos colocou em contato com mais três sítios do município de Sumé.

Final da primeira quinzena de abril e até aquele momento as chuvas não haviam caído. Sentíamos no ar e nas conversas o cheiro "perigoso" da seca. Todas as conversas e expressões das pessoas com quem conversamos estavam voltadas ou faziam referências à seca, que mostrava sua cara e suas marcas desde o primeiro momento do campo. Ademais, nos acompanhou durante os dois anos em que realizamos a pesquisa.

A cerca de 12 quilômetros de Olho D'água Branco, sítio onde estávamos, fica a Fazenda Bananeira ou o Distrito de Pio X, como é mais conhecida a propriedade pertencente à família de J.U.. É o local que sedia a Associação de Pequenos Produtores que abrange camponeses de vários sítios das proximidades de Pio X. J.U. era o presidente da Associação. Foi quem nos colocou em contato com habitantes dos sítios Olho D'água Branco, Pelelê, Jaguaribe e Pau Darco. Um dos significados dessa mediação vai ser conhecido pelo leitor no capítulo III deste trabalho.

A mediação era basicamente a nossa apresentação aos moradores de cada sítio, a partir daí ficavam por nossa conta os contatos posteriores com pessoas do lugar.

No mesmo dia 14 de abril, conhecemos ainda Pio X e o sítio Pelelê. No dia seguinte, voltamos a Olho D'água Branco para uma reunião e conhecemos também o sítio Jaguaribe.

Após esse contato inicial de dois dias no mês de abril, só retornamos a campo no mês de agosto de 1990. Foi entre os dias 17 e 27 de agosto. Nesse período, circulamos entre Olho D'água Branco, Pio X e Pau Darco e iniciamos as primeiras entrevistas em Olho D'água Branco.

Durante o resto do ano de 1990 e todo o ano de 1991, estivemos cerca de oito vezes entre os sítios Olho D'água Branco e Pau Darco e

foi em viagens esporádicas como essas (duravam três, quatro dias no máximo), que entrevistamos cerca de vinte e cinco pequenos proprietários e sem terras (basicamente homens que moram e trabalham nas terras dos pais de suas esposas) e gravamos cerca de trinta e cinco horas de fitas. Fazíamos também anotações em um Diário de campo de todas as conversas gravadas ou informais que tínhamos e de certas atitudes e atividades que considerávamos importantes para nosso trabalho.

Mas foi no mês de dezembro de 1991 que, junto com as redefinições na forma de abordar nosso objeto (colocadas no item anterior), decidimos após conversa com a orientadora, escolher apenas um dos sítios e grupos camponeses para a conclusão do campo. Retornamos a campo no mês de janeiro de 1992 e passamos três semanas em Fau Darco. Fizemos entrevistas com dois moradores, histórias de vida com outros dois e convivemos principalmente com duas famílias durante as três semanas. Ao final, tínhamos perto de vinte horas de fitas gravadas e muitas anotações sobre o dia a dia dos habitantes do lugar: as atividades, as habitações, o lazer, o trabalho, a feira, as "questões" ou brigas etc

Outras passagens desse momento e de outros momentos do campo, o leitor vai conhecer no decorrer do próprio trabalho.

Antes, porém, como já disse uma vez Sidney Chalhoub (1990:26) se referindo ao mesmo exercício, "leva também um mapa", pois a caminhada pode ser demasiada longa ou os caminhos tortuosos:

Iniciamos com um capítulo que tem o objetivo de colocar o leitor diante das falas de dois personagens significativos para a nossa construção. Além de reproduzir trechos e relatos de suas falas e experiências, e do significado que estas últimas têm em suas vidas, pensamos

também tornar público alguns significados que podem adquirir a "liberdade" em determinados contextos. Mas também, e muito significativamente, nunca deixamos de pensar na possibilidade de construir um capítulo em que o leitor pudesse se sentir, como nós, próximo, bem próximo de Pau Darco e de pessoas como José Jurandí e seu João Miguel.

No segundo capítulo, a nossa intenção foi envolver outras falas e habitantes de Pau Darco para tentar compreender quais os significados da "terra e da relação com a "terra", das "relações de trabalho" e da "seca" na construção de suas visões de "liberdade". Consideramos que desvendar os significados com que esses termos e experiências aparecem na vida dos camponeses do Cariri Paraibano pode ser uma boa pista para compreendermos melhor suas visões de "liberdade".

O último capítulo foi pensado em três direções: primeira, levar o leitor a conhecer um pouco da história das terras de Pau Darco e da vida de seus habitantes; segunda, reconstituir alguns significados das trajetórias que os habitantes de Pau Darco fizeram entre o campo e a cidade; e a terceira, que perpassa todo o capítulo, compreender e analisar os vários significados e dimensões em que a "liberdade" camponesa é pensada e vivida.

Na conclusão, tentamos refletir um pouco sobre alguns significados que podem ser percebidos nas falas do grupo pesquisado. Ao mesmo tempo, retomamos um pouco à discussão sobre as condições e o contexto em que obtivemos os dados básicos para a elaboração deste trabalho, e o significado da nossa construção.

CAPITULO I: LIBERDADE: "A PALAVRA QUE SIGNIFICA MUITAS PALAVRAS"

INTRODUÇÃO

Iniciar o trabalho com um capítulo em que se tenta reconstituir as visões de "liberdade" de dois camponeses a partir de suas falas tem, para nós, alguns significados: primeiro, é uma tentativa de iniciar o leitor no universo mental e social de Pau Darco, através das falas de pessoas bastante importantes na construção do nosso trabalho. Segundo, porque a pesquisa de campo é tanto um exercício "científico" como um marco em nossa vida e, ao seu final, temos a academia e a sociedade (muito mais a primeira) com suas reflexões sobre um grupo social e também as relações entre nós e o grupo pesquisado, que podem permanecer por muito mais tempo do que o período de duração do "campo".

Nas lembranças e contatos que ainda mantemos com o pessoal de Pau Darco povoam nossa mente imagens de figuras inconfundíveis, singulares, belas, rebeldes, agressivas, mas sobretudo imagens de gente. Gente desconfiada, como vimos no encontro que tivemos na segunda visita ao lugar:

Foi no dia 27 de agosto de 1990, por volta das 10:00 horas. Era o primeiro contato coletivo que estávamos mantendo com os habitantes de Pau Darco. A "reunião", como alguns denominavam aquele encontro, tinha como objetivo informar e esclarecer às pessoas os motivos de nossa presença na área e ao mesmo tempo ter uma resposta sobre a possibilidade de realizarmos a pesquisa.

No decorrer da conversa percebemos muitos olhares e expressões de dúvidas e desconfianças. Mas a expressão e atitude mais marcante nos foi transmitida por um senhor que ao ouvir-nos falar dos "governantes, políticos e ricos" se levantou de repente e começou a dizer em voz alta, que "os trabalhadores pobres não podem falar muito", pois "os homens podem não gostar" e utilizar alguma represália contra os habitantes do lugar.

Mesmo assim, conseguiram superar, muitos de forma até melhor que nós, os momentos tensos que marcam o início de uma pesquisa de campo (cf Luiz E. Soares, 1981; Afrânio Garcia Jr, 1989; e Lygia Sigaud, 1979) e abriram o caminho para que a pesquisa pudesse acontecer exatamente naquele lugar.

A história e trajetória de habitantes de Pau Darco; a forma como falam e relatam as experiências vividas; o significado que dão a cada momento de suas vidas; a emoção com que falam de certos momentos e acontecimentos; a angústia, o medo, o silêncio e a esperança que povoam seus relatos; a reconstituição e descrição das falas e relatos de pessoas com quem convivemos vão aparecer como falas de dois componentes de Pau Darco, principalmente as passagens sobre as percepções camponesas de "liberdade". Esse é o terceiro significado da construção desse capítulo.

Os personagens que protagonizam essa parte do trabalho foram surgindo paulatinamente com a pesquisa de campo. Foram sendo escolhidos para "representar" a história do grupo à medida em que iam se "mostrando" para nós em reuniões, conversas informais e bate-papos, mas também pelo interesse que tiveram em nos atrair com simpatias e convites para futuros encontros e entrevistas.

Os camponeses que escolhemos não são lideranças do grupo, não são reconhecidos enquanto tal, não foram indicados pelos nossos "contatos", nem foram indicados por outros do lugar (1). Foram simplesmente se transformando a cada momento, em cada espaço, em cada encontro, no centro de interesses da pesquisa e para isso contribuíram questões bem diversas, como: simpatia, vontade de conversar, conhecimento do lugar, experiências de vida marcadas por fatos que nos interessavam e até, não se surpreenda, leitor, por versos (um deles, Jurandi, é "poeta", como costumam falar). E foi assim que foram se transformando em potenciais "representantes" dos habitantes de Pau Darco. Habitantes que com certeza não têm exatamente a cara de José Jurandi (com "i" no final e não com "ir", como fomos lembrados várias vezes) e do Sr. João Miguel, mas que viveram e guardam na memória, algumas experiências comuns.

1

1. Durante todo o período de campo em Pau Darco as únicas referências e atitudes que se aproximavam da aceitação e reconhecimento de uma "liderança" foram feitas em relação ao Sr. Pedro Nogueira, é um pequeno proprietário do Sítio Caiçara (vizinho a Pau Darco), tem laços de parentesco com a esposa de um dos herdeiros de Pau Darco e já foi vereador do município de Sumé em cerca de três legislaturas.

Mas as referências positivas e de estima em relação ao Sr. Pedro Nogueira estão quase sempre relacionadas ao papel que desempenhou na partilha das terras de Pau Darco entre os herdeiros. Destacam o seu papel justo e sua sensibilidade em ter conseguido fazer a partilha sem conflitos e em conseguir manter cada herdeiro com mulher e filhos no lugar onde morava quando o Sr. Manoel Divino Ferreira ainda era vivo.

Não pretendemos nesse capítulo exatamente contar a história de dois camponeses de Pau Darco e muito menos contar a história do lugar e do grupo que o habita, mas reconstituir os significados da "liberdade", a partir de suas falas. É o que veremos agora.

I- JOSÉ JURANDI FERREIRA

1.1. Liberdade...? Iludismo: representações do campo e da cidade

A conversa ocorreu numa manhã de sol, no dia 09 de setembro de 1990, na casa do Sr. José Rosa, ex-morador e hoje pequeno proprietário que mora há cerca de cinco anos em Pau Darco. Havíamos chegado à sua casa por intermédio de José Jurandi, que "ouviu falar" do nosso interesse em conversar "com os mais velhos", que podiam informar melhor sobre a história da "antiguidade do lugar". Na casa do Sr. José Rosa vivia o avô de sua esposa que tinha, segundo informações correntes, cerca de cento e cinco anos.

A conversa com o Sr. José Paulino, "o homem mais velho do lugar", acabou não ocorrendo, porque o mesmo não conseguia falar, ou o fazia com muita dificuldade e de forma incompreensível. Após cerca de meia hora de tensas tentativas sem resultados, desistimos. Algumas pessoas lamentaram a impossibilidade de gravar uma entrevista com o Sr. José Paulino. Nós... ficamos desapontados. Era um começo difícil em mais um dia de pesquisa.

No momento seguinte, fomos convidados a sentar e passamos a ser interrogados sobre os interesses e as intenções de nossa pesquisa. Algumas perguntas feitas pelos presentes foram respondidas pelo próprio Jurandi, que desde cedo foi descobrindo os "segredos" do pesqui-

sador e informando sobre os nossos interesses e a importância que considerava que a pesquisa tinha para os "trabalhadores pobres do campo" e especificamente para os de Pau Darco. Após várias explicações sobre o trabalho, a vida e a nossa origem passamos a conversar sobre questões do dia a dia das pessoas: a vida dos trabalhadores do campo e da cidade, os tempos de "crise" que os habitantes do lugar estavam vivendo, as crenças e valores das pessoas presentes etc. Nessas conversas, como é de costume, procuramos ficar atentos para todas as informações "importantes" que circulavam, estimulamos a fluência de informações, fizemos perguntas sobre questões que nos interessavam e em certo momento criamos coragem e deixamos claro para os presentes que aquelas interessavam ao trabalho e que considerávamos importante registrá-las. Mostramos o lápis e o papel que sempre estavam às mãos e falamos também no famoso gravador, que foi a opção mais fácil e prática no momento. Perguntamos se podíamos usá-los, os presentes num misto de timidez, curiosidade e desconfiança responderam... que sim! o que nos deixou bastante aliviados, afinal de contas parecia que uma barreira já havia sido vencida, a da desconfiança e medo de se expor a uma gravação feita por um estranho. Era a impressão inicial.

Foi assim, na sala de uma casa construída com taipa e alvenaria, (2) na presença de seis pessoas, todos homens (as mulheres ficavam à distância, na cozinha preparando tira-gostos ou nos quartos conversando. Raras vezes e muito timidamente apareciam na sala), que Jurandí, o mais eloquente (na linguagem corrente, o mais "conversador"), começou a falar sobre suas experiências:

1

2. As casas em Pau Darco são construídas de três formas: a) existem as de tijolos e alvenaria (metade das 29 casas construídas em Pau Darco); b) as construídas só de taipa (cerca de 10 casas); e c) as construídas parte de tijolos e alvenaria e parte de taipa (cerca de 5 casas).

Nas observações que registramos sobre as habitações de Pau Darco encontramos semelhanças muito fortes com as do grupo

"(...) Hoje se o cabra tem com que fazer cem mil cruzeiro, vamos supor, já quer tocar um comércio pra frente, já não quer mais tá no sítio. Mas deixa que no sítio é onde está toda liberdade da gente. É o sítio, tu sabe disso, né?"

- Tu achas que no sítio tem mais liberdade?

- Só pode...

- Por que tem mais liberdade?

- Eu vejo que no sítio tem mais liberdade porque a gente aqui, nós num somos empregado, pelo menos nós somos liberto. O cabra num sendo empregado já é muita coisa. Nós trabalha três ou quatro dia na semana, quer dizer que dá pra gente arrumar a bóia, ou ruim ou boa você sabe, pobre, quando pode comer bem come, quando pode passar mal... (...) Eu digo que a liberdade do sítio, pelo menos nem pernlonga aqui encontra. E a cidade hoje, você sabe, meio mundo de esgoto e pernlonga, é onde tem, é a cidade. Só em ter a liberdade de dormir aqui à vontade e não ser prejudicado devido a um bicudo vim da serra querer pegá nós..., que outra coisa nós aqui não temos. Pra que uma liberdade maior que essa? Você, que acha?

- Eu gosto de ouvir isso que você tá dizendo aí... Tem muita gente que diz isso, tem essa mesma opinião...?

"Olha, aqui a gente diante de uma televisãozinha que tem no sítio, quem quer ir vai quem não quer dorme a noite inteira... A cidade nem dormir sequer não dorme com o barulho, com zuada. Quer dizer que isso não é liberdade. A gente não é liberto como é no sítio. Aonde é que tem sossego? No sítio! Cidade, ninguém diga que tem sossego em cidade que não tem não. Eu já residí em cidade, morei em São Paulo quase um ano. A primeira vez, a segunda vez, aliás, a primeira passei cinco mês, e eu conheço um bocado das coisas da cidade... Em cidade eu só ví muitas coisas: correria, aperrei e agonia. Só essas três coisas... cidade só tem isso mesmo. No sítio a gente não tem isso, vive tranquilo, vevi como pode, quem ganha bem vevi bem, quem ganha mal vevi mal, mas graças a Deus estamos vivendo..."

A conversa não pára por aí. Continuando as perguntas aparece a seguinte questão:

- Mas me diga de novo, e por que é que o pessoal do sítio tem vontade de ir para a cidade?

- Iludismo!

..Continua....

camponês estudado por Heredia, 1979:89-97.

- Iludismo por quê?

- *Pensando que a cidade é boa... uma fantasia!*

Em outro momento da conversa, numa situação de impasse, porque há dúvidas se se deve pegar o tira-gosto com a mão, Jurandí diz:

"Você vai comer feijão lá em casa, já disse se você num comer feijão lá em casa... já sei que você num vai querer... eu tô pegando com a mão mesmo que eu sou camponês."

- Não, que é isso. Eu vou pegar com a mão mesmo que tô começando achar difícil pegar com a colher.

E Jurandí completa,

"Eu sou camponês. O camponês é como diz a história do outro, o camponês é liberto".

A conversa teve muito mais informações do que as que expusemos e não poderia ser diferente, mas para o leitor e para o que nos interessa basta reter as passagens acima reproduzidas.

No dia 08 de outubro de 1990, cerca de um mês após essa conversa, Jurandí, para quem *"o sítio é onde está toda a liberdade da gente"*, e as pessoas que vão para a cidade vão por *"iludismo"* e *"fantasia"* deixa Pau Darco e vai para São Paulo, cidade para onde já havia feito *"duas viagens"*.

A viagem de Jurandí para São Paulo mais do que uma surpresa, foi um choque para nós e isso trouxe consequências não muito positivas para a continuação do "campo", pois havíamos perdido o contato com a pessoa que prometeu *"sair com você (pesquisador) para visitar casa por casa todos os moradores de Pau Darco"*. Durante um certo tempo afastados do campo nos sentimos órfãos com a viagem de Jurandí e mesmo tendo voltado a Pau Darco no período em que ele esteve ausente (o tempo que passou em São Paulo foi exatamente um ano, ele

retornou no dia 08 de outubro de 1991), o trabalho não avançou muito. Até que no mês de dezembro de 1991, recebemos a notícia de que Jurandir havia voltado e que estava ansioso para nos ver. O resultado dessa vontade recíproca bem pode ser imaginado pelo leitor.

No mês de janeiro de 1992, voltamos a Pau Darco. O lugar não havia sofrido grandes mudanças, algumas pessoas haviam viajado para São Paulo e outras retornado. O tempo continuava em "crise", tempo de "seca" que completava exatamente dois anos e fazia com que as falas e atenções do momento estivessem voltadas para "as coisas de Deus", principalmente para o céu, que é de onde vem a chuva, mas também para as coisas da terra, "se o governo mandasse uma emergência pra esse povo".

O lugar e seus arredores tinha uma vegetação rala e seca que transmitia a sensação de tristeza, raramente quebrada por canto de pássaros ou chiados de cigarras e grilos. Ouvíamos com maior frequência cantos de galos e galinhas ou a eterna cantiga da perua, que inspirava as pessoas a dizerem que as coisas estavam indo "de pior a pior". As imagens de um Cariri seco eram marcantes e chocavam-nos. Uma descrição? Bom, talvez não consigamos ser fiéis e remetemos o leitor ao romance "Vidas Secas" de Graciliano Ramos (principalmente nos itens intitulados "Mudança" e "Fuga"). Nessa obra, o autor, com mais liberdade do que nós, utiliza a imaginação e criação para descrever-constituir cenários muito parecidos.

As pessoas com quem conversávamos não tinham outro mote a não ser a "crise" e o que seria deles "se Deus não mandar chuva esse ano". Essa frase, cantada em ritmo de elegia e transmitida também através de expressões faciais, marcava e dava o tom às conversas.

Foi no início de 1992, após dois anos de "seca" que voltamos para concluir a pesquisa de campo. Pesquisa que foi marcada em todo seu percurso por períodos de estiagem, o que naturalmente teve repercussão nas falas, conversas e informações coletadas, já que essas começavam ou sempre se dirigiam para os problemas enfrentados com a "crise". Isso não deve ser esquecido e o leitor deve reter em sua memória se quiser ser um bom contador de histórias⁽³⁾.

Foi em um momento desses que retornamos a Pau Darco e que reencontramos Jurandí. Das primeiras vezes que estivemos com ele pouco registramos das conversas, mas agora vínhamos mais preparados para obter informações mais densas sobre sua vida e a história de Pau Darco. Passamos três semanas do mês de janeiro (1992) em Pau Darco, na casa de Jurandí; acompanhamos o seu dia a dia e o de sua família; entrevistamos outras pessoas e tentamos obter o máximo de informações possíveis sobre as histórias de Pau Darco.

Gravamos seis horas de fitas com Jurandí durante esse período. Registramos em um "Diário de campo" todas as conversas que tivemos no lugar e com a ajuda de Jurandí elaboramos um quadro geral das atividades dos habitantes de Pau Darco; fotografamos toda sua área de diversos pontos; andamos os seus 150 ha de uma ponta à outra; e fomos reconstituindo e descobrindo histórias, "questões", e desvendando "mistérios".

1

3. No decorrer dos três capítulos que compõem a parte principal deste estudo e em sua conclusão tentamos colocar e discutir o significado do contexto em que realizamos o "campo" no discurso de camponeses de uma região semi-árida, no momento em que essa é marcada por um período de estiagem prolongada, ou de "seca".

1.2. Árvores sem Sombras...

Na bagagem para a "conclusão" da pesquisa de campo trazíamos uma pergunta de gaveta. A idéia era mais ou menos essa: a primeira pergunta a ser feita a Jurandí era como ele explicava a sua viagem do sítio, que é *"onde está toda a liberdade da gente"* para São Paulo, cidade onde, segundo ele, *"eu só vi muitas coisas: correria, aperrei e agonia"*; como é que ele havia deixado o sítio, *"eu vejo que no sítio tem mais liberdade, porque a gente aqui, nós num somos empregado, pelo menos nós somos liberto. O cabra num sendo empregado já é muita coisa..."*, por São Paulo, lugar de *"sujeição ao emprego"* e onde não tem *"tranquilidade, sossego"* ?

Foi também para entender melhor questões como essas que retornamos para realizar a fase final do "campo". E as conversas e convivência com as pessoas de Pau Darco foram nos esclarecendo mais as questões e nos levando a reler as primeiras falas e muitas de nossas leituras iniciais sobre essas falas (4).

1

4. As releituras de dados coletados em pesquisa de campo ou documentais parecem ser normais em nosso ofício. Para uma discussão mais elaborada sobre esta questão ver as partes iniciais de Luiz E. Soares, 1981 e Leonarda Musumeci, 1988.

No dia 07 de janeiro de 1992, gravamos a primeira parte de uma longa conversa com Jurandí, que tinha também a intenção de ser sua história de vida. A gravação dessa primeira parte, que durou toda uma manhã, nos ajudou a ir paulatinamente desenrolando um emaranhado de fios que havíamos enrolado e foi dando sentido à história que construiríamos depois. Vejamos alguns trechos da conversa:

"Então, aqui era muito divertido, bem mais gente, que hoje tem meio mundo de gente aqui residindo fora, como em São Paulo, Rio... aqui nesse setor mesmo tem mais de cinquenta pessoas daqui de Pau Darco mesmo, que tão em São Paulo, devido as condições ser fraca aqui no nosso setor. Então, o pessoal destacou-se... (...) eu tenho cunhados aqui que tá com 15, 20 anos em São Paulo e não quer mais voltar praqui, porque é como eu lhe falei, as árvores são sem sombras, então... a gente tem de procurar sombra... fora... Você sabe disso, como é o batido, né? Então, o setor quando é muito fraco a gente tem de adquirir recursos fora... É o que tá acontecendo aqui no nosso setor".

Mas se essa era uma pista importante para compreendermos porque um camponês que acha o campo "liberto" e a cidade uma "agonia", troca a "liberdade" pela "agonia", não era a pista suficiente, porque como já mostramos em outro trecho, Jurandí já havia feito duas viagens para São Paulo antes da última que durou um ano, e vejamos os motivos que, segundo suas falas, estimularam essas primeiras viagens:

- Agora me diga uma coisa Jurandí, por quê é que você viajou a primeira vez, em 1979, por quê é que você viajou para São Paulo?

- Afim de conhecer um pouco o mundo, né? É, o meu desejo mais não era nem ir mais atrás de recurso. Eu digo: passando um mês em São Paulo já tô bem satisfeito, porque nasci nesse pé de serra, sem conhecer nada... A cidade que eu conhecia era Sumé. Na realidade, então, eu tinha vontade de conhecer um pouco do país".

As perguntas que são feitas em seguida insistem nos motivos que o levaram a São Paulo nas duas primeiras vezes, mas não conseguimos

ouvir nada além da vontade de "conhecer um pouco do país". Essa resposta não nos satisfazia, pois ia de encontro à visão corrente de que o Nordestino só deixa sua terra pelo "sul" à procura de recursos "e de ganho, que aqui num tem". É o que foi colocado por Jurandi no trecho da página anterior. Mas na entrevista, aparecia outra justificativa para as duas primeiras saídas do lugar, embora os motivos que as explicavam fossem os mesmos que antes da última viagem para São Paulo eram representados negativamente. Retomemos a pergunta que fizemos a Jurandi no dia 09 de setembro de 1990, sobre o porquê das pessoas do lugar viajarem frequentemente para São Paulo e teremos como resposta: "Iludismo", "pensando que a cidade é boa...", e conclue, "uma fantasia".

O que teríamos que fazer para compreender essas falas aparentemente paradoxais era reconstituir os dois momentos em que Jurandi saiu de Pau Darco para São Paulo, principalmente a percepção entre as primeiras viagens, quando ainda era solteiro e a última, já casado e com três filhos (o mais velho tem 7 anos, o segundo tem 5 anos e a mais nova tem 2 anos). Mas mesmo assim, com o esclarecimento de que seus compromissos eram menores da primeira vez que viajou para São Paulo, para nós, ainda é sintomático essas viagens terem acontecido nos meses de setembro e novembro de 1979 e 1981. Normalmente são períodos pós-"inverno" e quando as dificuldades tendem a se intensificar com o verão prolongado, e "os ganhos desaparecem, ninguém acha" (5). Se estas

5. As informações técnicas sobre o clima de Sumé são do IBGE:

"Situado na periferia da Depressão de Cabaceiras, o município de Sumé possui o clima *tropical, megatérmico e semi-áridos* mais secos da Região Nordeste do Brasil. Chove apenas cerca de 450 mm em média ao longo de todo o ano e, normalmente, apenas no período de fevereiro a abril chove razoavelmente, sobretudo março-abril. (...) Devido à irregularidade do regime de chuvas em certos anos, o município pode ficar sem sequer um dia de chuva durante pelo menos 3 meses (agosto-setembro-outubro) e os referidos meses mais chuvosos (março-abril) podem apresentar-se

observações se mostrarem insuficientes, podemos lembrar ao leitor que a região semi-árida do Nordeste viveu uma seca prolongada entre os anos de 1979 e 1983. Os famosos "cinco anos de secas" que muitos devem recordar.

A impressão que temos sobre os motivos que o levaram três vezes a São Paulo é que mesmo eles podendo ser diferentes, e realmente o são, ao final percebe-se o cruzamento da *"vontade de conhecer o país"* com a percepção de que *"as árvores são sem sombras..."* e *"o setor quando é muito fraco a gente tem de adquirir recursos fora"*, é como se *"a vontade de conhecer o país"*, que quase todos temos, fosse pressionada por um momento de "crise" que o levaria, só em parte voluntariamente, a fazê-lo exatamente naquele momento.

As três viagens que fez para São Paulo (apenas "de passagem" porque diz nunca ter pensado ficar por lá), e as experiências de trabalho, moradia, trânsito, violência e lazer fazem com que construa uma visão de "liberdade" pressionado por essas experiências. Senão vejamos:

- (...) Por que é que você diz que aqui é mais liberto?

- *Liberto... mais sossegado, a gente tem sossego. Em São Paulo nós não temos sossego, você sabe como é que é... o sossego que nós temos aqui... Aqui se o cara trabalhar e ganhar 20 mil cruzeiro por semana ele vevi com aquele 20 mil; se ganhar 10 ele vevi com aqueles 10 mil; se ele dormir no meio da estrada ele dorme e se passar um carro pára, tira o cara do meio se ele tiver bebo ou doente, tira o cara do meio... (...) leva pra casa da família dele e passa e vai embora, e em São Paulo é diferente, nós não temos isso. Em São Paulo nós não temos mãe não, lá o cabra só encontra pai, em todo canto. Ai nós não temos liberdade em São Paulo..."*

- Como é a falta de liberdade em São Paulo? você disse... por que é que não tem liberdade em São paulo?

..Continua....

com chuvas muito aquém das necessidades ambientais". (Fonte: IBGE - SUMÉ - Coleção de Monografias municipais, Nova Série, nº 94)

- Liberdade? Liberdade é porque lá a gente tem que viver somente do trabalho pra casa, a gente tem que ter responsabilidade com o serviço. Se o cabra for bagunceiro, chegar atrasado, dê cano no serviço, se ele fizer tudo isso...ele num tem vez...(...) nós não temos liberdade em São Paulo que nem nós temos aqui: você chega com um colega brinca com um, brinca com outro, arranja amizade com um, arranja amizade com outro e São Paulo é independente, nós não temos sossego. O sossego que nós temos aqui de dormir tranquilo, de dormir com as portas abertas. São Paulo nós não temos isso. A liberdade que eu lhe digo é isso, o sossego que nós não temos em São Paulo (...)

Em outra passagem,

"Lá você tem que... ou você trabalha ou você num come. São Paulo tem essa idéia, lá ninguém dá colher de chá pra ninguém(...) lá é pra todo mundo trabalhar mesmo. São Paulo é diferente aqui do Nordeste. O Nordeste os cara num querem trabalhar, a maioria do povo num querem trabalhar, querem viver de negócio... outro quer viver de um empregozinho pequeno, vai um dia o outro dia num vai. Tem dias que ele vai pro trabalho a pulso, forçado, empurrado. São Paulo é diferente, você tem que ir, chovendo, fazendo sol, com frio, você tem que manhecer o dia e ir pro serviço, você é um escravo do emprego". (grifos nossos)

- Ai é isso que você diz que num tem liberdade?

- É isso, é isso que num temos liberdade...lá nós não temos liberdade (...) tem que chegar antes da hora porque se você chegar atrasado 10 minutos num entra mais no serviço. Nós num temos liberdade em São Paulo e aqui nós temos, porque se você trabalhar um dia e chegar com meia hora de atraso, ele quer (patrão), ele tando precisado pelo serviço pode chegar até com meia hora de atraso que ele quer. Se é um trabalhador bom você num volta, quer dizer que você tem...você é liberto e em São Paulo, lá você tem que chegar e bater o cartão...(...) nós num temos liberdade em São Paulo, a gente como escravos do serviço ...é... escravos do serviço e aqui nós num somos escravos do serviço. Todos nós aqui no Nordeste nós somos reis...temos nosso terrenozinho, temos nossa casa, num pagamos aluguel aqui... num paga água, num vem conta de luz... Pra nós, isso é uma liberdade que nós temos... em São Paulo num tem isso...(...). (grifos nossos)

As passagens por São Paulo são representadas no geral, negativamente (6). A construção da idéia de São Paulo como um lugar em que

6. Para uma compreensão mais geral sobre as representações de camponeses, ex-moradores e trabalhadores rurais sem terra sobre a cidade utilizamos como referências Sigaud, 1979 e Garcia Jr, 1989. Com estes autores aprendemos como as representações camponesas sobre a cidade são marcadas por aspectos sutis e complexos e que para compreendê-las sem simplificações temos que conhecer a trajetória de cada trabalhador ou grupo de trabalhadores e contextualizar cada fala e as dimensões e

não se tem liberdade (a contraposição ou parâmetro utilizado é a vida de camponês no Nordeste, ou seja, a vida como proprietário de terra ou, no mínimo, como o próprio Jurandí que mora e coloca um "roçado" nas terras do pai), passa por um conjunto de fatores econômicos, políticos e culturais, marcados também pela caráter simbólico que àqueles fatores comportam.

Como já colocamos, Jurandí fez três viagens a São Paulo, a primeira: " com 19 anos eu viajei pra São Paulo, a primeira vez...eu sai em 79, em 79. Eu só passei 5 meses... eu sai daqui no mês de setembro, no dia 24 de setembro, sai daqui, quando foi em janeiro eu voltei... foi... no início de janeiro do outro ano eu voltei..."; a segunda viagem: "... sai no mês de novembro, novembro de 81. Aí passei lá uns dez meses e voltei..."; a terceira vez: "foi em outubro de 90..., no dia 08 de outubro e voltei um ano depois...exatamente, no dia 08 de outubro de 91...".

É importante o leitor acompanhar por completo umas das falas acima em que ele diz o período que passou em São Paulo na sua segunda viagem e deixa pistas sobre suas atividades após o retorno:

"(...) sai no mês de novembro, novembro de 81. Aí passei lá uns dez meses e voltei. Aí fiquei até agora, trabalhando em agricultura de novo: fazendo carvão, fazendo tudo, arrancando tóco, remonte de cerca, destoca de mato, empeleitada pra ir sobrevivendo...".

A passagem em que afirma que voltou e para "trabalhar em agricultura de novo" nos faz lembrar de relatos feitos por Jurandí sobre o "passado", mas um passado um pouco mais distante do que o das viagens feitas para São Paulo. As atividades que voltou a realizar com o retorno de uma das viagens de São Paulo aparecem como fazendo parte do presente e do "passado". Elas aparecem nos discursos como sendo as atividades de todo tempo e sempre na região. Mas vamos acompanhar como

..Continua....

situações em que estão envolvidas e em que são colocadas.

Jurandi fala sobre alguns momentos de sua vida.

Filho e neto de agricultores, nascido em 1960, Jurandi viveu sua infância e adolescência nas décadas de 60 e 70, em Pau Darco. Ouvindo os relatos, logo percebemos que as atividades dos primeiros anos de sua vida não são muito diferentes da infância do seu pai (que também nos foi relatada) e que foi muito parecida com a infância que seus filhos estão vivendo hoje, mesmo a diferença de idade entre avô e netos sendo de cerca de 60 anos. Vejamos o que nos diz Jurandi:

"Comecei com 9 anos, 9 anos, depois de 9 anos aí eu já comecei trabalhar pra roupa, calçado e pra muitas coisas, que meu pai era... num tinha condições. A família era muito grande, sabe como é, né? Nós nascemos aqui numa fase meia... minguante, né? que a família pobre, sabe como é que é... agricultora... nós tinha que trabalhar pra dar uma força pra que todos vivesse melhor, né? nossa família...".

- Agora me diga uma coisa: quando você começou, você fazia os serviços de casa como os seus meninos fazem hoje, ou...você já trabalhava pra fora...?

- A partir de 9 anos eu já trabalhava de adjunto, já limpava carreira de mato com qualquer homem, era... junto com o meu pai(...).

- Mas você começou com 9 anos também trabalhar pra casa, ou começou antes?

- Antes eu dava ajuda em casa, caçava feixinhos de lenha como esses meus meninos...

- O que era que você fazia? procurava feixe de lenha e o que mais?

- Procurava feixe de lenha, já butava água num pau mais meu irmão, com uma vara, num sabe? Nós dois trazendo uma lata d'água... cuidava de bicho, que pai tinha uma vaquinha, eu já cuidava, tirava comer pra vaca, que ele ia trabalhar bem cedo fora, com duas léguas, com três, às vezes passava a semana fora...de casa e nós ficava com a luta de casa e então, trabalhando... Na época de inverno no roçado... Todos os meus irmãos começaram cedo, com 9 a 10 anos, a trabalhar, todos eles... no período de 9 a 10 anos...

- Aí assim, quando foi a primeira vez que você trabalhou pra fora mesmo?

- A primeira vez que eu trabalhei pra fora? eu trabalhava dias de serviço... dois dias pra o Poço do Boi... trabalhava... às vezes pra Fazenda Mata, aqui em ... trabalhava pra... , às vezes nós trabalhava no Sítio Jaguaribe... pra ... Então, nós sempre trabalhava mais fora... Essa região da gente aqui sempre foi ruim pra pagar serviço, nunca pagava... quem tinha condições num pagava serviço no inverno... A gente sempre trabalhava pra o Poço do Boi, Caiçara... era... Fazenda Mata...

- E esses trabalhos que vocês faziam no Poço do Boi, Caiçara, Jaguaribe e na Mata⁽⁷⁾, que trabalho era?

- Rapaz... era cerca, destoca de mato, arranca de tóco, planta de palma, limpa de mato... em época de inverno, entendeu? (...)

- Ai você lembra quando começou a trabalhar fora daqui?

- Fora daqui foi com 12 anos, depois de 12 anos eu já trabalhava fora mesmo, já limpava carreira de mato com qualquer homem já... ganhava o mesmo preço... era... depois de 12 anos de idade... eu mim lembro como se fosse... ontem... é...

- Vocês achavam o trabalho que faziam fora, pesado, ou era como aqui, o trabalho que vocês faziam aqui?

- Rapaz, você sabe como é que é... o trabalho fora é mais forçado um pouco, porque no roçado da gente, ainda a gente trabalhando mais, mas pra gente é mais pouco, né? Porque a gente num tá debaixo de ordem. A gente trabalhando tem aquele horário de entrada, tem o horário de largar, entendeu? e o nosso horário a gente larga mais cedo, às vezes trabalha até mais tarde e... tamos trabalhando pra nós... Trabalhando fora é diferente, né? você sabe, a gente tá trabalhando cumprindo ordem, responsabilidade. Certo que ganha mais no trabalho fora... ainda ganhando mais mesmo é mais ruim, viu? A gente trabalhando em casa, tá em casa, tá trabalhando pra si... é... (grifos nossos)

7. Poço do Boi, Caiçara, Jaguaribe e Mata são nomes de sítios e fazendas localizados na vizinhança de Pau Darco.

A percepção de que o "trabalho fora" é um trabalho diferente e que traz resultados também diferentes do "trabalho pra si" vai sendo construída pelo filho de camponês desde as primeiras experiências no trabalho "pra os outros". Aqui nós vemos ser forjada a experiência que o camponês articula em um discurso de denúncia de uma situação vivida e vista como injusta, pois mesmo sendo proprietário de um pedaço de terra (ou sendo filho de um pequeno proprietário), o camponês para sobreviver tem que se submeter ao "trabalho pra fora", que é um trabalho em que o camponês está "cumprindo ordem" e não tem controle das atividades que realiza nem do tempo que utiliza. E mais ainda, o resultado do trabalho "fica pros outros".

Mas acompanhemos os relatos de outros momentos da vida de Jurandí.

- Depois que você completou 18 anos e aí, onde é que trabalhava? pra quem trabalhava? depois de 18 anos quando começou a tirar os documentos?

- *Rapaz, depois de 18 anos eu tirei os documentos, com 19 eu viajei pra São Paulo... a primeira vez... eu saí em 79...(....).*

Alguns aspectos do significado da passagem de Jurandí por São Paulo já foram colocados anteriormente. Resta-nos, ainda, conhecer melhor outras experiências de trabalho que viveu em Pau Darco e nas suas proximidades.

- Sim, Jurandí, mas (...) além de São Paulo, aos 18 anos, aonde é que você trabalhou?

- *Aqui mesmo? Era na agricultura mesmo; era fazendo cerca por braça...era... por essas regiões por aí... destoca de mato. Eu fazia sempre empeleitada porque eu gostava mais de trabalhar de empeleitada do que trabalhar diariamente, diária corrida, entendeu?*

- Por que a empeleitada era melhor?

- Rapaz, eu achava melhor porque empeleitada eu podia trabalhar mais, num é? Pegava de cinco da manhã trabalhava até o entardecer e sempre forçava pra vê se ganhava mais um pouco(...)

(...)e nos verão eu sempre tirava fazendo carvão...era...

- Também de empeleitada?

- Não, carvão fazia clandestino, sabe? Vendia por saco, mas nunca sofri mais no mundo do que fazendo carvão... era bebendo água quente com abelha morta dentro, água podre...é... rasgava uma roupa, quando acabava uma roupa não tinha mais dinheiro pra comprar outra; quando saia do patrão, passava um ano trabalhando fazendo carvão, o verão todinho, quando saia ia fazer conta, saia devendo ao patrão... que num dava pra comer daquilo. Você viu como é que é? Eu sempre...o meu período de início de vida foi sempre fazendo carvão, fazendo carvão...(...) é, foi sempre meu trabalho foi fazer carvão mesmo, ou então, de agricultura, aqui no Nordeste só foi isso. Então, passei umas épocas negociando, comprando uns bichozinhos, mas era quase trabalhando só para pagar imposto... era machante, foi quando eu comecei a ter um pouco mais de facilidade. Quando eu comecei a trabalhar de machante sempre arrumava o dinheiro da feira mais fácil, era... comprava oito, dez bichos e trabalhava muito, mas que...sempre tinha uma maior facilidade.

- Nessa época que você trabalhava de machante, você também trabalhava na agricultura?

- É, eu fazia parte das duas. Eu trabalhava de machante só na segunda feira, de domingo pra segunda; eu comprava os bichos no sábado à tarde, no domingo e na segunda eu matava, vendia em Sumé... seis anos eu passei...

- Quer dizer que você deixou (de ser machante) depois do plano Collor?

- Do Plano Collor, até esse plano dele eu tava negociando e tava mim saindo até bem, quando ele começou com esse... que ele foi Presidente, que entrou no comando aí... num... comprava um bicho aqui por dez mil chegava lá só achava seis... perdendo quatro mil...(....)

- Quer dizer que a última vez que você foi pra São Paulo, você foi por conta disso?

- Foi através disso aí, porque tava sem ganho por aqui e os ganhos que aparecia era muito fraco, muito ruim o comércio, sabe? até tive medo(...)

Lembramos ao leitor que a utilização de algumas passagens da vida de Jurandí é parcial. Com essa observação, estamos querendo deixar claro que é possível que tenhamos deixado de lado outros relatos ou relatos sobre outros aspectos que exerceram influências nas percepções que Jurandí tem hoje sobre a "liberdade". Não reproduzimos relatos sobre o lazer vivido nas diversas fases de sua vida; apenas tocamos no significado das festas "tradicionais" que existem em Pau Darco etc., aspectos que devem ter contribuído para a percepção que Jurandí tem hoje sobre a vida no campo e que com certeza exercem pressões para que afirmações como a de que "camponês é liberto" tenham um significado que transcenda às preocupações com a sobrevivência e com aspectos políticos.

As idéias mostradas anteriormente, a partir de falas e relatos sobre momentos da vida de Jurandí podem, agora, ser cruzadas com falas em que coloca diretamente sua visão de "liberdade".

No trecho abaixo, a "seca" e o "inverno" aparecem como pólos na vivência de "liberdade" por parte do camponês (é importante deixar claro que o trecho tem como pressuposto o pequeno proprietário):

"...o camponês, se eu disser a você que eu sou um camponês liberto, é essa palavra que eu vou lhe falar agora: sabe qual é? Porque o camponês, quando ele lucra, que ele lucra bem, que dá pra comer bem o ano todim, ele fica aquele período que ele tava de trabalho cheio, que ele lucra, ele trabalha se ele quiser, se ele quiser trabalhar ele vai e vem com a vida. Quer dizer que é um ano de libertação que ele tem, de liberdade, de... dormir, dormir bem é... andar pra onde ele quer com aqueles cereais que ele lucrou, ele... pra mim é um ... ele tem aquela liberdade. O camponês liberto como eu falo é isso aí, é... E um ano seco pra o camponês ele vai ser escravo. É um ano de escravidão pra ele, pra ele... porque ele vai ter que procurar serviço, vai ter que trabalhar muito... porque época de seca ele num vai ter a liberdade que ele teve no ano de lucro, de muita fartura... Então, a liberdade que tem pra o camponês é bonança, é bonança, é tempos bons, é tempos bons. Num tem uma coisa melhor pra o

cabra do que um ano bom de inverno, bom lucro, uma boa colheita, o camponês fica liberto, não é isso? Ele não vai ser escravo do rico; ele não vai ser escravo do emprego, porque tudo que ele tem nas mãos... ele não vai precisar tá se esforçando... é, comprando passagem cara pra viajar pra fora... pra através de arrumar um emprego, ser escravo dos outros, ser mandado pelo rico, ser chutado de pé até... Então ele vai ser escravo dos outros e a época que ele não tá trabalhando pra os outros ele é escravo dele, ele é liberto, ele não é escravo, ele é liberto dele, entendeu como é que é? A minha liberdade que eu lhe falo é essa daí...".(grifos nossos)

A percepção de "liberdade" colocada por Jurandí no trecho acima guarda um conjunto de significados que merecem nossa atenção.

Em um primeiro momento, a associação feita por Jurandí entre o "lucro" e a "liberdade" pode deixar a impressão de ser demasiadamente econômica, já que o aspecto mais imediato e direto que proporciona a liberdade ao camponês é o "lucro". Mas logo de início também, perceberemos que "lucro" guarda outros significados para o camponês, "o camponês quando ele lucra, que ele lucra bem, que dá pra comer bem o ano todim... ele trabalha se ele quiser, se ele não quiser trabalhar ele vai e vem com a vida". Ou seja, o camponês sente que o "lucro" e a "fartura" para o homem do campo têm significados que transcendem "está com a barriga cheia" e além de fazer isso, literalmente, ele deixa o camponês, mesmo que momentaneamente, numa situação de poder barganhar com os grandes e pequenos proprietários que "pagam serviço", já que nesse momento "trabalha se quiser" e ainda "vai e vem com a vida". Ou seja, tem um maior domínio, inclusive, sobre as atividades que realiza fora de sua terra, podendo exigir um "ganho maior" e, principalmente, não aceitar determinadas pressões e exigências dos proprietários e patrões.

Mas o "ano de libertação" não se reduz a "trabalhar se quiser" e ao "vai e vem com a vida". Ele pode simplesmente ser expresso e tradu-

zido no "dormir bem", dormir tranquilo, ou simplesmente dormir mais, o que é uma situação "nova" diante das pressões que o camponês sofre em períodos de verão ou mesmo de seca, quando precisa trabalhar no "alugado" e no "carvão". As pressões advindas com essas duas atividades tanto podem vir da parte de quem paga o serviço, quando ele "é na diária", como da necessidade do próprio trabalhador que "ganha por produção" e tem que trabalhar mais para fazer "o da feira", isso se não quiser *"trabalhar o ano todim e ainda ficar devendo ao patrão"*, como é o caso de muitos "que trabalham no carvão"⁽⁸⁾.

Outro aspecto que aparece com bastante ênfase no discurso camponês é o de decidir o seu destino, *"andar pra onde ele quer"*, ter a liberdade de decidir sobre os passos a dar e o destino a percorrer, o que é diferente de ser dominado pela necessidade e *"precisar tá se esforçando...comprando passagem cara pra viajar pra fora, pra através de arrumar um emprego, ser escravo dos outros"*, ser "escravo do serviço" como se considera quando viaja para São Paulo à procura de "ganho" para sustentar a família.

1

8. O "trabalho no carvão" é, segundo depoimentos que ouvimos durante o "campo", *"a pior coisa que alguém pode fazer"*. Das atividades que existem na área para conseguir a "feira" é a representada mais negativamente pelos camponeses. Faz carvão *"quem não tem nenhuma condição"*, *"quem não tem outra coisa pra fazer"*, *"mas tem que dá de comer a família"*. Talvez seja exatamente por significar a percepção mais aguda da "pobreza" e da "fraqueza" que o "trabalho no carvão" é representado tão negativamente. Além de ser um trabalho extremamente "pesado", como observamos e registramos em fotografias. Segundo informações de Jurandí, isentando famílias de anciãos, todas as outras famílias de Pau Darco sem exceção, tem membros que trabalham no carvão, e alguns nos períodos de verão, "vivem do carvão".

Mas como nem todo ano é "ano de libertação" para o camponês (nos últimos tempos parece se verificar o contrário), chega o dia, ou melhor, chega o ano de "crise", "ano de seca" (ou mesmo o período de verão entre um "inverno" e outro), ano em que as coisas são bastante diferentes, *"um ano seco pra o camponês ele vai ser escravo, é um ano de escravidão pra ele, pra ele... porque ele vai ter que procurar serviço, vai ter que trabalhar muito... porque época de seca ele não vai ter a liberdade que teve no ano de lucro, de muita fartura"*. E a seca aparece como um fator que modifica os rumos da vida no campo, fragiliza o camponês, que agora *"tem que procurar serviço"*, e estimula um discurso em que as dificuldades e os problemas são a própria vida, *" a seca, rapaz, deixa a gente aperreado, a pulso, pior do que vem"*(grifos nossos).

As imagens que possam vir à cabeça do leitor com a reprodução desse último trecho nem de longe conseguem traduzir o significado que tem a "seca" na vida dos camponeses das regiões semi-áridas do Nordeste. A pesquisa de campo, como já colocamos anteriormente, foi realizada nos anos de 1990, 1991 e início de 1992, períodos marcados por estiagens em Pau Darco, em que acompanhamos as formas e estratégias utilizadas pelo pequeno produtor para "atravessar um ano de crise".

A vida em Pau Darco, aos nossos olhos, parecia fazer parte de um mundo estranho, seco, sem mato, com pouco canto de pássaros e com muita tristeza e angústia, às vezes interrompidas por momentos de uma alegria que se transforma em brincadeira, mas que não tarda a desaparecer. Esses "espasmos" de alegria parece-nos ter mais o sentido de sublimação e de catarse do que um significado mais duradouro. Com certeza, não eram as brincadeiras que muitos diziam ter na época de "lucro e de fartura". Eram brincadeiras cortadas por lembranças das

dificuldades, e pela reconstrução de tempos de grandes chuvas e grandes secas que haviam vivido ou que ouviam os mais velhos contar⁽⁹⁾.

1.3. "Terra de liberto"... "Terra de escravo"

Se nos anos de "inverno", a "liberdade" camponesa aparece com um significado diferente, pois estamos falando de uma região localizada no semi-árido, tudo isso pressupõe a existência da terra para ser plantada e tornar possível o "lucro" (com a ajuda da água, "mandada por Deus"). Vejamos o significado da terra nas percepções de liberdade de Jurandí.

1

9. Atitudes muito parecidas com as dos camponeses do semi-árido, que em alguns momentos de suas conversas informais misturam falas e histórias de desespero e dificuldades com brincadeiras, piadas e histórias alegres foram observadas por Regina Sader, 1990:

"Cada coisa em seu lugar, e o mundo é novamente compreendido nesse universo camponês. E depois da história sobre "os homens da mata" ouvi relatos de outras violências, de grilagens, de queima de casas, de "estrepolias" de jagunços e pistoleiros. Só no dia seguinte é que eu registraria outras lendas, outros relatos. Dessa vez sobre o boto, a Maria Bôta, Mãe D'Água e tesouros escondidos, como se, passada a violência nas conversas, vivêssemos de repente num mundo encantado". (p. 124)

- Você acha que a pessoa que tem terra tem mais liberdade?

- Rapaz, depende das condições, porque tem cara que tem terra mas não pode nem sequer cercar elas. Ai uma terra em campo é como um açude seco, uma terra solta, né? Uma terra em campo é uma terra solta, né? É como um açude seco num tem prospero nenhum. (...) (grifos nossos)

- Quer dizer que pra você ter terra e pra ter liberdade é ter uma terra que produz, que...?

- Que produz... isso, isso, uma terra bem repartida, uma propriedade bem trabalhada. Que às vezes um terreno bem pequeno, bem cultivado é melhor do que uma grande propriedade bagunçada.

- E o pessoal aqui de Pau Darco, você acha que com a terra que tem, tem liberdade ou num tem?

- Rapaz, eu acho que todos eles tem liberdade...é, porque todos moram no que é seu, né? Um terrenozinho pequeno, mas tudo mora no que é seu, num são moradores... é... eu tenho pra mim que pra eles é... pras condições da gente, graças a Deus num tá ruim não. é... mora tudo no seu terrenozinho, no seu setor, num são morador, é... E eles pode agradecer muito a Deus e aos pais deles em ter deixado essa herança pra eles e num ter vendido por vida... que talvez eles hoje num tivesse sequer onde morar, fosse morador, tivesse sendo xingado aí por alguns fazendeiros. (grifos nossos)

- ...Você tinha dito antes que a pessoa só tem liberdade se tiver condições?

- Que ela tiver lhe ajudando... aí você é bem mais tranquilo, você tem mais uma condição melhor... às vezes você possui uma terra, mas a terra é em campo, a terra num é bem cercada, você num cria nada nela, tem somente uma casinha... ali você sucede de ter um terrenozinho e trabalhar fora, trabalhar alugado, entendeu? ... mas às vezes você possui um terrenozinho e a terra num dá nem pra você viver dela, você tem que trabalhar alugado pra os outros, pra criar a família, entendeu? Isso chama-se uma terra de escravos, você é dono dela e ela num tá tendo valor pra você, num tá lhe ajudando em nada... e se a terra tá lhe ajudando e você tem um plantio de palma, um plantio de capim, você cria nela, você ... vive da terra, entendeu? Você é um produtor dela. (grifos nossos)

- E o pessoal aqui de Pau Darco? Ainda agorinha você disse que eles eram libertos, mas quase todos precisam de trabalhar alugado...alguns "botam um rogado fora" pagando meia ou terça... e isso aí, é terra de escravo ou terra de liberto?

- Não, devido a terra ser pequena, não dá pra o pessoal trabalhar nela, então, muitos trabalham na terra, mas a terra num dá pra eles criar, eles num tem um molho de criação, entendeu? Ele tem de deixar a propriedade aqui, agora, e tá se deslocando pra trabalhar fora, pra arrumar a feira, quer dizer que ele é um "proprietário escravo", tá trabalhando pros outros, tá fazendo benfeitorias, obras pros outros. (grifos nossos)

- Ah, então você acha que as pessoas que moram aqui em Pau Darco, vocês são "proprietários escravos"?

- É sim, proprietário escravo. Eu mim considero assim, que nós proprietário escravo, que nós mora no que é nosso e veve trabalhando pra os outros, devido a terra... nós num criar nela, num viver nela, nós trabalha nela, mas somos escravos pros outros.

Esses trechos são profundamente significativos para se compreender as visões camponesas de "liberdade".

Quando a referência para a discussão da "liberdade" é a terra as percepções de Jurandí se misturam e desembocam em duas questões básicas para se discutir a "liberdade" camponesa:

A primeira, diz respeito às condições. Nas preocupações iniciais sobre as percepções e o discurso camponês de "liberdade" sempre havia uma tendência em tomarmos como pressuposto da "liberdade" camponesa, a propriedade da terra. Mas como o leitor acompanhou na primeira pergunta que fizemos a Jurandí, a resposta nos faz perceber que a terra por si só não é associada à "liberdade", ou melhor e mais sutilmente, só em determinados contextos é que ter um "pedaço de terra" pode significar diretamente ter "liberdade". Essa é a segunda questão, que deixaremos de lado por um instante.

Num primeiro momento, Jurandí não considera a terra por si só como proporcionadora de "liberdade", pois a terra em determinadas situações pode significar a mesma coisa que "um açude seco" para o camponês de uma região perigosamente seca, e "um açude seco num tem

prospero nenhum". A terra que pode proporcionar a "liberdade" é *"uma terra bem repartida, uma propriedade bem trabalhada"*, uma terra em que foi incorporado trabalho e que ao mesmo tempo seja suficiente para ele ter plantado *"cinco ou seis hectares de palma, umas três ou quatro hectare de capim"*, terra em que pode *"criar uma vaquinha, uns bichinhos"*.

A terra "bem trabalhada" e em condições de "criar umas coisinhas" parece mais com aquilo que Jurandí identifica como sendo "terra liberta". Mas as condições para que a terra seja vista como um espaço possível de "liberdade" tem outros significados para Jurandí, pois na falta dessas condições, *"você tem de trabalhar alugado pra os outros pra criar a família... isso chama-se terra de escravo, você é dono dela e não tá tendo valor pra você"*. Ao final, as "condições" que a terra tem de ter para ser considerada um espaço possível de "liberdade" estão intrinsecamente ligadas à independência diante "dos outros", ao não precisar "dos outros" e ter o controle sobre seu tempo que é, como vimos anteriormente, o caminho mais seguro por onde pode andar a "liberdade" do camponês.

Se retomarmos a discussão sobre o significado da terra para Jurandí e as condições em que ela é associada à "liberdade" temos, como vimos acima, um momento em que ela tem que vir acompanhada de certas "condições" para que seja vista como uma "terra de liberto" e para que coloque o mais distante possível a necessidade de ter que "trabalhar pros outros", momento em que a terra não é mais de "trabalhador liberto" e sim de "trabalhador escravo". Só que essa percepção não encerra o que Jurandí tem a dizer sobre a relação entre terra e "liberdade". Aqui entramos na segunda questão.

Quando perguntamos sobre a situação dos habitantes de Pau Darco, que "moram no que é seu" e tem seus "terrenozinhos", mas precisam trabalhar "pros outros", Jurandí nos ensina que "*todos tem liberdade... é porque todos moram no que é seu, num são moradores*" (grifos nossos). A impressão que temos de início, é que aqui a idéia de "liberdade" é construída tomando como parâmetro a *morada*⁽¹⁰⁾ e que quando o camponês é colocado diante dessa situação há uma tendência em representar sua condição de pequeno proprietário hipertrofiada, ou mais corretamente, não utiliza como parâmetro (ao menos por alguns momentos) as "condições" que a terra deve ter para ser aproximada à "liberdade".

Pensada só em relação à *morada*, a vida dos camponeses de Pau Darco é vista por Jurandí como uma vida de "libertos", "*pois eles num vivem sendo xingado aí por alguns fazendeiros*". E a terra aparece mais abertamente como um espaço de "liberdade", ou melhor, a pequena propriedade que o camponês possui e que o livra da dependência e humilhações aos "fazendeiros".

1

10. Fazemos uma discussão mais geral sobre a *morada* no capítulo III, mas caso o leitor queira conhecer um pouco mais dessa relação no Cariri Paraibano, o remetemos a Duqué, 1984 e 1985. Fora do Cariri, ou mais precisamente na Zona da Mata de Pernambuco e no Agreste e Brejo da Paraíba ver respectivamente Lygia Sigaud, 1979 e Afrânio Garcia Jr, 1989.

Mas a "liberdade" proporcionada pela terra pode ser repensada imediatamente se for colocada a situação em que vivem os camponeses de Pau Darco, que precisam constantemente "trabalhar pra feira" e tem que deixar dois, três ou mais dias por semana seu "pedaço de terra" para irem "trabalhar no alugado". Quando esse aspecto é introduzido na discussão, a percepção da terra como espaço por excelência de "liberdade" vai se distanciando da comparação com a *morada* e vai incorporando outros aspectos da vida do camponês de Pau Darco e paulatinamente ou mesmo de forma brusca vai aparecendo no discurso a noção de "trabalhador escravo", e sua terra que há instantes atrás era considerada como "terra liberta" passa a ser "terra de escravo", redefinindo, em certo sentido, o rumo da construção de sua visão de "liberdade".

1.4. "Qualquer palavra de bem faz união com ela"

Uma visão marcada por aspectos poéticos. O que mostra um universo camponês rico em significados (a palavra "liberdade" jamais havia aparecido tão polissêmica para nós) e marcado por palavras bonitas e expressões fortes de um "poeta do campo":

"É... é solto... solto, liberado, liberto e... solto, liberado, liberto é umas palavras... quase uma só... folgado também, você tá folgado... faz parte com liberdade também; você tá bem, faz parte com liberdade também. A palavra bem faz parte com liberdade... é... você tá com saúde ... faz parte com a palavra liberdade... essa palavra liberta, ela faz parte com muitas palavras, qualquer uma palavra de bem... faz união com ela... fulano é unido, faz parte com liberdade, fulano vocês são reunidos, vocês fazendo uma reunião, chama-se liberdade. Você sabe que nós fazendo uma reunião nós somos válidos. A palavra válida ela é... liberta, entendeu? Felicidade, entendeu? que essa é palavra que ela significa o... o... muitas, muitas, muitas palavras a palavra liberta... qualquer... qualquer gênero positivo faz parte com liberdade, com a humanidade, unidos, união... é... é... largado, passado... saúde, entendeu? Tu-

do faz parte com essa palavra. A palavra liberdade... como eu falei pra você, isso é uma palavra muito bonita...muito bonita..."(rindo), (grifos nossos)

II- SR. JOÃO MIGUEL DA SILVA

2.1. Um começo bíblico ...ou o que "tá dito na escritura"

A primeira entrevista gravada que fizemos com o Sr. João Miguel da Silva (ex-morador e hoje proprietário de cerca de sete ha de terra em Pau Darco), nascido em 1930 em Pernambuco, começou por volta das 10:00 horas da manhã, do dia 06 de janeiro de 1991. Em certo sentido, era uma conversa que havia sido iniciada no dia anterior na casa do seu filho Cícero, mas que já vinha sendo "articulada" bem antes, pois desde os primeiros contatos com Sr. João Miguel, que ele tentava nos atrair. Sempre que nos encontrávamos, falava sobre os "tempos difíceis". Mas não era exatamente falar nos "tempos difíceis" o que mais chamava a atenção nas conversas do Sr. João Miguel, e sim, a forma como falava. As expressões faciais e os gestos com as mãos e o corpo nos lembravam passagens bíblicas, em que os profetas saem andando pelo mundo fazendo pregações sobre os "novos tempos", ou sobre "os fins dos tempos". Nas imagens que vinham à nossa cabeça o Sr. João era um profeta do apocalipse. Suas falas se inspiravam "nas escrituras": "...porque, uma que tá dito pela escritura", sempre alertava, mesmo que antes de se saber o que a escritura dizia, ouvíamos a seguinte observação, "que assim eu vejo dizer, que eu num tenho leitura".

O Sr. João Miguel não chamava a atenção, como colocamos anteriormente, por falar nos "tempos difíceis", pois quase todos os habitantes de Pau Darco também o faziam, afinal de contas se vivia um momento de "crise". Mas a forma de falar na "crise" e nos "tempos difíceis" era diferente das outras falas que circulavam no lugar. Aqui temos um discurso que se inspira em uma leitura da bíblia e das palavras de

Deus bastante peculiar e marcadamente popular. As "histórias" bíblicas que permeavam constantemente as falas de seu João Miguel não são exatamente "histórias" que se possa encontrar em alguma parte da Bíblia, mas construções e leituras próprias da Bíblia feitas por camponeses. E principalmente por alguns camponeses.

As conversas informais, o tirar o chapéu e levantar as mãos para o céu todas as vezes que falava em "Deus" e em "Jesus Cristo", a explicação bíblica e principalmente apocalíptica que dava aos acontecimentos dos "tempos de hoje", os ensinamentos do avô que sempre evocava, tudo isso foi transformando o Sr. João Miguel em um informante em potencial para nós. E foi com expectativas de conhecer mais sobre sua vida que aparecemos na sua casa, (uma das mais simples e pobres do lugar, anotamos uma vez no diário de campo), naquela manhã do dia 06 de janeiro de 1991.

Era um dia de domingo e quando chegamos o rádio estava ligado na missa dominical, transmitida pelas emissoras de rádio da região e bastante ouvida pelos habitantes da zona rural.

O Sr. João estava nos esperando, pois havíamos acertado com ele, no dia anterior, essa conversa. Estava na sala com três filhas e foi logo falando para pesquisador ouvir. Falou sem parar durante cerca de 15 minutos e conseguiu nos deixar bastante "tenso", pois não estávamos conseguindo criar coragem de comunicá-lo que precisávamos registrar aquela conversa, que era de muito interesse para a pesquisa.

Após cerca de 15 minutos em que o Sr. João falou sobre a "crise", os "tempos difíceis" e contou "histórias bíblicas", conseguimos criar coragem e fazer a pergunta que mais nos deixou

tenso durante todo o período da pesquisa: "Seu João, essas histórias que o Sr. está contando interessam muito ao trabalho... dava para gravar...?" A resposta parecia durar milênios e eram segundos de tensão e medo de se ouvir um "não". Mas, ao final, a resposta do Sr. João foi a mesma de praticamente todos os moradores de Pau Darco: "pode, pode, não tem problema!".

Antes de continuar com os relatos sobre as conversas com seu João resolvemos fazer uma breve parada para contar um fato que consideramos importante para o acompanhamento e compreensão por parte do leitor das informações e do contexto em que as obtivemos.

2.2. Antes, porém, um intervalo "pra seu Governador ouvir"

Naquela mesma sala, no dia 05 de janeiro, um dia antes da conversa com o Sr. João, havíamos feito a mesma pergunta para a sua esposa D. Olindina, que não só consentiu como confessou: "*já faz uns dias que eu tô querendo conversar com o rapaz que sai de casa em casa fazendo perguntas aos pobres de Pau Darco... eu tenho umas histórias pra lhe falar...*". E falou, inicialmente sem qualquer interrupção, cerca de meia hora. Falava como se estivesse fazendo o discurso mais importante da vida de uma pessoa que quer ser ouvida por muitos; falava e discursava para nós, mas nunca só para nós:

"É assim seu Zé, eu sei que a gente pobre tem sofrido um bocado. Arrume pra lá seu Zé, arrume pra lá essa reforma, essa reforma... vê se sai terra pra gente trabalhar... com esses homens ricos, esses deputados pra acudir essa rebera, que tá tudo se acabando de fome, tudo à mingua, tudo seco, tudo sem ganho... os pobrezinhos... faz pena... Tu diga: "lá numa rebera de Pau Darco o povo... só queria que o senhor visse a seca seu Governador, deputado ..., acuda aquele povo... abra ali uma emergência praquele povo trabalhar..."

Essas palavras, dirigidas "a governantes, políticos e aos ricos", fazem parte da construção de um discurso profundamente marcado pela denúncia da situação difícil em que se encontram os habitantes de Pau Darco, morando em "pequenos pedaços de terra" em uma região constantemente atingida pela seca e "esquecida pelos governantes". Longe de ser uma fala isolada, parece se aproximar mais de um conjunto de falas que se transformaram em um lugar comum no dia a dia dos habitantes de Pau Darco⁽¹¹⁾.

Fim do "intervalo".

Voltemos à conversa que tivemos com o Seu João, na manhã do dia 06 de janeiro. Após perguntar se era possível gravar a conversa, tentamos recuperar parte do que o Seu João havia falado antes de ligarmos o gravador, e a primeira pergunta é emblemática: "Eu queria que o senhor me contasse a história que o senhor tava falando... de Adão, aquela primeira história que o senhor falou sobre Adão na terra, aqui, que Deus mandou pra ele trabalhar...".

1

11. Na conclusão deste estudo fazemos uma discussão sobre alguns significados do discurso camponês do grupo por nós pesquisado.

A resposta a esta pergunta o leitor vai encontrar entre as páginas 98 e 99 e reproduzimos a pergunta nesta parte do trabalho apenas como forma de ilustrar a imagem do Seu João que estávamos construindo, que era, em parte, a imagem que estava tentando nos impor e que a partir de um certo momento passou a identificá-lo (12).

E foi a imagem de um "homem bíblico" ou de um homem em que a religião exercia uma influência bastante peculiar que mais nos chamou a atenção nas conversas informais e gravadas com seu João, naqueles primeiros momentos em Pau Darco.

Naquela manhã, na presença de três filhas, seu João começou a contar sua história. Os relatos foram marcados por passagens bastante fortes que podem ser acompanhadas, em parte, nos trechos abaixo:

1

12. É importante esclarecer ao leitor que a imagem mais forte que guardamos de seu João Miguel, que vai informar parte dos relatos e reflexões que vêm em seguida, aponta para uma figura com algumas características singulares, únicas. E é assim que o vemos. Mas encontramos durante o "campo", em duas outras "comunidades", figuras que em muito se assemelham ao seu João, pois como ele se utilizam de leitura popular da Bíblia como referência básica em seu discurso, têm visões apocalípticas do mundo, são profundos conhecedores da fauna e da flora da região etc

No entanto, esses são apenas alguns aspectos da vida dessas pessoas, no mais, elas se assemelham ao comum no seio dos camponeses da área.

Além de um discurso singular seu João tem, diferente de Jurandí, uma história marcada por sua experiência como *morador*. Esse aspecto foi importante na sua escolha para ser uma das personagens de nossa história. Consideramos Jurandí e seu João Miguel tal como Chalhoub (1990), como "personagens densas".

"O troço que é bem adquirido, é o homem que arrume os seus troços pelo suor do seu rosto, se esforçando, crendo em Deus, que Deus é bom, é quem ajuda nós, que hoje, eu tenho esse torrão de terra... fui o homem mais perigrino que tinha pelo mundo..."

- Andou muito?

- Andei muito, morrendo a fome, viu? Andando 12, 15 léguas, que nem contei ontem aqui...em riba dum pau de cangaia, numa burra véia cansada, com meus filhinhos morrendo de fome. Cheguei numa fazenda, o homem foi mim deu leite, leite pra meus dois molequinhos que eu levava; mim deu açúcar; mim deu apoio e mandou butar os troços abaixo e que nós só saísse depois que fizesse um lanche... Eu e a mulher fizemos o lanche, depois viajemos de novo, tá ouvindo? Esse é que é o bom, o bem adquirido... é aquele que a gente adquire com o suor do nosso rosto. É esse torrão de terra que tenho hoje. Venho pedindo a Deus: "Jesus mim ajude pra que eu more no que é meu", e fui levando a vida. Hoje tô morando, morando no que é nosso, isso aqui graças a Deus é nosso(...)"

Mas até conseguir morar na sua terra, seu João "perigrinou" muito, passou muito tempo de sua vida "perambulando pelo mundo". Muitas das conversas informais que tivemos com ele foram marcadas por relatos do tempo em que "vivia se mudando de um canto pra outro" e essas conversas terminaram nos dando subsídios para conhecer melhor essa fase de sua vida, e utilizamos muitas informações coletadas em conversas informais para a elaboração de questões que nas entrevistas gravadas voltávamos a colocar.

Outro aspecto que chamava bastante atenção nas conversas com seu João era a constante comparação que fazia da vida que tem hoje e dos "tempos de morador". A experiência como *morador* deixou marcas profundas na sua vida e da família:

"(...) Arruma os troços, vamos simhora. Fumos simhora. Aí descemos por esse mundo abaixo, fui pra Caruaru, de Caruaru tirei... trabalhei numa fazenda. Com uns três meses depois, o patrão disse:

- Vou retirar o gado, você vai acompanhar o gado.

Eu num quis acompanhar o gado porque o canto que o gado ia num dava pra mim. Num queria ir sabe por quê? porque lá tem muito carrapato. Pra nós grande, não senhor, a gente sabe se defender, mas o cabra com criancinha novinha, pra tá atrás de gado dos outros, mode a criança... Eu não fui.

Aí fui batalhar pelo mundo, batalhar pelo mundo. Dessa viagem mesmo que saí de lá fui bater em Limoeiro do Norte, fui bater lá. Foi dessa vez que passei na fazenda, o cabra me deu leite, deu a comida pra mim e a mulher, mim deu açúcar pra meus filhos que iam sem nada. Foi dessa vez, nós fomos bater lá.

E então, de mudança parece... eu num tô certo, mas parece que é vinte e cinco mudanças. Mas tem um prazer na minha vida, que graças a Deus saí, deixei meus troços pra trás... a minha troçada todinha, de dentro de casa...

- Eu venho buscar amanhã...

Mas não que o patrão mim butasse pra fora, nem corresse comigo. Quando eu ia entregar, ele dizia:

- Mas rapaz, você tá doido, que é isso? que foi que você viu?

- Nada, eu vou andar. O meu é andar até um dia de certo. Fica meus troços dentro da sua casa, dois dias, amanhã ou depois eu venho buscar, vou arrumar animal pra vim buscar.

Até ontem, nunca fui e então... perambular pelo mundo. Agora, só em riba de trabalho. Quando eu saía dum canto, já ia pra outro, num ia... eu saía dum canto já ia certo pra outro. Você sabe que o homem que luta com gado, como é? Quando ele sai dum canto já sabe pra onde vai... é que nem o cara quando sai do roçado, que vem pra casa, já sabe que vem pra casa. É desse mesmo jeito. Mas em sofrer, eu vou lhe dizer uma coisa ao senhor, só Deus sabe os meus sofrimentos, os meus sofrimentos que eu sofri pelo mundo. (grifos nossos)

- Agora me diga uma coisa: sair de um canto pra ir pra outro, o senhor fazia por quê? Por que o senhor gostava, por que queria?

- Não, porque num dava, aquele ganho num dava pra gente sobreviver. O patrão prometia a gente dum jeito antes da gente ir, antes da gente ir, sabe? Quando chegava lá era diferente(...). (grifos nossos)

As andanças e mudanças de seu João duraram em certo sentido, até o ano de 1970. Em 1968, seu João mudou-se definitivamente de Pernambuco para a Paraíba e foi morar nas proximidades de Pau Darco, sítio onde hoje tem "esse torrão de terra" (13).

13. A idéia de que seu João Miguel deixou de "andar" a partir de 1970, ano em que passou a ser morador de A.A., deve ser relativizada, pois mesmo vivendo com esse grande proprietário durante cerca de 15 anos, ouvimos vários relatos dele e de sua esposa, D. Olindina, sobre viagens que fazia para outros municípios ou para locais distantes da fazenda onde era morador. Principalmente em períodos de "seca" prolongada, mas também no

Vejamos outros relatos sobre a chegada de seu João e família no município de Sumé e sobre essa "mudança":

- Agora, o senhor chegou aqui, nessa área de Pau Darco, faz quanto tempo?

- Cheguei em 68.

- Nunca tinha vindo aqui não, até esse período?

- Não, eu tinha vindo, em 49. Nós viemos aqui apanhar algodão de ganho, sabe? Em 49. Aí quando chegamos aqui, era antes de vim morar, pai também, pai veio e passei por aqui um ano e tanto. Depois por aqui os anos foi seco, ninguém lucrou, aí descabicemos certas rês. Foi nesse tempo que eu ajustei casamento, em 50... quando foi em 51 mim casei. Pronto, aí viajemos e até a data de hoje. Agora, depois quando foi em 68, nós vortemos pra qui, que o ano lá foi seco...eu imaginei, eu pra criar essa família toda pra outros cantos é pior, agora eu vou tirar pro Sertão, vou pra lá, vou visitar a véia, a velha não, a velha já tinha morrido. Digo, vou lá visitar minha família e espiar pra lá... eu sabendo que praqui tinha lucrado... Nunca mais vortei, graças a Deus. Trabalhando muito e fui adquirindo, adquirindo, comprei... fui comprando um pedacinho de terra pra qui, pra lí, pra culá... e hoje graças a Deus moro no que é meu, no que é nosso. Mas lhe digo, ir sofrer de morador, sem querer aguentar pau no ouvido era eu. Porque num carecia mais do que o patrão mostrar cara feia pro meu lado, se ele mostrasse cara feia pro meu lado, se eu dava fé, a mulher dava fé primeiro do que eu, dizia:

- Olhe, tu já tá vendo fulano como está?

- Tô.

- Mas a cangaia dele daqui pra bem cedo a gente bota! Ela já dizia assim. Eu já sabia que quando eu saísse que chegasse, ela já tinha a mala de troço arrumada. *(grifos nossos)*

- Aí quando o senhor chegou aqui, em 68, passou a trabalhar pra quem?

- *Passei pra trabalhar pra finado M., boa criatura. Começou comigo na maior ruindade, mas terminou... quando ele vendeu a propriedade, se abraçou comigo chorando, ele e eu, ele chorava pra um canto e eu chorava pra outro(...).*

Em outro momento,

- Aí depois que o senhor saiu da fazenda do Dr.... veio aqui...?

.....
..Continua....

verão, para obter "o da feira pra sustentar a família".

- Vim aqui pra A.A., até hoje.
- Quer dizer que o senhor passou quantos anos trabalhando com A.A.?
- De 70, do ano de 70... eu parece que passei 14 anos...
- Vocês trabalharam 14 anos como moradores de A.A., quando vocês saíram de lá compraram esse terreno aqui, então quer dizer que lá vocês terminaram conseguindo algumas coisas... pra comprar isso aqui?
- Já arrumei umas coisinhas, naquele tempo era tudo barato, mas com tudo isso já arrumamos algumas coisinhas com seu A. e essas coisinhas que nós arrumamos pra cá, quando nós compramos aqui, (foi) porque ele deixou a gente criar. Conseguimos comprar um garrotzinho, comprou outro garrote, já tinha dois, aí João foi e vendeu meu terreno lá embaixo e comprou um rádio. Aí nós pegamos o rádio com esses garrotes, com tudo fizemos uma troca naquela terra ali (gesto apontando)... depois nós vendemos aquela terra aculá e compramos essa. Mas conseguimos por causa de seu A.. (D.Olindina, grifos nossos)

✶ A história ou os relatos feitos por seu João e sua esposa, D. Olindina, sobre suas trajetórias são profundamente envolventes e mostram os caminhos trilhados por dois pernambucanos até a fixação definitiva na zona rural do município de Sumé, Cariri Paraibano, a partir de 1968.

Em suas trajetórias um estigma os persegue: são filhos de pequenos proprietários "que só tinha a morada" e que não conseguiam sobreviver com o trabalho em suas terras, ou nos seus "pedacinhos de terra" que "mal dá pra morar". A saída utilizada para sustentar a nova família que formam após o casamento, em 1951, é o trabalho "pros outros", que já era realizado antes mesmo de completarem quinze anos, pois logo cedo começam a trabalhar "de ganho pra ajudar a família", que nas palavras de D. Olindina, "era uma família pobre, sem nada".

O ser filho de uma família "pobre" vai pressionar seu João no sentido de ter que "trabalhar pros outros", mas não explica por si só sua trajetória e suas experiências como morador e vaqueiro, pois os caminhos podiam ser outros, como muitos na mesma época e em condições

parecidas construíram outras trajetórias, viveram outras experiências, fizeram outras opções ou foram pressionados a fazerem as mais diversas opções (cf Afrânio Garcia Jr, 1989). Seu João, além das "condições difíceis", diz sempre ser estimulado por Deus, algo como um peregrino à procura da terra prometida, o que está expresso em passagens como essa, *"venho pedindo a Deus, pedindo a Deus... Jesus me ajude pra que eu more no que é meu. E fui levando a vida, hoje tô morando, morando no que é nosso, isso aqui graças a Deus é nosso"*.

Entre os primeiros momentos de sua vida, quando começou a trabalhar "ajudando o pai", os muitos pedidos que fez a Deus e o conseguir "morar no que é meu" foi-se um longo tempo. Tempo de "mudanças" em que vivia à procura de um "patrão" que pagasse melhor para garantir o sustento da família e *"ir adquirindo, adquirindo..."* até conseguir, *"com as graças de Deus morar no que é nosso"*.

Nessa trajetória, em que fez cerca de 25 mudanças, seu João e a família enfrentaram os mais diversos trabalhos e viveram muitos momentos de tensão e conflitos, *"mas lhe digo, ir sofrer de morador sem querer aguentar pau no ouvido era eu"*. As diversas mudanças e o viver trabalhando "no dos outros" fez com que seu João convivesse com muitos "fazendeiros" e essas experiências, em geral, são representadas negativamente, embora encontremos passagens como essa: *"boa criatura, começou comigo na maior ruindade, mas terminou, quando ele vendeu a propriedade, se abraçou comigo chorando, ele e eu."*

O que nos desaconselha a mostrar somente os aspectos negativos da relação com fazendeiros e grandes proprietários. Esses, no discurso de seu João, ou mais precisamente, em alguns de seus relatos, aparecem como personagens que tem atitudes ambíguas, ora

são vistos positivamente, ora negativamente, mas nunca só em um dos dois pólos⁽¹⁴⁾.

Essas observações e o trecho acima reproduzido servem principalmente para relativizar a tendência em se hipertrofiar o significado dos conflitos e contradições sociais e nesse sentido elas não podem ser negligenciadas. Quanto a seu João, quando perguntado sobre as experiências na *morada*, as imagens mais evocadas dizem,

"O que lhe conto é isso, que num existe boa vontade do rico, proprietário do mundo pra o pobre agricultor não, tem não senhor. Nunca encontrei... Eu fui o homem que mais trabalhei com esse pessoal rico, foi o que eu mais trabalhei. Eu trabalhei 18 anos de vaqueiro, quando ele começava mim dá uma camisa tava tirando a calça, tava puxando minha calça; quando ele tirava a calça aí começava a tirar uma tira de couro do espinhaço pra sair embaixo, viu? Nunca encontrei um que promettesse, promettesse na entrada, quando eu chegava ele tava prometendo, quando eu passava de 15 dias em vante, que ele via meu interesse, ele começava a incurtar a corda, cada dia ele incurtava uma braça de corda, que é o que eu conto é isso. E bom pra nós só tem Jesus, somente, porque quando ele manda, manda pra rico, pra branco, pra preto, pra pobre, pra toda qualidade...(...)". (grifos nossos)

As imagens negativas dos "ricos" e "proprietários" terminam se sobressaindo sobre outros aspectos, pois a grande maioria de suas experiências trabalhando como vaqueiro para "fazendeiros" "não deixou nada"; foi "só pra enriquecer eles mais". Mas essas imagens do "passado" tomam um sentido muito mais forte no presente porque seu João, mesmo tendo conseguido a terra que tanto pediu a Deus,

1

14. No capítulo III retomamos essa discussão de forma mais aprofundada.

continua "trabalhando pros outros", "trabalhando pra os ricos proprietários no alugado pra fazer a feira". E o trabalho "pros outros" nesse momento vai ser também fortemente visto como injusto, como negador da possibilidade de ter e viver dias melhores após toda uma vida de "mudanças e sofrimentos". Trabalhar "pros outros" vai aparecer para seu João como a negação da construção de um projeto, "com a ajuda de Deus", que era visto como possível proporcionador da redenção para a vida de um "perigrino". Projeto que colocava a possibilidade de se livrar da "sujeição que é o trabalho na morada" e que podia deixar seu João "solto", "liberto", mas que hoje, terminou deixando sim, a idéia de "liberdade", por ter adquirido "um pedaço de terra" e junto com ela idéias estranhas, que tendem a relativizá-la, e fica a impressão de proximidade e/ou continuidade com os "tempos da morada".

Veja essas duas passagens que parecem se complementar:

"Graças a Deus, hoje eu me considero um homem rico. De primeiro eu... graças a Deus tô mim considerando, naquele tempo mim considerava um ... desvalido... que... vendo a hora eles dizer: "tira esses troços, vai-te embora", que o patrão é assim."

Em outro momento,

"É, só em ter a moradia, né? que o bem passar ninguém tem, mas sobre a gente ter uma moradia... num ter onde trabalhar porque as terras da gente são muito pouca, num dá pra gente trabalhar; a gente vamos pagar terça nas terras dos outros, vamos se abater, pedir a seu fulano, seu fulano vai dá o roçado a gente, antes do milho amadurecer direito ele quer butar o gado dentro, num é? Pra gente, sacrifício é isso(...)." (grifos nossos)

Nos relatos de seu João percebe-se a elaboração de imagens de "sofrimentos e dificuldades" com as constantes "mudanças" à procura de "melhores condições" de vida para a família, que quase sempre esbarrava na má vontade e "ruindade" de um patrão. Essas são as ima-

gens mais fortes e que apontam para a noção de "sujeição", dos tempos em que "era sujeito aos patrões" e que se tinha que seguir suas ordens ou então, "não aguentar pau no ouvido" e deixar o patrão que "imprensava muito" e ir à procura de "outro patrão rico". Esse último caminho, segundo seu João, foi trilhado cerca de vinte e cinco vezes e após quase vinte anos de "perambular pelo mundo" as palavras e expressões dos patrões que vêm à memória são "tira esses troços, vai-te embora", momentos finais de uma relação de morada que são seguidos de um comentário que retrata a impressão mais forte que ficou dos "tempos da morada", "que os patrões é assim". Mas não só dos "tempos da morada"...

Os "tempos de hoje", em que as imagens do "passado" são retrabalhadas, mas não totalmente esquecidas, são vividos também como "tempos de dificuldades".

Nas três semanas que passamos em Pau Darco, no mês de janeiro de 1992, acompanhamos seu João três manhãs quando ia para a "broca" que estava botando nas terras de E. L. (grande proprietário com terras a oeste de Pau Darco). No caminho, que passava por dentro das terras de três dos herdeiros de Pau Darco, seu João fazia comentários sobre proprietários do lugar que não sabiam utilizar as riquezas que suas terras possuíam; falava sobre os conflitos e "questões" que existem entre os habitantes do lugar e sobre a flora, da qual é profundo conhecedor. Mas também, falava da sua situação hoje e das dificuldades que a família passava, do "pedacinho de terra" que tem e do

"mundo de terras" que dois grandes proprietários da região possuem⁽¹⁵⁾. Uma das propriedades, inclusive, é onde ele está "*brocando o mato pra botar um roçado*", isto "*porque as terras da gente são muito poucas, num dá pra gente trabalhar*".

Essa última fala, que se aproxima mais de uma denúncia das condições difíceis em que se vive em Pau Darco, foi colocada para nós na entrevista do dia 06 de janeiro de 1991.

No ano seguinte, quando voltamos a entrevistar seu João, procuramos compreender mais diretamente como no seu discurso se cruzavam as experiências das andanças nas *moradas* com a vivência nos dias de hoje. Nesse momento, era importante obter as informações da forma mais clara possível, por isso as nossas perguntas assumem um caráter bastante definido, e dirigidas para as questões que considerávamos básicas para a compreensão da sua visão de "liberdade" (veja item 3.1 da Introdução).

1

15. Segundo Cadastro Geral do INCRA de 1989, A.A. (ou sua família, já que faleceu em 1990) possuía no município de Sumé 2.200 ha. Segundo seu João Miguel, que participou recentemente da medição das terras da família de A.A., a extensão total é de 3.136 ha entre os municípios de Sumé e São José dos Cordeiros (fronteira norte do município de Sumé); e E.L. possuía, segundo o mesmo cadastro do INCRA, três propriedades no município de Sumé, totalizando 1.895,3 ha.

Após obtermos informações sobre o tempo em que trabalhou no "alugado", "eu vim ter um descanso do alugado depois que eu cheguei aqui nesse sertão, no ano de ...71... até 71 eu trabalhei alugado direto, sem descarregar"; os tempos em que foi "morador": "Toda vida fui morador. Só não fui morador de... 85 pra cá, porque foi quando eu entrei dentro dessa casa"⁽¹⁶⁾; e sobre a terça e a meia, "Já trabalhei de meia, já trabalhei de terça... trabalhei de meia e hoje trabalho de terça...", fizemos a seguinte pergunta a seu João:

- Comparando esses três tipos de trabalho que o senhor fez, alugado, moradia e a terça, em qual desses três a pessoa tem mais liberdade?

- O alugado o cabra não tem. O morador não tem. A terça é o melhor... eu acho que seja o melhor deles. Porque a terça é isso: porque o patrão dá a semente, nós lucra, se nós lucrar partimos a terça... se não lucrar, nada nós deve... deixa somente a pastagem pra ele... pronto... aí quer dizer que eles dão o veneno pra gente matar a formiga, pra não estragar a lavoura e pronto. (...) E se a gente for ser morador é cativo ao patrão; se for trabalho alugado é subindo pelos cantos de pau, atucalhando a gente... se a gente tamos no pé escorado no cabo da enxada. Aí quer dizer... pra mim, que foi o derradeiro que eu encontrei, só é alugado e ser morador... Agora, a meia também é muito ruim(...).

16. A aparente confusão que seu João fez entre "alugado" e moradia pode ser compreendida da seguinte forma: 1) até à chegada nas terras de A.A., em 1970, seu João trabalhava ora como morador-vaqueiro, ora no "alugado" e desde a época que vivia com o pai que já trabalhava no "alugado"; 2) a relação de moradia não exclui o "alugado", seja para o próprio patrão, que paga pelos dias de serviço do morador, seja para outros proprietários (aqui tem que ter o consentimento do patrão onde é morador), como é o caso do exemplo colocado na nota 13.

No geral, as três relações são vistas com reticências quando se pergunta sobre a existência de "liberdade". Mesmo com significados diversos, todas implicam em dependência a um patrão ou proprietário e a dependência é sempre associada por seu João à "sujeição" e à negação em dimensões diferentes da "liberdade". Com a nossa insistência para que se pense essas relações em termos de "liberdade" ou de sua negação, o que seu João faz é pensá-las em termos de definir qual é a melhor e a pior. A resposta não consegue ultrapassar esses limites porque a pergunta em si é limitada. De qualquer forma, ela deixa pistas para compreendermos a percepção de seu João sobre "liberdade".

No momento seguinte, modificamos um pouco o sentido da questão e introduzimos na discussão a condição de pequeno proprietário, que seu João passou a viver por volta de 1985.

- Me diga uma coisa: o senhor passou a vida quase toda em terra dos outros, ou no alugado, ou como morador... e depois que o senhor adquiriu sua terra, o senhor acha que passou a ter mais liberdade, ou não?

- Graças a Deus! Eu tive, tive!

- Qual é a diferença que o senhor percebe, seu João?

- Sabe qual é a diferença que eu percebo? É porque quando a gente... é morador... é obrigado a dormir tarde e acordar cedo. É a primeira coisa... dormir tarde e acordar cedo... e quanto mais trabalha mais o patrão chama ele de preguiçoso, diz:

- Ah, ele perdeu o rogado porque é preguiçoso. Ele diz logo... pronto. E o alugado nunca teve vantagem, porque o alugado o cabra trabalha o dia todinho, quando é de noite se comprar pão a família come... Nunca tem futuro... E o cabra trabalhando na terça, que nem nós falamos, quer dizer que o cabra... aventura... aquele negócio pra trás e pra frente. Vê que trabalha um dia, come ao menos um mês (...).(grifos nossos)

E,

Proprietário é o fim da vida. Proprietário, se você planta, o que você planta, tudo é seu... tudo tem a vantagem. Se você trabalhar um dia dá pra comer... três, quatro meses... porque aquele dinheiro vindo daquele serviço seu, ali... tudo é muito... pronto. A maior vantagem do mundo é a pessoa trabalhar pra si... porque a pessoa não é mandado por ninguém, a pessoa tá só... a vantagem de trabalhar só pra ele... só pra ele... empregado da pessoa própria... Tudo é vantagem. (grifos nossos)

Quando se incorpora à entrevista a comparação das experiências "passadas" e presentes de trabalho "pros outros" com a condição de proprietário de terra, do trabalho "pra si", percebemos no olhar de seu João um brilho diferente, que é imediatamente confirmado por expressões excitadas e uma resposta em tom bem alto (que por sinal é uma atitude bastante comum entre os camponeses da área pesquisada e também observada por nós na pesquisa que realizamos no Brejo da Paraíba).

A condição de proprietário de um "pedaço de terra", bastante recente para o seu João, faz com que ele construa um discurso diretamente informado por uma oposição que marcou suas experiências: o trabalho para "os outros" e "pra si". E essas experiências vividas em um passado bem recente, dizem respeito também aos dias de hoje e terminam, em alguns momentos, mostrando a fragilidade da condição em que seu João se tornou pequeno-proprietário.

Ao mesmo tempo, é por demais importante acompanharmos como no caso de seu João a noção de "liberdade" é informada diretamente pelas relações de dependência e subordinação em que viveu a maior parte de sua vida:

"Liberdade, é a gente... tudo quanto for fazer... sempre pelo nosso juízo, né? Nunca você pedir autorização de dizer:

- Oh seu fulano, eu vou fazer o que?

Quer dizer, se eu for trabalhar, se for perguntar:

- Oh patrão, eu vou... fazer o que?

Quer dizer que eu só vou trabalhar, não é por minha cabeça, eu vou trabalhar pela cabeça dele. E eu indo trabalhar no que é meu; na minha agricultura, se eu for arrancar tôco... é por minha conta... é meu juízo que tá dentro; se eu for plantar um legume, quer dizer que eu vou saber o que eu vou fazer... é da minha responsabilidade..."

Nessa percepção de "liberdade" não aparece espaço para outro sentido que não seja o da autonomia que o proprietário de terra tem, quando não precisa "pedir autorização a seu fulano", atitude característica principalmente da *morada* e do "alugado", que como vimos, são as relações de trabalho que, no discurso de seu João, mais diretamente afrontam a "liberdade" do camponês, "*ai quer dizer, pra mim que foi o derradeiro que eu encontrei, só é alugado e ser morador...*".

A obtenção de um "pedaço de terra", através de um misto de compra e troca, fez com que seu João vivesse uma nova experiência, uma experiência mais próxima do sonho da "liberdade", e isto vai fazer com que a "vida na morada" seja cada vez mais associada à condição de "cativo ao patrão", associada à "sujeição". Mas mesmo sendo um tempo não muito distante e portanto ainda presente nas falas de seu João, a *morada* é uma relação do "passado", no sentido de que ele dificilmente voltaria a ser *morador*, tanto porque é um período de sua história do qual quer se distanciar como também porque é uma relação que se encontra em decadência no Cariri Paraibano⁽¹⁷⁾.

1

17. Além de termos obtidos relatos e informações que comprovam essa tendência (vide capítulo III), remetemos o leitor a Duqué, 1984 e 1985.

2.3. Seca, sujeição... e liberdade

Na última conversa com seu João reservamos uma parte para um "jogo de palavras". A "brincadeira" era a seguinte: colocávamos uma palavra e ele em seguida respondia se ela se aproximava mais, segundo suas experiências, à "liberdade" ou à *sujeição*. A segunda palavra que sugerimos foi "seca", e a resposta que obtivemos foi a seguinte:

*"A seca ...é sujeição.
Porque a seca tem a sujeição, a gente não tem de que viver, aí temos que ser sujeito... que nem eu... eu hoje fui sujeito.
Porque não tinha com que passar... aí chegou o dito com o serviço pra eu ir trabalhar, me assujeitei... a ir trabalhar o dia a ele pra ganhar, num é? Quer dizer que a seca é quem traz a sujeição."* (grifos nossos)

A situação colocada por seu João nesses trechos é, aparentemente, diferente da que vínhamos trabalhando até então, mesmo estando diretamente ligada à compreensão de sua percepção de "liberdade". A idéia de que "a seca é... sujeição" deve ser compreendida principalmente no sentido de que ela termina por precipitar, aprofundar e trazer à tona dificuldades já latentes e vividas pelo camponês, mas não pode ser compreendida como "a" negadora da vivência de "liberdade" pelos camponeses das regiões semi-áridas do Nordeste, ou mais especificamente, pelos camponeses de Pau Darco.

Se o leitor tiver atentado para os últimos trechos reproduzidos vai perceber que seu João ao colocar a "seca" como a própria *sujeição*, que é uma idéia conclusiva, depois nos oferece pistas que nos permitem andar por caminhos diferentes, "a gente não temos do que viver, aí temos que ser sujeito". A "condição", ou melhor, a falta de condição é que pressiona e obriga o pequeno proprietário e ex-morador a se submeter e a "ir trabalhar pra o dito", ou para qualquer

proprietário, seja ele grande ou pequeno proprietário, e isto é justificado *"porque não tinha com que passar"*.

Além de fragilizar o camponês, a "seca" tem outras consequências em sua vida, pois quase sempre após mostrar seus aspectos negativos e "perigosos" os camponeses terminavam sendo transportados mental ou literalmente para o "sul", lugar em que muitos acabam ou para onde vão e vêm constantemente.

A colocação das percepções que têm sobre São Paulo, logo em seguida à discussão da seca, tem o objetivo de acompanhar a lógica do raciocínio e da própria vida de muitos habitantes de Pau Darco, ou seja, o de que *"nos tempos de crise muitos vão simhora pro sul"*.

Essa trajetória, comum entre os habitantes da segunda geração de Pau Darco (pessoas com faixa etária entre 18 e 40 anos, já que a primeira geração, a dos herdeiros, ou pessoas "de fora" com mesma faixa etária não conheceram o "sul"), é quase sempre feita nos anos de seca, mas também em anos normais logo após o "inverno", por volta de julho-agosto, início do verão no Cariri Paraibano. Já havíamos chamado a atenção do leitor para esse dado, na reconstituição de aspectos do discurso de José Jurandí e na forma como pensa as experiências vividas em três viagens que fez à São Paulo.

No caso de seu João, um aspecto chama a atenção: ele nunca viajou para o "sul", *"nunca tive vontade"*.

A não vivência dessa experiência, contudo, não o impede de construir uma imagem de São Paulo. Imagem que pode ser acompanhada nos trechos abaixo:

- O pessoal que viaja daqui para o "sul", o senhor acha que viaja mais por quê?

-É sujeição.

- Por que o senhor acha que é sujeição?

- Sujeição, porque aqui eles não querem dá o duro que eu dei hoje, que é custoso deles arranjarem e lá eles estão com a mãozinha fina, acostumado a trabalharem... no ma - neiro. Ai num querem pegar o pesado aqui e vão serem su - jeito lá... porque aqui eles não são sujeito... e lá eles são.

- Como é? Lá eles são sujeitos por quê?

- Porque tem que trabalhar de noite ou de dia, debaixo de ordem. Se tiver chovendo vai, se tiver fazendo sol vai, se tiver com sono vai, e se tiver doente... só se for demais... porque eles reconhece que num dá mesmo ... mas eles tem de apresentarem... fazer aquela ficha. E aqui se eu quiser vim embora ao meio dia... eu tinha vindo... aguentou o rojão por que quis trabalhar... mas lá não é assim, lá o cabra tem sujeição...

Eu nunca fui lá, mas lá no São Paulo o cabra tem sujeição... que meu filho tem dito: "Pai, o São Paulo é muito bom, mas é muita sujeição. Se São Paulo fosse uma terra liberta, era a terra do mundo... era São Paulo, mas São Paulo não tem liberdade, tem sujeição" (grifos nossos)

Essas passagens mostram dois aspectos do discurso de seu João que consideramos importante comentar:

O primeiro, é o reforço da sua percepção de que a seca "é quem traz sujeição". Esta percepção é reforçada quando se pensa o deslocamento de populações rurais para o "sul" do país. Isto porque esses deslocamentos passam a ser muito mais frequentes em épocas de "crise" nas regiões semi-áridas do Nordeste. E como está bastante claro nos trechos acima os habitantes de Pau Darco, segundo seu João, deixam o lugar porque "não querem pegar o pesado" e "vão serem sujeitos lá".

O segundo aspecto nos conduz à discussão da associação que seu João faz entre a vida de *liberto* no lugar (e talvez de forma mais geral em toda zona rural) e a *sujeição* que é São Paulo. No caso de seu João, que nunca trabalhou em São Paulo e que forma sua opinião através

das informações de familiares e de pessoas que vão e vêm constantemente de São Paulo, o aspecto que mais diretamente é associado à negação da "liberdade" é o trabalho. Nesse sentido, ele vai construindo uma imagem negativa do "sul", utilizando como parâmetro principalmente as notícias e informações que têm sobre o trabalho, que é "*debaixo de ordem*" e onde não se tem a liberdade de "*vim embora ao meio dia*" como tem na região onde mora.

A construção dessa imagem de negação da "liberdade" que é São Paulo, utilizando como parâmetro o trabalho, de certa forma não é algo novo e que surpreenda, já que como vimos suas experiências de trabalho na *morada*, no "alugado", na meia e na terça terminam exercendo uma influência muito grande sobre sua visão de "liberdade". O que não é diferente quando se trata de São Paulo, mas aqui com uma peculiaridade, seu João nunca viveu em São Paulo, o que não o impede de elaborar sua percepção através das informações de outras pessoas, utilizando também o trabalho como o principal parâmetro para a afirmação de que "São Paulo não tem liberdade".

Mas há ainda outro aspecto que não aparece explicitamente no discurso de seu João, mas que deve exercer alguma pressão sobre sua visão de São Paulo como um lugar de não "liberdade": a situação do "empregado" em São Paulo, que "*vive debaixo de ordem*", que tem responsabilidades das quais não pode fugir, se aproxima muito do "trabalho cativo" do *morador*, que também vive "sob ordens do patrão" e não pode decidir e manipular os ritmos de suas atividades e o controle de suas doenças, lazer, família etc

Nesse sentido, quando percebemos a aproximação entre os discursos de seu João e Jurandí sobre São Paulo e sobre a *morada*, ou mais especificamente, sobre o significado de experiências vividas que são

sinônimos de não "liberdade", chamamos a atenção do leitor para a forma como cada um constrói ou transforma em falas o que viveu, ou o que simplesmente ouviu falar. A aproximação entre as percepções desses dois camponeses com trajetórias diversas serve de alerta para a compreensão de que algumas idéias que circulam no seio da sociedade e, mais especificamente, entre determinados grupos sociais, terminam muitas vezes se sobrepondo às experiências individuais e formando imagens gerais que são incorporadas pelos indivíduos, mesmo que em suas trajetórias não as tenham experimentado diretamente.

Mas retomemos à discussão sobre a seca.

Quando a seca e os "tempos difíceis" não são suficientes para transformar o "sul" em um lugar atrativo para o camponês, como foi caso de seu João, que "nunca foi para São Paulo", ele tem que "tirar o ano" ali mesmo, "enfrentando o pesado".

Mas se a seca, numa perspectiva geral, é associada à *sujeição* porque cria de um lado "a precisão e a necessidade" de trabalhar "pros outros" no lugar, e de outro, a necessidade de "procurar ganho fora", ela, quando é pensada a partir da situação de um pequeno proprietário, *ex-morador*, assume um significado mais sutil e diverso daquele em que é diretamente vinculada à *sujeição*, embora não o abandone de todo.

Na resposta a uma pergunta que fizemos sobre seca e "liberdade" seu João reelabora e complexifica a sua percepção sobre a "liberdade", dando a ela um caráter bem mais relacional:

- E nessa época de seca, por que vocês reclamam tanto? Dizem que está ruim. O senhor acha que com a seca tem liberdade?

- Não, não tem liberdade com seca, mas quando em vez, que o cabra vai procurar serviço lá fora, arranja, ou bom ou ruim, mas vem pro que é seu, botou o pé dentro do que é seu já tá com liberdade, já cobriu ele, a liberdade já cobriu ele... Ele não tem liberdade quando ele tá lá fora no que

é dos outros, é sujeito... Ele fez uma divisa de terra pra cá ele já tá sujeito, mas ele passou pra dentro do que é dele, já tem liberdade... Pra o povo de Pau Darco... se eles mexem por todo canto, mas bateu pra dentro da propriedade... de Pau Darco, sendo da região de Pau Darco, já tão com liberdade(...). (grifos nossos)

A "liberdade" ou sua negação, vistas a partir dessa fala, assume um significado bastante forte e sua percepção é mais uma vez informada pelo peso da experiência vivida por uma família que desde cedo precisou "perambular pelo mundo" para sobreviver; fez cerca de vinte e cinco mudanças à procura de patrões que pudessem ser parte do caminho para a realização dos pedidos que eram feitos a Deus; sofreu trabalhando como vaqueiro e morador de patrões bons e patrões ruins, foi "sujeito" às ordens de muitos e se rebelou contra a "cara feia" de tantos outros; adquiriu "um pedaço de terra" e sentiu o sabor fugaz de uma vida "liberta" que, ao final, se transformou em uma vida onde o sonho da "liberdade" aparece só com uma face porque a outra... a outra em alguns momentos fica "descoberta": "botou o pé dentro do que é seu já tá com liberdade, já cobriu ele, a liberdade já cobriu ele...", mas "ele não tem liberdade quando ele tá lá fora no que é dos outros, é sujeito...". E como vimos, seu João e muitos outros camponeses passam ainda hoje parte de suas vidas "lá fora no que é dos outros".

As palavras de José Jurandí e de seu João Miguel e os seus significados se cruzam em diversos aspectos e assuntos e se distanciam também em outros tantos que aqui poderiam ser reproduzidos. Mas esperamos que os trechos e falas que acompanhamos neste capítulo sejam suficientes para que o leitor exercite sua imaginação e capacidade criativa tentando, a partir das pistas e caminhos tortos que lhe mostramos, construir imagens gerais sobre os personagens e mais especi-

ficamente, sobre suas visões de "liberdade", que é o que nos interessam mais de perto. Enquanto, caro leitor, você vai fazendo esse nobre exercício, tentaremos dar um passo a mais em sua direção com a construção de mais um ato ou capítulo de nossa história.

Antes, porém, um esclarecimento:

Os muitos sentidos e dimensões da "liberdade" que tentamos colocar diante do leitor poderiam ser transformados em uma "concepção camponesa de liberdade". Mas, por enquanto e especificamente neste capítulo, não faremos isso. Preferimos deixar que o leitor por si só tente "costurar" as passagens que reproduzimos acima e "confeccionar" suas próprias concepções de liberdade (ou no singular, se preferir), tendo como referência os relatos e trechos de José Jurandí e de seu João Miguel. De nossa parte, pretendemos deixar, por enquanto, a "liberdade" em um emaranhado de sentidos: ora a "liberdade" sendo encontrada na terra, ora nas "condições" da terra e do camponês; a terra ora sendo "liberta" ora sendo "terra de escravos"; a "liberdade" sendo encontrada ora no "sossego e tranquilidade" do campo, ora no "lucro", ou ainda em cada um e em todos esses aspectos juntos...e em outros tantos, pois aprendemos com Jurandí que, "liberdade, é uma palavra que significa muitas palavras".

CAPÍTULO II: DE "PROPRIETÁRIO ESCRAVO" A "COBERTO DE LIBERDADE": TERRA, SECA E RELAÇÕES DE TRABALHO

2.1. As primeiras imagens

Em Diário de Campo escrito entre os dias 13 e 15 de abril de 1990, fizemos o seguinte relato-comentário sobre conversas e informações que havíamos obtido durante a primeira viagem à zona rural do município de Sumé, acompanhados pelo mediador:

"J.U. foi a pessoa que nos levou e apresentou em todas as "comunidades" visitadas. Nas conversas iniciais falou da existência de três "comunidades" em que poderíamos realizar a pesquisa de campo: Olho D'água Branco, Pelelé e Pau Darco. Indicou as duas primeiras como as melhores para fazermos a pesquisa e deixou a entender que os habitantes da terceira (Pau Darco) não tinham muita aproximação com a Associação de Pequenos Produtores de Pio X, da qual é(era) presidente. Segundo ele, "é difícil trabalhar com a comunidade de Pau Darco".

No domingo, dia 15 de abril, J.U. fez reuniões da Associação em três "comunidades", inclusive em uma que não havia citado antes, mas não realizou reunião em Pau Darco. Aliás essa possibilidade não foi sequer cogitada".

No final do diário de campo, observamos:

"Estou sentindo a necessidade de conhecer melhor porque essa distância de J.U. em relação a Pau Darco".

Os relatos das primeiras informações sobre Pau Darco tem um significado importante para se compreender como construímos as imagens iniciais do lugar. Imagens que, à medida em que a pesquisa prosseguia, iam sendo redefinidas e/ou consolidadas.

J.U. foi o mediador da nossa presença na área e de certa forma suas informações e opiniões eram uma referência (veja mais informações sobre mediação no item 3.2 da Introdução). No entanto, suas opiniões e comentários sobre Pau Darco tiveram implicações diversas: 1) nos levaram a questionar porque tentava excluir Pau Darco das possibilidades de realização da pesquisa, o que se transformou em curiosidade e terminou por gerar um efeito diverso do que o mediador demonstrava querer; 2) mesmo assim, durante um certo tempo tivemos receios e alimentamos um temor em relação a Pau Darco. O que mostra que absorvemos, em parte, as intenções, deliberadas ou não, do mediador e terminamos "esboçando" uma imagem inicial de Pau Darco marcada por uma sensação de medo e um sentido negativo. Tínhamos medo de ir a Pau Darco, pois poderíamos encontrar pessoas que, segundo o mediador, eram de difícil convivência. Era uma "comunidade" difícil de se realizar trabalhos da Associação etc e fomos incorporando essas informações e construindo uma imagem marcada por um forte tom de preconceito em relação ao "sítio-comunidade" que, dois anos depois, escolheríamos como local definitivo para a realização de nossa pesquisa de campo⁽¹⁾.

Cerca de quatro meses após essas anotações e a construção dessa primeira imagem sobre Pau Darco, tivemos a oportunidade de conhecer o que até então nos parecia um lugar estranho. Foi no dia 23 de agosto de 1990, por volta de 15:00 horas que chegamos pela primeira

1. Veja o item 3.2 da Introdução deste estudo.

vez a Pau Darco, após uma caminhada de cerca de meia hora, tempo em que percorremos os três quilômetros que o separam do distrito de Pio X⁽²⁾.

No caminho, não conseguimos perceber nada diferente das paisagens e lugares por onde havíamos andado até aquele momento: a terra seca, as árvores e arbustos secos, as barragens secas, poucos cantares de pássaros, o sol quente e causticante para os que se aventuravam enfrentá-lo, e as pessoas que encontrávamos pelo caminho apareciam com os mesmos aspectos de tantos outros que havíamos conhecido até então: aspectos de sofrimento e da mostra de que estavam passando por um período difícil podiam ser percebidos nos olhares, no andar e nas expressões. Eles transmitiam os mesmos ares de tristeza que os tempos secos transmitem. Eram as imagens mais fortes das marcas deixadas pela seca nos semblantes de homens e mulheres do semi-árido Nordeste. Ao mesmo tempo, são imagens "preparadas", com significado estratégico para, através dos mais diversos canais, chamar a atenção dos "estranhos", como nós, e dos "governantes, políticos e ricos" para uma situação que se torna cada vez mais difícil.

1

2. O Distrito de Pio X, também conhecido como Bananeira e Fazenda Bananeira, está situado dentro das terras da família A. e fica a cerca de 30 quilômetros da sede do município de Sumé. É um pequeno povoado localizado na sede da fazenda e que é procurado pelas populações dos sítios vizinhos e da redondeza, principalmente por ter um posto telefônico e um posto médico, administrados pela Prefeitura.

A história de Pio X tem, de certa forma, uma relação importante com Pau Darco: foi um de seus proprietários que no início da década de 1930, ao adquirir a fazenda, terminou "usurpando" parte das terras que pertenciam a Pau Darco (veja relato no capítulo III); alguns dos atuais habitantes de Pau Darco já foram *moradores* e *foreiros* da fazenda, que durante a década de 1970 expulsou cerca de 600 famílias de suas terras (fato que até hoje tem um significado bastante forte entre os habitantes de Pau Darco e de alguns sítios vizinhos); e nos dias de hoje alguns habitantes de Pau Darco trabalham eventualmente no "alugado" para os proprietários da fazenda.

Passamos cerca de duas horas conversando com moradores de Pau Darco e, ao final desse primeiro contato, acertamos retornar no dia 27 de agosto, para a realização de uma "reunião" em que exporíamos os motivos de nossa presença na área e a possibilidade de realizar uma pesquisa sobre a história, a vida e os costumes de seus habitantes⁽³⁾.

Retornamos de Pau Darco para Pio X por volta de 17:30 horas com anotações no caderno, a redefinição daquela famosa impressão inicial construída a partir das informações de J.U. e a construção de outras imagens.

As conversas e os contatos mantidos e as informações obtidas apareciam inicialmente em forma de dados e observações e terminavam se transformando em anotações, como estas, que foram as primeiras feitas após esse contato⁽⁴⁾:

1

3. No geral, esses eram os argumentos que utilizávamos na aproximação com os habitantes de cada sítio visitado.

4. As anotações e informações que reproduzimos em seguida são parciais e estão sendo expostas ao leitor com o objetivo de fazer com que perceba a forma como em uma pesquisa de campo as informações e descobertas vão sendo construídas paulatinamente e constantemente redefinidas. Só no terceiro capítulo deste estudo é que o leitor vai ter informações mais precisas sobre alguns aspectos da vida dos habitantes de Pau Darco que, diga-se de passagem, são apenas as últimas informações que coletamos e que re-construímos.

"O Sítio Pau Darco tem cerca de cinquenta e três famílias; as terras haviam pertencido a um só proprietário e a partir de um certo momento, com o seu falecimento, foram divididas entre vários herdeiros; as casas de Pau Darco eram bastante próximas umas das outras, o que significa, segundo uma impressão inicial, propriedades muito pequenas; todos os habitantes ou a grande maioria são de uma mesma família, são aparentados; é uma "comunidade" de pequenos proprietários que vive principalmente da agricultura e pecuária; as propriedades são quase todas cercadas, o que mostra que os pequenos proprietários, em sua maioria, são criadores; as casas por onde passamos ou que avistamos à distância são quase todas de alvenaria, o que na área é sinônimo de um nível de vida melhor".

As falas que mais impressionaram e que por isso ficaram registradas em nosso Diário foram as seguintes: "alguns haviam colocado que *"a falta d'água era o grande problema do lugar, no momento"*; que *"muitos moradores são acomodados e ficam esperando pelos outros para resolverem seus problemas"*, estes na maior parte são coletivos; que não havia eletrificação no sítio, *"mas nas épocas de eleições os políticos sempre passam no lugar prometendo"* e não cumpriam nunca a promessa".

Foi com essas informações que passamos a ver Pau Darco com um olhar diferente daquele elaborado a partir das falas de J.U., quando fez para nós as primeiras referências sobre o lugar. Pau Darco era, agora, um sítio com uma quantidade significativa de pequenos proprietários, idéia surgida a partir da informação de que havia no lugar cerca de cinquenta e três famílias; algumas pessoas se mostravam receptivas e sem muitas dificuldades consentiram em fazer uma reunião para expormos os motivos da nossa presença no lugar, o que longe de significar uma atitude de recusa significava uma vontade de aproximação; viviam, no momento, grandes dificuldades por conta das estiagens que marcavam os campos do Cariri naqueles dias secos de

agosto; era um sítio de pequenos proprietários, que viviam da agricultura e pecuária, o que se encaixava nos objetivos do nosso projeto de pesquisa; e além do mais, era o berço de um personagem lendário, que teria destaque nas primeiras entrevistas que viríamos a realizar⁽⁵⁾.

Mas nas conversas que tivemos com quatro pessoas nesse primeiro contato e os locais por onde passamos, nos traziam sempre à lembrança falas que afirmavam ser "a seca e a falta d'água o grande problema do momento". Essa frase, que como muitas outras referências à seca tinha um sentido de denúncia das dificuldades que estavam enfrentando, estampava e reforçava as imagens que encontramos em todos os lugares por onde andamos⁽⁶⁾ e eram praticamente as mesmas falas e expressões que ouvimos durante cerca de dois anos de pesquisa na zona rural do município de Sumé.

1

5. Estamos nos referindo ao Sr. Manoel Divino Ferreira, ou "Mané Cacheado" sobre quem, na nossa infância em Sumé, ouvimos muitas "histórias" que contavam ser ele poderoso; tinha o poder de se "encantar", aparecia e desaparecia quando queria. A descoberta de que "Mané Cacheado" havia sido proprietário das terras de Pau Darco também influenciou na escolha do lugar para a conclusão do "campo".

6. Além dos contatos que mantivemos com quatro "comunidades" rurais (vide item 3. da introdução), chegamos a participar da aplicação de um questionário junto com um funcionário da Emater-PB, membros de uma Associação de Pequenos Produtores de Sumé e uma estudante da UFPB. A aplicação do questionário nos levou a manter contato com grande parte da zona rural do município de Sumé, o que nos ajudou principalmente na percepção do significado geral que marcava nossas reflexões.

2.2. A Seca: ...

- É pra falar com cumpadre G. pra arrumar uns tijolos pra fazer um tanque. (S.)
- É mesmo meu filho, senão a criação morre de sede. (D.A.)
- É, a coisa tá perigosa. (S.)
- Tá / (D.A.)
- Não tem água não?
- Tem não. Parece que... a cacimba já tá numa fundura medonha, rapaz! (S.)
- A seca tá grande / (D.A., com intensidade)
- Tá grande. (S.)
- Tá grande. (D.A.)
- Tá perigosa! (S.)
- É a criação, tá em casa? (D.A.)
- A criação tá embaixo. A criação que tava lá, eu já levei pra M. duas vezes e já tá em casa de novo. (S.)
- ... E o que é que tu faz pra dá água de hoje pra manhã? (D.A.)
- Já mandei V. arrumar uma lata emprestada com comadre J., enquanto esse trator da B. vem pra dá uma aguinha a elas. (S.)
- O trator só vem amanhã? (D.A.)
- Só vem amanhã. (S.)
- Oh S. meu filho! E se não tiver jeito? O jeito é carregar num... mas a carroça tá quebrada... (D.A.)
- Tá quebrada. (S.)
- Porque se não tivesse levava uns dois ou três tonel d'água daí da bomba, num era? (D.A.)
- Era, mas se não tiver jeito, o jeito que tem é a gente arrumar um negócio desse... (S.)
- É, enquanto faz um tanque na M. (D.A.)
- É, o problema da seca aqui é sério, né?
- É, quando ela chega meu filho... nós já vimos quatro, cinco anos... nós arruma em quatro, cinco anos de inverno e um ano de seca leva... (D.A.)
- Desaparece?
- Desaparece tudo... os cabras tão indo simhora pra São Paulo... nós fica aqui pelejando, né? (D.A.)
(Diálogo entre pequena proprietária e um trabalhador "alugado" com a participação do pesquisador)

Esse diálogo, entre uma pequena proprietária e um "trabalhador", dão rápidas pistas que, se bem acompanhadas, podem levar à descoberta de alguns dos significados que tem a "seca" para os camponeses das regiões semi-áridas do Nordeste.

As implicações são diversas e acompanhar a vida dos camponeses nordestinos em períodos de seca deixa a impressão de se estar vivendo momentos "perigosos", quase sempre momentos que antecedem o surgimento de uma necessidade indesejada, expressa na frase *"os cabras tão indo simhora pra São Paulo"*.

As viagens para São Paulo, hoje incorporadas ao universo dos camponeses das regiões semi-áridas nordestinas (mas também ao universo de áreas que não enfrentam problemas de estiagem, como mostra Afrânio Garcia Jr, 1989), terminam aparecendo como a gota d'água para os problemas enfrentados com a falta d'água. E os camponeses e seus familiares reforçam um ritual que por ser corriqueiro chega até a estimular o cunho de expressões como: *"o sul virou caminho de roçado"* (foi inspirado em uma expressão como essa que Afrânio Garcia Jr, intitulou seu trabalho "Sul: o caminho do roçado"). Mas a ida e vinda do "sul", é bom que se diga, tornou-se um ritual não desejado por muitos e em geral aparece como a última alternativa, a qual só se recorre quando *"tudo desaparece..."*. Enquanto não se considera que as coisas estão "perigosas" o suficiente, muitos pequenos produtores continuam enfrentando as dificuldades e os problemas de "um ano seco":

"(A seca é) pesada porque faltou água, comer pros pobre... porque uma seca é seca de comer, é seca de serviço, num tem serviço pra ninguém trabalhar; seca de água(...)" (D. Quitéria)

A seca modifica e dá um ritmo a vida dos pequenos produtores que é sempre expresso através de palavras como "pesada", "perigosa" e assume contornos mais claros para o observador quando tenta se aproximar mais dos significados que cada uma dessas expressões tem no dia a dia do camponês. Com a aproximação se percebe que "a falta d'água" para a vida de quem depende principalmente dela para sobreviver é algo mais significativo do que a simples falta de água. Ela deixa o campo mais seco e mais triste, mais quente e mais pobre, mais "pesado" e mais "perigoso". Enfim, mais difícil, embora seja importante registrar que não atinge a todos exatamente do mesmo jeito⁽⁷⁾.

Com a falta de chuva os barreiros secam, as distâncias aumentam e o camponês e sua família passam a fazer esforços dobrados para dar conta das atividades cotidianas como "*cozinhar, beber, tomar banho e tudo*"⁽⁸⁾. Mas as teias que essas dificuldades ajudam a tecer são muito mais emaranhadas do que se possa pensar à primeira vista, pois "um ano

7. As opiniões coletadas sobre as formas como a "seca" atinge os habitantes da zona rural, tanto os "ricos" como os "pobres", são diversas e não há um consenso em torno delas: encontramos trabalhadores que consideram que os "ricos" e grandes proprietários são menos atingidos por terem proteção dos governos, dos bancos e por terem riquezas, como também os que afirmam o contrário, ou seja, que os "ricos" e "grandes" *sofrem e se preocupam mais* por terem muito gado e "penarem" para alimentá-los em épocas de seca etc

8. Além das dificuldades para obtenção de água, que fica mais escassa, "ruim" e sempre mais distante (a cacimba e o poço artesiano que têm no lugar, em época de seca prolongada não conseguem atender à demanda e muitos têm que "*tomar banho e lavar roupa*" em lugares distantes), as atividades em geral ficam mais "penosas" (o "alugado" e o "carvão" ficam mais difíceis e distantes, é mais difícil a obtenção de alimentos para o gado etc)

seco" é um ano "sem agricultura e sem comer pra gente e pros bichinhos (animais)", o que dá uma dimensão diferente ao problema da "falta d'água". Ela se transforma de um momento para o outro, em um tempo de penúria, medo e fome, que "para atravessar tem que sofrer muito". Mas tem ainda outros significados que misturam aspectos simbólicos com carências materiais e são constantemente lembrados nas falas e depoimentos de camponeses.

A falta de chuvas no período de "inverno" (aproximadamente entre os meses de março e maio) priva o camponês de trabalhar em sua terra, em seu roçado e o obriga a realizar um ritual antigo, "procurar serviço no dos outros", só que em condições mais desfavoráveis. Quando chega "o tempo de plantar" e o "inverno não vem" e são obrigados a deixar suas terras para "trabalhar no dos outros", os camponeses vão amargando a idéia de passar mais um ano sem trabalhar "no seu". Trabalho que guarda segredos que vão além das dificuldades que têm de enfrentar "no dos outros", pois nas falas e depoimentos camponeses não existe nada mais difícil do que enfrentar "um ano seco" sendo privado de preparar sua terra, plantar as sementes nas primeiras chuvas do ano, limpar o roçado duas ou três vezes antes da colheita e colher os frutos do seu trabalho: "o milho, feijão, melancia, gerimum".

Essas faltas, ou não poder trabalhar "no seu", deixam o camponês mais triste e amargurado com a seca, que termina por negar, mesmo que momentaneamente, o que mais simboliza a vida de um pequeno proprietário, que é o trabalho na sua terra com a família. Para alguns, algo mítico, de todo e sempre.

Terra seca, sem chuva, sem milho, sem feijão e sem rama de batata, é terra sem vida para o camponês, é terra morta e terra morta não dá o comer, "não enche a barriga dos filhos". Ao mesmo tempo, a terra seca vai sorrateiramente levando a água de beber, de lavar roupa e de tomar banho a distâncias cada vez maiores e, junto com a distância da água,

os serviços vão também escasseando até chegar o momento em que a seca se transforma em "seca de serviço".

O "serviço no dos outros", que é ao que o último trecho alude, faz parte da reprodução dos camponeses do Cariri Paraibano, onde só "os fortes e ricos" não necessitam dele para sobreviver⁽⁹⁾. Durante todo o ano, os camponeses de Pau Darco trabalham em terras "dos outros" para garantir a sobrevivência da família, "para conseguir o da feira". O que mostra que não conseguem sobreviver apenas com o que tiram de suas próprias terras e "tem que trabalhar fora". Mas o traba-

9. Mesmo que em alguns momentos os termos "fortes" e "ricos" possam ser confundidos no discurso camponês, ou na leitura que fazemos dele, eles não tem exatamente o mesmo significado: "rico" ou "ricos" são termos que utilizam para contrapor a "pobres" e designa todas as pessoas que vivem em condições bem melhores do que aqueles (quase sempre médios e grandes proprietários), pois têm relativamente muita terra, tem na pecuária uma atividade importante, tem acesso a créditos bancários etc; "trabalhadores pobres" é a expressão mais utilizada pelos camponeses de Pau Darco para se identificarem. É uma expressão que designa todos os trabalhadores do campo que vivem em condições difíceis por terem pouca terra (ou por não terem terra), são os que precisam trabalhar no "alugado" ou mesmo "vivem do alugado" por não conseguirem sobreviver com o que obtêm da terra e de outras possíveis atividades etc; os termos "fortes" e "fracos" são utilizados basicamente para diferenciar internamente os próprios camponeses: o termo "forte" designa pequenos produtores que raramente ou nunca precisam trabalhar no "alugado" e que são mais conhecidos por "pagarem serviço" em certas épocas do ano, mesmo que só eventualmente. Além disso, o termo engloba também as condições de vida da família, o número de cabeças de gado que possui, possíveis atividades comerciais etc; "fracos" são os que não desfrutam dessas condições.

Durante todo o "campo" nunca ouvimos referências a habitantes de Pau Darco como "fortes", e muito menos como "ricos".

lho "fora", que é visto em certos contextos como uma forma de sujeição, termina em alguns momentos "desaparecendo" e os camponeses passam a se sentir órfãos e fazem cada vez mais referências negativas à seca, que aparece como a principal causa da "falta de serviços".

Com a falta d'água, de comer, de agricultura e de serviço, muitas famílias camponesas do Cariri Paraibano ficam sem alternativas para a sobrevivência no lugar, ou nas palavras de uma camponesa: "agora tem muita gente com a cara pra cima sem saber o que fazer" e interroga, "pra que seca maior do que essa?"

Quando não encontram alternativas no lugar, muitos jovens e pais de família se deslocam para outros municípios, cidades ou regiões à procura de "serviço e de ganho" para manter a família. É um momento extremamente difícil para aqueles que tem que deixar a terra e o lugar, mas na falta de alternativas é a saída possível, mesmo que indesejada e quase sempre vista negativamente.

Os relatos e depoimentos que mostram as dificuldades enfrentadas pelos camponeses em períodos de estiagem deixam entrever também que mesmo em "tempos difíceis, em que falta quase tudo", parte dos habitantes do semi-árido consegue passar o ano sem ter que se deslocar para outras regiões. Os que não viajam ("os mais velhos, as mulheres, as crianças")⁽¹⁰⁾ tentam sobreviver com os cereais guardados do ano
1

10. Essa era a resposta que sempre nos davam quando perguntávamos sobre quem viajava e quem não viajava para o "sul". E foi também o que observamos durante o "campo": as "comunidades" tem uma quantidade pequena de jovens do sexo masculino e em maior número idosos, crianças e mulheres.

anterior, com a venda de bens e animais que adquiriram durante os "anos bons", com a ajuda de familiares que já estão no "sul"⁽¹¹⁾, ou ainda, com o dinheiro da aposentadoria rural⁽¹²⁾.

Ao final, quando conseguem "passar o ano seco" sem ter que se deslocar de sua terra para o "sul"⁽¹³⁾, os camponeses percebem que o que *"arruma em quatro, cinco ano de inverno e um ano de seca leva"*. É uma expressão de uso corrente e uma experiência vivida pelos que não se dispõem a deixar o lugar e a família para aventurar a vida no "sul", mas também por muitos que se deslocam para lá exatamente por terem *"perdido tudo numa seca"*.

1

11. Sobre a ajuda de familiares que estão no "sul", observamos o seguinte: 1) é comum o "chefe" da família ir trabalhar no "sul" e ficar enviando mensalmente "o dinheiro da feira" (dificilmente mandam mais do que isso); 2) filhos de proprietários de Pau Darco que moram no "sul" só eventualmente ajudam financeiramente. Quando são casados e moram com a família no "sul" costumam dizer que o que ganham mal dá para viver; 3) não ouvimos referências a famílias ou membros de famílias de Pau Darco que tenham adquirido mais terra com dinheiro "ganho" no "sul". Registramos esse fato no sítio Olho D'água Branco.

12. A aposentadoria vem assumindo um significado muito importante na vida dos aposentados rurais e de seus familiares. Em Pau Darco existe uma tendência em se considerar o aposentado como um "privilegiado" e percebemos algumas "críticas" por parte dos mais jovens em relação a eles. Um exemplo do significado da aposentadoria é que durante os dois anos de "campo" não encontramos nenhuma atividade na área próxima a Pau Darco em que se percebesse o equivalente a um salário mínimo. No máximo, os "ganhos" equivaliam a meio salário mínimo mensal.

Um estudo bastante interessante sobre a aposentadoria rural no município de Areia foi feito por Bernadete R. Beserra, 1989.

13. É importante frisar esse aspecto porque muitos "chefes" de famílias e jovens solteiros se deslocam para áreas "distantes" dentro do próprio município, no Estado ou na Região e terminam passando dias, semanas e até meses afastados da família e da terra.

Como vimos anteriormente, muitos dos que ficam no lugar e não conseguem "arrumar serviço" terminam se desfazendo de parte dos bens que conseguiram guardar e acumular durante "anos bons de inverno" ou em viagens que fizeram para o "sul"⁽¹⁴⁾, outros associam a utilização dos bens guardados com os "serviços" eventuais que aparecem nas áreas próximas a Pau Darco e há também os que "não conseguem serviço de jeito nenhum". Essa última possibilidade, mesmo podendo se verificar em momentos mais críticos, termina aparecendo no discurso camponês mais como uma denúncia e aviso às autoridades para que atentem para as dificuldades que estão enfrentando. Na realidade, essa situação extrema dificilmente se concretiza, pois "em época de crise tem o carvão, só o carvão".

Para os pequenos produtores que só conseguem se manter na área durante a seca trabalhando "pros outros" e que terminam fazendo uma trajetória diversa daqueles que se deslocam para o "sul" e dos que "não encontram serviço", as experiências de trabalho "no dos outros" aparecem marcadas por falas e expressões como estas:

"Quando era mais em conta, mais barato e lucrava todo ano. Então, a vida da gente era melhor. Agora, era menos sujeito ao fazendeiro. E hoje tem a história, se o cara lucrar um ano, passa o outro sem lucrar, aí a sujeição é maior... O agricultor só conta com uma melhora pra ele no tempo do lucro, é mais favorável. E um ano que nem esse ... o cara só deixa de ser sujeito mais um pouco aqui quando o cara lucra, enquanto não... Quando a gente lucra aí a sujeição diminui mais... mas num tempo desse a sujeição é mais, é sujeito porque trabalha no dos outros...". (José Rosa)

1

14. Um exemplo significativo dessa estratégia é o próprio José Jurandí, que da última vez que esteve em São Paulo conseguiu juntar "uns trocados", como diz, e ficou "comendo desse dinheiro" sem se submeter "no carvão" ou a certos trabalhos no "alugado" durante cerca de 10 meses (entre novembro de 1991 e agosto de 1992), período em que só fez "servicinhos de um, dois dias". Além do dinheiro Jurandí trouxe também um aparelho de tv que, segundo afirmava, poderia ser utilizado para comprar a passagem de volta para São Paulo, caso houvesse necessidade. Registramos outros relatos que mostram a importância dessas estratégias.

No momento em que começam a falar sobre o "trabalho no dos outros" as falas sobre *sujeição* e "liberdade" entram em cena. É quando a seca incorpora mais um significado: "*mas num tempo desse a sujeição é mais*". Foi, em certo sentido, ouvindo falas como essa e acompanhando o dia a dia de um grupo camponês que passamos a pensar a seca como um dos aspectos que limitavam a vivência de "liberdade" pelos camponeses de Pau Darco.

Essa percepção inicial era reforçada por falas que denunciavam constantemente as dificuldades e problemas enfrentados pelos camponeses: a falta de trabalho e de "ganho" na época de seca, a agricultura que desaparece, o gado que morre de fome e de sede, a falta d'água para beber e para os afazeres domésticos, as viagens para o "sul" em busca de "*ganho que não tem no lugar*". Tudo isso, que aparecia no discurso dos camponeses de Pau Darco, terminava pressionando nossos olhares no sentido de aproximar seca e negação da "liberdade" camponesa.

Mas as dificuldades que os camponeses enfrentam nos momentos de seca não são por si só denunciadoras da *sujeição*. E para se transformarem em um discurso em que está presente a noção de *sujeição* têm que vir seguidas da efetivação de relações que são consideradas na área como relações de dominação: o "trabalho no dos outros", seja na própria área, quando os camponeses debilitados pela seca têm que se submeter aos "ricos", ou quando têm que se deslocar para o "sul", onde "o trabalhador é sujeito". Como tanto em um caso como no outro as relações de trabalho são associadas à *sujeição* e mais ainda, como a necessidade de submeter-se a essas relações são em certo sentido intensificadas pela seca, não é difícil compreender porque "*no tempo de crise a sujeição é maior*". Ou seja, a seca termina precipitando e trazendo à tona as debilidades dos pequenos proprietários e por isso em seu dis-

curso aparece com um papel expressivo na reprodução da *sujeição*.

Mas, é importante perceber que se no discurso camponês o "trabalho no dos outros" é visto como um "*trabalho sujeito, em que não se tem liberdade*", e que a *sujeição* em períodos de seca se intensifica, ela não deve ser compreendida como a negadora da "liberdade", pois é comum entre os camponeses do grupo pesquisado uma sutil relativização da *sujeição*, mesmo em períodos de seca. Retomemos uma fala de seu João Miguel:

"Não, não tem liberdade com a seca. Mas quando em vez que o cabra vai procurar serviço lá fora, arranja, ou bom ou ruim, mas vem pro que é seu, botou o pé dentro do que é seu, já tá com liberdade, já cobriu ele, a liberdade já cobriu ele... Ele não tem liberdade quando ele tá lá fora no que é dos outros, é sujeito... ele fez uma divisa de terra pra cá, ele já tá sujeito, mas ele passou pra dentro do que é dele, já tem liberdade...".

Essa fala mostra outro aspecto e significado da relação seca-"liberdade". A seca é um fenômeno extremamente negativo para a vida dos camponeses de Pau Darco; as dificuldades se intensificam com a seca; os caminhos ficam mais tortuosos, distantes e secos; os tempos mais "perigosos"; a vida mais difícil; os trabalhos mais "pesados" e os ganhos pouco, (isto quando existem), mas a *sujeição* advinda ou intensificada com a seca não é permanente, pois ao final do dia, da manhã ou da semana trabalhando "no dos outros", o camponês retorna para sua terra que tem a capacidade de "*cobri-lo de liberdade*".

Nesse contexto, a "liberdade" camponesa tem um significado bastante claro e definido, "*ele não tem liberdade quando ele tá lá fora no que é dos outros, mas ele passou pra dentro do que é dele, já tem liberdade...*".

2.3. A Terra...

O leitor não deve jamais esquecer a parte final da última expressão reproduzida no item anterior, "mas ele passou pra dentro do que é dele, já tem liberdade", pois ela é muito significativa para nossas reflexões. Mas além do significado que expressa, podemos encontrar outros que o reforçam:

"Porque tem uma coisa muito boa na terra, uma grande coisa boa na terra, é o que é seu. Por exemplo, olhe, eu comparo Deus no céu e sua propriedade, o seu canto de moradia na terra. Pode ser uma casa, pode ser qualquer coisa, aquilo ali é seu, ninguém pode mandar ali". (Sr. Zezinho, grifos nossos)

A seca aparece no discurso camponês como um fenômeno que consegue desmoronar sonhos, colocar em cheque projetos, desestruturar e desenraizar famílias inteiras de seu natural. Pressiona relações sociais e em muitos momentos se confunde com essas relações a ponto de ser vista como intensificadora da *sujeição*, além de deixar a terra "fraca": "quer dizer que a sede contamina a terra, que vai se acabando, se *afracano*... num se acaba a terra, mas se acaba a força". Mas mesmo "afracando", a terra continua existindo e resistindo às intempéries, continua atraindo os camponeses, que entre uma "seca" e um "inverno" vão recompondo seus sonhos, suas fantasias, suas vontades e seus projetos: "mas se Deus permiti que chova para o ano e me der saúde, aí acabou-se tempo ruim. Quando nós tamos numa fase ruim, temos a esperança que uma boa ainda venha".

E em muitos desses projetos a terra se transforma em um paraíso em que "nós somos reis" ou em uma percepção tão ousada quanto a anterior, "a terra, a propriedade" é comparada a Deus.

A fala em que a terra é comparada a Deus comporta um universo de símbolos, valores e experiências que sempre foram motivos da atenção de pesquisadores e estudiosos do campesinato, pois não é difícil para quem vem de "um mundo diferente"⁽¹⁵⁾ perceber as relações de afeição, união, mas também de conflitos que existem entre o camponês e a terra, que no caso das regiões semi-áridas do Nordeste assumiu características peculiares, por conta do "problema da seca" ou do discurso que se construiu em torno dela.

Quando o camponês chega a elaborar uma imagem de sua propriedade, comparando-a a Deus, é porque aquela tem um significado bastante profundo em sua vida. A terra, para muitos que vivem no campo, "começa" com Deus e essa percepção, marcadamente simbólica (e por que não dizer, estratégica), é bastante significativa:

"Porque Jesus não deixou ela assim. Quando Jesus começou, começou ela solta... em campo". (Sr. João Miguel)

1

15. Com essa colocação queremos registrar principalmente o impacto que sentimos em conviver durante cerca de dois anos com trabalhadores rurais, que têm costumes e hábitos bem diversos dos que observamos na cidade. Consideramos parecido os impactos que tem os camponeses quando vão ou passam a viver na cidade.

Mas a terra, que não poderia ter começo mais significativo, tem também características bastante próximas de um ser vivo. Ela aparece em algumas falas e expressões camponesas como passível-autora de atitudes e ações que normalmente são atribuídas aos seres vivos, o que nos levam a fazer uma aproximação ainda maior entre Criador e criatura, ou seja, entre o significado que tem Deus para os camponeses e a obra que Criou e sobre a qual exerce o Seu poder.

A idéia construída e mais aproximada de alguns depoimentos foi a seguinte: Deus, que é supremo e onipotente (e um importante aliado nesse momento), criou a terra e esta traz consigo algumas características positivas do próprio Criador. Portanto, ela deve ser tratada pelo homem dentro do que seria a vontade de Deus (o mesmo aliado poderoso). É nesse sentido que os cuidados que se deve ter com a terra se aproximam muito, no discurso camponês, dos cuidados que se deve ter com o próprio ser humano, pois a terra tem ações e reações muito parecidas com as daqueles:

" Quer dizer que a seca contamina a terra que vai se acabando, se afracando... num se acaba a terra, mas se acaba a força". (Sr. João Miguel)

" Quando Jesus andou no mundo que houve o pecado, aí Adão foi, caiu no pecado pra haver a geração que nem tá hoje. Aí Jesus disse a Adão:

- Adão, tu vai viver com o suor do teu rosto!

Aí Adão disse:

- O senhor, como é que eu vou viver com o suor do meu rosto?

Ele disse:

- Vai trabalhar! Você tem que trabalhar de hoje em diante. Amanhã você vai trabalhar.

Ele foi trabalhar, chegou lá, pôs a enxada no chão, a terra gemeu e então botou sangue. Ele (Adão) volta pra trás, chega cá e diz a Jesus:

- Jesus, eu não posso trabalhar.

Ele disse:

- Por que Adão?

Adão respondeu:

- Porque a terra geme e bota sangue.

Aí Jesus disse:

- *Aí você volta pra trás, chega lá e diz a ela:* "Eu vim trabalhar que Jesus mandou". Mas de tudo que você criar, você come. Tudo que houver na terra, na face da terra é pra você destruir, que assim ela se cala, nem geme nem bota mais sangue e você vai trabalhar".⁽¹⁶⁾ (Sr. João Miguel, grifos nossos)

"Afracando", "se acabando", "gemeu e butou sangue", "diz a ela". Não teríamos muitas dúvidas ao ouvir e ler essas palavras e expressões em considerá-las como referências a um ser vivo. Mas não são. Aliás, são e não são. Não são simplesmente porque são referências à terra e a terra não é exatamente um ser vivo. O que de uma certa ótica faz sentido, mas apenas de uma certa ótica, porque de outras não. Poder-se-ia perguntar por que referências à terra, como se fosse um ser vivo, podem fazer sentido na fala de um camponês.

A resposta geral e direta pode ser colocada da seguinte forma: porque a vida do camponês em todos os aspectos está ligada à terra: é onde ele mora, trabalha, aprende, ensina, colhe sua alimentação, forma sua família, cria seus "bichos", planta seus sonhos e enterra seus mortos.

1

16. Foi essa a "história" que seu João Miguel nos contou e a qual nos referimos na página 59 do capítulo I.

No caso do grupo pesquisado, no entanto, percebe-se que as referências à terra estão marcadas por frases e palavras em que aquela aparece mais em uma situação de "vítima". A terra "geme e chora" porque é "machucada", "surrada", "pisada" (é tratada, segundo os camponeses, de forma diferente daquela que o Pai queria que fosse), e se após esses maltratos ela não for coberta com carinho e afeição, ou melhor, "com adubo" (mas também com as determinações de Deus), ela vai ficando "cansada", vai "afracando" até não dar mais nada, ou então, "terras que dava 50 sacos de milho, não dá nem 20".

Mas as reações da terra aos tratamentos dados pelos homens não se encerram aqui, elas guardam outros "segredos" e é importante contá-los.

Algo que chama a atenção no discurso camponês quando se refere aos "sofrimentos" da terra é que esses se assemelham muito aos sofrimentos do próprio camponês. Em alguns depoimentos se tem a impressão que eles transferem, como em catarse, seus sofrimentos e sentimentos para a terra, que passa a ser depositária tanto dos desgastes naturais (provocados pela seca, erosão, pelo uso predatório etc) como dos desgastes e sofrimentos dos camponeses e isso faz com que a terra seja a imagem do trabalhador "pobre", do trabalhador que tem "terra pouca". A imagem do trabalhador "pobre" e "cansado":

" Hoje nós pega o pior terreno pra trabalhar e os grandes, hoje, pega todos os terrenos de varge, de terra boa e é quem vai botar os boi dentro... e nós trabalhando nos carrascos que num vale nada...". (Sr. João Miguel)

" Eu acho tudo dum jeito só, tudo cansado, tudo tem suas terrinhas poucas... é uma coisa só, tudo tem pouco e tudo trabalha fora... ainda paga a terça e tem canto que paga a meia...O mal daqui de um é de todos... não tem aqui um que viva melhor do que outro, não tem...". (D. Olindina)

A imagem de "terra sofrida" e "fraca" é bastante enfatizada no discurso dos camponeses de Pau Darco. A terra é maltratada pelo pequeno agricultor, que não tem condições de cuidar melhor dela; é maltratada pelos "grandes", que a monopolizam e só têm interesse em aumentar suas riquezas, por isso não se preocupam muito em colocar gado para "pisá-la", para "machucá-la"; e é maltratada pelo Sol, que a deixa seca e, conseqüentemente por Deus, seu Criador, que não manda chuva e castiga o homem pelos pecados que comete.

A idéia de terra "fraca" é corrente, mas essa "fraqueza" assume no discurso camponês características peculiares. Isso porque parte dela só existe por conta do sofrimento do próprio trabalhador, ou melhor, o trabalhador "pobre" do campo sofre com o "sofrimento" da terra e sofre por causa das condições em que se relaciona com ela. São essas condições que, na nossa compreensão, intensificam a idéia de terra maltratada, de terra sofrida, de terra arrasada. O camponês em suas falas e expressões é a mais real imagem do maltrato, do sofrimento, do abandono por todos, inclusive, pelo próprio Criador. E o "sofrimento" da terra passa a ser a extensão do sofrimento do trabalhador da terra, que muitas vezes sofre mais por não ter terra ou tê-la em pouca quantidade e de má qualidade, o que a transforma em "terra de escravos", e o seu dono, em "proprietário escravo":

" ... mas às vezes você possui um terrenozinho e a terra num dá nem pra você viver dela, você tem que trabalhar alugado pra os outros, pra criar a família, entendeu? Isso chama-se terra de escravos. Você é dono dela e ela nun tem valor pra você, num tá ajudando em nada...".

" Devido à terra ser pequena, não dá pra o pessoal trabalhar nela. Então, muitos trabalham na terra, mas a terra num dá pra eles criar, eles num tem um molho de criação, entendeu? Ele tem de deixar a propriedade aqui, agora, e tá se deslocando pra trabalhar fora, pra arrumar a feira. Quer dizer que ele é um proprietário escravo, tá trabalhando pros outros, tá fazendo benfeitorias, obras pros outros".

"Rapaz, eu acho que eles todos tem liberdade... é porque todos moram no que é seu, né? Um terrenozinho pequeno, mas tudo mora no que é seu, num são moradores... é...". (José Jurandí)

Seguindo as "pegadas" dessas falas percebe-se que o discurso camponês sobre a terra é marcado também por passagens e expressões sutis, aparentemente paradoxais. Numa perspectiva geral (o último trecho espelha exatamente essa perspectiva), a terra aparece no discurso como um espaço privilegiado da "liberdade" camponesa: "eu acho que todos eles têm liberdade... é porque todos moram no que é seu". Ela proporciona ao seu proprietário uma sensação de independência e autonomia, que podem ser percebidas quando o camponês na expressão "num são moradores", chama a atenção para o fato de que o pequeno proprietário, quando em sua terra, não é diuturnamente pressionado por terceiros. Não é mandado por patrões que desrespeitam valores e práticas camponesas (características da *morada*⁽¹⁷⁾ e do "alugado"). Ao contrário, escolhe a hora de começar a trabalhar, o que fazer, como fazer e a hora de "largar do serviço". Em outras palavras, manipulam o tempo ao seu bel-prazer. Ou pelo menos têm essa sensação.

Essas práticas, extremamente valorizadas entre os camponeses, tendem a assumir posições de destaques em suas falas, principalmente na de ex-*moradores* que viviam errando pelas grandes propriedades da região ou de regiões distantes.

17. Quando colocamos que a *morada* é uma relação em que o patrão desrespeita o trabalhador, lembramos ao leitor que há que se relativizar essa afirmação já que como mostram Lygia Sigaud, 1979 e Afrânio Garcia Jr, 1989, há na *morada* um certo respeito a determinados benefícios que o trabalhador tem e que, se negado totalmente, colocaria em risco a própria sobrevivência da relação.

As representações positivas de sua terra são muito fortes, mesmo quando têm que sair constantemente para trabalhar "no dos outros", isto porque nessa perspectiva o trabalhador passa o dia, a semana ou o mês fora, mas ao final de cada tarefa, de cada serviço ou muitas vezes quando tem vontade, ele pode retornar para suas terras, onde passa novamente a adquirir a condição de "liberto", pois a *"liberdade volta a cobri-lo"*.

Nessa situação ainda há uma certa margem de manipulação do tempo e do trabalho. O camponês ainda dispõe de algumas possibilidades para fazer determinados deslocamentos sem se sentir totalmente desprotegido. Não é, no entanto, o que existe nas experiências que viveu ou ouviu falar na *morada* e nem mesmo do trabalho como "empregado" na cidade.

2.4. **Relações com a terra e Relações de trabalho**

As representações positivas da terra, fortes entre os camponeses de Pau Darco, começam a sofrer fricções e a serem relativizadas quando as discussões e relatos passam a versar sobre o cotidiano e as condições em que vivem. Quando o camponês relembra os sofrimentos para conseguir "o sustento da família", os trabalhos que têm que enfrentar para conseguir "fazer a feira", os caminhos e distâncias que tem que percorrer para trabalhar "no alugado pros outros", o sofrimento que é o *"trabalho no carvão, o único que encontra em tempos de crise, que é pesado e não deixa nada pra o carvoeiro"*; a falta de condições de "criar um molho de gado" porque "a terra não dá, é pequena"; a terra "é pequena", "é terrinha", "é pequena", "é terrinha"... o discurso é redimensionado e a terra se transforma em poucos instan-

tes, em "terra de escravos, terra que num dá pra você viver dela, você tem que trabalhar alugado pra os outros". E os pequenos proprietários de Pau Darco que poucas falas antes eram "libertos", tinham a "liberdade porque todos moram no que é seu", agora, aparecem como, "proprietários escravos, que nós mora no que é nosso e vive trabalhando pra os outros, nós somos escravos pros outros".

A terra, que em certos momentos do discurso camponês, é representada como proporcionadora de um certo tipo de "liberdade", quando é "terrinha pouca" termina sendo insuficiente para a sua sobrevivência e para a manutenção da família, o que obriga o camponês a procurar outras terras para "botar roçado".

A carência de terras por parte de camponeses de Pau Darco e sítios circunvizinhos os levam a recorrer aos grandes proprietários das áreas próximas. Como nas áreas de pequenos produtores, e mais especificamente em Pau Darco, há uma considerável demanda por terra, os grandes e médios proprietários⁽¹⁸⁾ com parcelas quase sempre sub-utilizadas, terminam cedendo-as aos camponeses, embora impondo condições e formas de pagamento em espécie para o seu uso. Estas, em geral, são vistas negativamente pelos camponeses:

"(O proprietário) só dá a terra e o local: "O local é aqui, você pode pegar sua broca aqui". Ai você faz a broca o cara quer a terça. Primeiro, começa do carvão, quer que você aproveite a madeira de cerca pra ele(...) pega a chuva, pega o inverno você planta de milho, feijão, gerimum, batata, o que quiser plantar você planta, ai vem a terça de tudo(...) Ai termina o serviço e ele fica com a pastagem toda, né? Ai pega, bota os... bota os bichos pra dentro, né? (...) No outro ano em diante já cede pra fazer a broca pra frente... Sempre quem só sai ganhando é o dono do terreno". (Cicero)

1

18. Quando membros de uma família de Pau Darco precisam "botar roçado fora", em geral, recorrem a grandes proprietários que existem nas proximidades, embora tenhamos coletado depoimentos de pessoas que recorreram a médios e até a pequenos proprietários dos sítios vizinhos.

A "terça", para os sem terra ou para os que têm pouca terra, é a relação mais utilizada nas áreas que circundam Pau Darco para *"botar um rogado em terras dos outros"*. A relação é definida através de um "contrato" verbal, acertado entre o proprietário da terra e os camponeses com pouca terra (ou filhos destes) no momento em que procuram os primeiros e pedem "um rogado de terça". Esse "contrato", define o que cada parte tem que ceder e que pagar a outra. É comum (mas não é o que acontece necessariamente) o camponês ter que pagar a terça parte de todos os produtos que plantar e ao final da colheita, *"o pasto fica com o dono da terra"*.

Existe uma certa tradição na utilização da terça na região que limita, em certo sentido, o abuso por parte do proprietário da terra e que, se negada no momento do "acerto" (ou durante alguma fase do processo produtivo ou ao seu final), o camponês pode perder o interesse em "botar o rogado" naquelas terras e procurar outro proprietário que ofereça condições mais favoráveis. Esses costumes, não impedem, no entanto, que um ou outro proprietário tente tirar vantagem da difícil situação em que se encontram os pequenos proprietários com terras quase sempre esgotadas e insuficientes para produzir o mínimo necessário para a manutenção da família. As possibilidades de barganha fazem com que haja percepções diversas sobre a terça, porque as experiências também são diferentes.

Existem camponeses que conseguiram terra com um proprietário que *"queria a terça de tudo, do carvão, da madeira, do milho, feijão"* e ainda *"fica com a pastagem toda"*. O que para muitos camponeses é algo bastante injusto, já que *"o patrão só dá a terra, num faz nada, num trabalha nada"* e termina ficando com uma parte quase igual a quem teve todo o trabalho de brocar, preparar a terra, plantar, limpar o mato e

fazer a colheita.

Quando encontra proprietários que impõem condições de terça consideradas "injustas", às vezes desrespeitando práticas costumeiras, o camponês se aceitá-las por falta de alternativas, tende a expressar sua revolta através de falas como essa, *"é a pior infelicidade, eu odeio trabalhar na terça!"*

Por outro lado, é possível a mesma pessoa encontrar um proprietário que, além de ceder a semente para plantar, só exija a terça do milho e a pastagem, esta jamais dispensada. Nesses momentos, *"a terça é isso: porque o patrão dá a semente, nós lucra, se nós lucrar partimos a terça... se não lucrar, nada nós deve... deixa somente a pastagem pra ele..."*.

Quando comparada a relações como a "meia" e a *morada*, a terça é vista como a melhor forma de se conseguir a terra. É a situação em que, segundo os camponeses, existe menos imposições, pois, definido o "contrato", o camponês passa a dispor da terra e a trabalhá-la da forma como quiser e no ritmo em que achar mais conveniente, além de poder destinar a parte que lhe couber na colheita (a terça parte) para onde bem entender. Ou seja, é uma relação que em certos momentos lhe proporciona uma autonomia bastante estimada.

Por outro lado, quando essa forma de relação com a terra é pensada em termos do significado e dos motivos que levam o pequeno proprietário a procurá-la, os encantos da terça tendem a ser relativizados. Porque nesse contexto se retoma a percepção de que o trabalhador procura terras alheias porque suas terras são "poucas e fracas". A procura da terra em uma situação de dependência leva o camponês a *"matar a vontade do proprietário"*. E a "terça" se transforma em uma

relação imediatamente associada a "sujeição". Mas a *sujeição* aqui não tem o mesmo significado que a *morada*, em que o trabalhador vive direta e diuturnamente sob a dependência do patrão, "sendo mandado"; nem as mesmas características do trabalho "no alugado", quando o trabalhador tem horários mais rígidos, é pressionado pelo "patrão", não tem autonomia para decidir sobre o que fazer, como e quando fazer e, principalmente, "*o ganho é muito pouco*", "*não tem futuro*".

A *terça* é associada à *sujeição* e a uma situação "injusta" nos momentos em que o trabalhador vai pedir a terra, quando fica à mercê da vontade do proprietário e das condições que este queira lhe impor, por isso "*tem de curvar-se para o proprietário*"; no momento da colheita, quando o proprietário fica com parte significativa dos produtos do trabalhador *sem ter feito nada*; e também pressiona o trabalhador para que faça a colheita o mais rápido possível sob pena de colocar o gado dentro do roçado, ações justificadas por ser o "dono" da terra. Isso termina reforçando a situação de dependência do camponês. Nesse momento, a *terça* aparece no discurso camponês como "*fazendo parte da sujeição*".

Ao mesmo tempo, como essas relações não são estáticas, encontramos falas que denunciam algumas mudanças, quase sempre negativas, que têm ocorrido na *terça* nos últimos tempos, "*fornece uns trocados pra gente fazer a feira, pra trabalhar no roçado... tem deles que fornecem, tem deles que não fornecem não*".

Ao lado da *terça*, encontramos mais esporadicamente na área, outra relação de parceria, a "meia":

"Ainda paga a terça e tem canto que paga a meia".

As referências dos habitantes de Pau Darco à "meia" aparecem com menor frequência, o que é justificado pela menor incidência dessa relação na área pesquisada, muito embora circulem denúncias que parecem apontar para mudanças: *"a maioria deles agora só querem dá de meia, a maioria deles... alguns é que dá de terça, mas só querem dá de meia... pra você plantar, tratar da lavoura e quando colher só ter direito a metade... depois é, não todos, mas tem deles aí que só dá de meia"*.

A forma como aparece no discurso camponês aproxima muito a "meia" da terça. É uma relação que para acontecer tem que passar por um ritual em muito semelhante ao que ocorre na terça, em que o trabalhador se desloca de suas terras para pedir "um roçado ao patrão" e em geral tem que se submeter à sua vontade, quando não, imposições. Ao final, é uma relação também vista negativamente, mesmo que se possa encontrar pessoas que viveram experiências representadas positivamente:

"Rapaz, de qualquer maneira... trabalhar de meia... se o cara tem uma família que trabalha bem mais o cara, ajuda, o cara tem ... possui um garrote para cultivar, o cara que trabalha de meia ainda tem um ... futuro, porque naquela época que ele despolpa, ele tira aquela parte dele e leva pra casa, aquele ali é dele. Eu acho bem melhor do que o cabra ser morador ou trabalhar alugado". (José Jurandi)

Fora das comparações com as relações que são representadas mais negativamente na área, a "meia" assume as mesmas características de relação injusta que é a terça, com um agravante, aqui o camponês só fica com a metade do que produz.

Mas se relações de parceria como a "terça" e a "meia" conseguem em alguns momentos do discurso camponês serem representadas como toleráveis e menos injustas, menos próximas da *sujeição*, é porque a história dos habitantes de Pau Darco registra experiências mais nega-

tivas. É, em certo sentido, como a negação mais forte da situação de pequeno proprietário que denunciam a *morada*: "eu acho que é bem melhor do que o cabra ser morador ou trabalhar no alugado".

A *morada* tem significados diversos na vida dos camponeses de Pau Darco e parece exercer sobre esses uma pressão diferente, pois é associada ao "passado", já que nenhum dos atuais habitantes vive na *morada*, mas com um efeito simbólico que a torna uma referência social bem presente. Aparece como um "fantasma" que continua pairando no ar do Cariri Paraibano nos dias de hoje, mesmo sendo uma relação em declínio (para muitos sem retorno), como mostra esse depoimento:

"(...) nem sequer moradores eles querem mais, os ricos... porque diz que morador é problema, você viu? Muitos... diz que, diz que "botar morador hoje não adianta mais, morador só dá prejuízo". Diz que dá prejuízo, estraga... acaba com a casa e quando vai sair quer butar o cara em aperto...pagar direito pra ele".(José Jurandí)

Mas a constatação de que a *morada* é uma relação em declínio não a torna uma relação tão distante. Não é uma relação esquecida pela memória camponesa. Ao contrário, mesmo parecendo em algumas falas estar a uma boa e longa distância dos habitantes de Pau Darco, as lembranças e informações sobre a *morada* rondam constantemente a vida de muitos e terminam se transformando no mais claro e significativo contraponto (no "passado") que tem a "liberdade" e a autonomia camponesas. É a partir das experiências sobre a *morada* (reforçada pela iminência da proletarização e presença do trabalho "alugado") que se elabora um discurso em defesa da terra, da situação de pequeno proprietário que alguns alcançaram depois de muitas "mudanças" e da vida em muitas *moradas*.

Mas ao mesmo tempo que a *morada* é diretamente associada à *sujeição*, ela é um "fantasma" que termina assumindo um significado que é

reapropriado pelos camponeses para denunciar outros "fantasmas" que existem na área e que têm também efeitos perniciosos sobre sua vida e sua "liberdade":

"É quase todos... toda época. Porque aqui nós somos um povo tudo pobre. Então, o que acontece, quando começa o inverno, começa a fazer plantação... mas trabalha dois dias na plantação, mas quatro dias da semana tem de trabalhar, tem de trabalhar fora, pra fazer a feirinha... Quase todas as famílias trabalham assim... trabalha cinco dias da semana daqui a uma légua. Sai de quatro, quatro e meia... butando broca... pra fazer a feirinha, e o rogado dele tá pra tratar... Quem trabalha alugado é um povo sem condição, sem nada. As vezes diz: "ah meu deus, ah se eu pudesse trabalhar ao menos um dia no meu serviço...". (Sr. Pedro Nogueira)

Os caminhos tortos da morada conduzem muitos dos trabalhadores do campo à sujeição, à dependência e subordinação (embora pudesse conduzir também à terra, como foi o caso de seu João Miguel e D. Olindina), o que os levam a representá-la negativamente.

O trabalho "alugado" ou trabalho "no dos outros", expressão de uso mais corrente na área, em falas mais exaltadas é transformado em um trabalho de "escravo", e se o trabalhador for proprietário ele pode aparecer nessas falas como "proprietário escravo". Proprietário que possui "um terrenozinho" e não consegue tirar dele o suficiente para manter a família, pois precisa utilizar "quatro, cinco dias da semana" para "trabalhar fora, pra fazer a feirinha".

O trabalho no "alugado", trabalho eventual, aparece também no discurso dos camponeses de Pau Darco como uma relação marcada pela ambigüidade. É um trabalho necessário para o camponês obter recurso para fazer a feira e alimentar ou complementar o alimento da família; é também a melhor saída para os camponeses que não querem sair ou viajar para muito distante. Mesmo sendo um trabalho em que o camponês não exerce um controle maior sobre o seu desenrolar e em que não pode

decidir como fazê-lo nem o seu ritmo, ele proporciona certas margens de manobras que relativizam parte de seu caráter negativo: a "cera" e o "serviço mal feito" são estratégias utilizadas contra a baixa remuneração do "alugado".

Mas é sobretudo a percepção de que se a situação no "alugado" for por demais degradante, ele pode deixar o patrão e retornar para sua terra ou procurar outro "patrão melhor", o que ameniza o caráter negativo que atribuem ao "alugado", que é visto, ao mesmo tempo, como um trabalho *"sem futuro, que não deixa nada"*.

Se retomarmos os trechos reproduzidos por último vamos perceber que parte das representações negativas sobre o "alugado" está diretamente associada à situação de pobreza dos camponeses da área. Ou seja, o "alugado" também é visto negativamente porque em períodos de "inverno", momento em que os camponeses poderiam estar se dedicando à preparação de suas terras, muitos têm que trabalhar "três, quatro dias fora para fazer a feira". O que tem como consequência direta a impossibilidade de "botar um roçado maior", seja em sua terra ou em terra obtida através de relações de parceria, como vimos anteriormente.

Por último, diríamos, voltando ao primeiro parágrafo da discussão sobre o "alugado", que não é de pouca importância chamar a atenção para fato de que um dos fatores que mais relativiza as críticas a ele é que ainda aparece como uma alternativa às viagens para o "sul". É também, nesse sentido, uma das formas de resistência à proletarização nas cidades. Uma das últimas saídas utilizadas para evitar uma "saída" mais forte e menos desejada: a viagem para o "sul".

Consideramos que o "trabalho no carvão", muito importante na área pesquisada, tem um significado muito próximo do "alugado". Aqui acrescentaríamos apenas que é a saída mais "pesada" e difícil para os que querem permanecer na área junto à família e à terra. É procurada principalmente pelos camponeses mais "pobres" da área.

Tanto no trecho em que aparece como "povo pobre" e "sem condição", como em trechos em que a noção é mais forte, "proprietário escravo", percebe-se como os camponeses em seu discurso e nas denúncias que sempre o acompanha colocam a terra como o pressuposto básico que, mesmo estando rodeada de outros "fantasmas" como a seca e as "condições fracas", termina polarizando as atenções e assumindo o papel de centro das discussões e indagações.

Essa tendência em colocar a terra como o centro do seu discurso pode ser compreendida e analisada de vários ângulos, cada qual com significados próprios, mas intrinsecamente ligados entre si.

Primeiro: em uma perspectiva geral, a terra aparece como centro do discurso camponês porque ela é a própria razão de ser do grupo. É o que o identifica e o diferencia de outros grupos sociais; é o espaço por onde caminham seus filhos e seus pais, por onde caminharam os seus avós e, parece, podem caminhar seus netos; é a escola onde vivem os primeiros ensinamentos, que deixam marcas que vão lhes acompanhar durante muito tempo, mesmo que fora do campo; é de onde tiram o alimento para se reproduzir física e culturalmente; é aonde têm as primeiras noções de solidariedade e aprendem o significado da vida em família; é também o lugar de muitos conflitos e "questões" entre parentes, amigos e vizinhos; é onde nasceram, criaram raízes e para onde um dia retornarão; é também o símbolo da "liberdade" e da "sujeição" que os acompanha passo a passo nos lugares por onde andam.

Cada um dos significados que tem a terra para os camponeses é vivido e exercitado cotidianamente e terminam construindo algo como uma "estrutura" ou *modus vivendi* que os prendem e atraem, mas que também é permeável a fugas e deserções.

Mas a terra, e especificamente as terras de Pau Darco, significa muito mais do que espaço de reprodução e sobrevivência para cerca de trinta famílias camponesas. Ela é um local de sobrevivência, mas também é a vida em várias direções e caminhos para homens e mulheres que sem ela seriam vistos e identificados com outros nomes, com outros valores e, quem sabe, teriam outras falas.

A terra em Pau Darco, no entanto, não tem esses significados por si só, ela vai adquirindo-os à medida em que outros fenômenos influem no dia a dia na vida de seus habitantes. Esses fenômenos, e aqui a "seca" é um exemplo emblemático, por sua vez exercem pressões profundas sobre a terra (e o Homem) a ponto de deixarem-na com cores diferentes, com cheiro diferente, com rituais diferentes, com gente diferente, com caminhos também diferentes das terras de outras regiões no próprio Nordeste e no Brasil.

A seca desempenha um papel importante na construção das imagens que se tem das terras no Nordeste e ela mesma tem histórias bastante complexas⁽¹⁹⁾. Mas deixemos as histórias da seca de lado e nos voltamos para uma história específica e mais imediata, que é a do seu

19. Uma que consideramos bastante inovadora foi construída por Durval Muniz de Albuquerque Jr, 1987.

significado e implicações na vida dos pequenos proprietários de Pau Darco. Ela contribui para transformar a vida dos camponeses em algo parecido com uma prisão, por isso em algumas falas é aproximada à *sujeição*: Kde um lado, deixa os camponeses sem "lucro e comida" e por isso, mais fragilizados e indefesos nos momentos em que procuram serviços fora de suas terras (o que dá margem aos que pagam "*se aproveitarem dessa situação*" e se utilizarem dela para aumentar suas riquezas: "*Época ruim é boa pra quem tem/ época de seca é ruim pros pobres...*"); de outro, transforma o "sul" em uma opção para os que não querem ou não podem viver na região em uma "época ruim"!

↘ No entanto, além de contribuir para o empobrecimento dos camponeses e de fragilizá-los ainda mais, o que os tornam mais dependentes e subordinados, a seca com o tempo foi se transformando em armas para muitos que queriam barganhar recursos para o Nordeste (cf Durval M. de Albuquerque Jr, 1987 e a conclusão desse trabalho). Os camponeses também dessas armas se apropriaram e deram a elas um sentido ao mesmo tempo pragmático e programático, pois a utilizam tanto para conseguirem melhoras imediatas, como as "frentes de emergência", como para denunciar uma situação secular que reproduz problemas que precisam ser enfrentados e resolvidos (entre eles mudanças na estrutura fundiária, projetos de irrigação mais consistentes e assistência técnica).

Essa forma dos camponeses se reapropriarem de um discurso não deve ser negligenciada, pois pode significar uma das formas possíveis de resistência e do enfrentamento de práticas autoritárias e excludentes que se reproduzem na região desde os tempos coloniais. Ao mesmo tempo, é uma pista importante que a análise do discurso de um grupo social coloca diante do pesquisador (vide introdução e conclusão deste trabalho).

Segundo: a terra, que aparece significando a própria vida do camponês, se mostra débil porque além de seca é pequena, "terras pouca e fracas", que no mais das vezes aparece diminuída em expressões correntes, como "terrinhas", "terrenozinho". E ao final, significa tanto a "liberdade de morar no que é seu" como a percepção de que essa "liberdade" é limitada porque "o seu" é insuficiente e não evita o camponês de ser um "pobre sem condições", o que o deixa mais próximo da dependência, ou na expressão de Jurandí, da situação de "proprietário escravo".

Os camponeses de Pau Darco, além do ritual que fazem anualmente trabalhando em suas terras, saem constantemente em várias épocas do ano à procura de terras para "botar um roçado, porque as terras dele são poucas e fracas". Quando conseguem "patrões" que cedem um "pedaço", chegam como "pobres e sem condições" que têm que "se curvar diante dos ricos" para pedir a terra de "meia ou de terça". Esse ritual, que o camponês da região faz para conseguir terra para ter um "bom lucro" e um "ano liberto" faz parte de tradições já enraizadas em seu universo e no dos "grandes", por isso as terras são cedidas em condições em geral já conhecidas e toleradas, o que não deve ser compreendido como práticas estáticas que se perpetuam eternamente, ou mesmo, que são aceitas sem resistência. Não é isso. A tradição nas relações entre sem terras e grandes proprietários, entre pequenos e grandes proprietários ou entre sem terras, pequenos proprietários e os "ricos" (que nem sempre são grandes proprietários) funciona como marco para que as partes se encontrem e estabeleçam contatos, mas não impede pressões e mudanças nessas relações, que podem vir de ambos os lados.

Tanto os "pobres sem condições" como os "ricos donos do mundo" têm margem de manobras e podem tentar utilizá-las no momento do "acerto" e da definição das condições em que a terra vai ser cedida (ou em outros momentos), se de "meia" ou de "terça" e mais ainda, o que cada um tem de direitos e "obrigações". É quando, no discurso camponês, pode se ter uma "boa terça", em que o "patrão" só quer a terça do milho e ainda cede a semente, ou, ao contrário, uma *"terça em que só quem sai ganhando é o dono do terreno"*, em que *"ele quer terça de tudo, começa da madeira, depois o carvão, milho, feijão..."*.

Por onde caminham, essas formas dos camponeses tentarem superar o problema da "terra pouca e fraca" desembocam na percepção de suas fragilidades, de suas "condições fracas", de sua "pobreza". É uma percepção que aparece em praticamente todos os depoimentos coletados em Pau Darco e termina desaguando em rápidas "histórias": *"a história é assim: o mal é que todo mundo só trabalha no que é dos outros..."*. Constatação que encontra reforço nessa outra passagem: *"eu acho tudo dum jeito só, tudo cansado, tudo sem nada. Tudo tem suas terrinhas poucas... é uma coisa só, tudo tem pouco e tudo trabalha fora"*.

Terceiro: a terra "pouca e fraca", além de levar os camponeses à procura de outras terras, pode levá-los por esses mesmos caminhos, ou por outros, à procura de "serviço" nas terras dos "grandes e dos ricos" ou com *"pequenos que tem condição de pagar"*. A procura de serviço "no dos outros" muda de acordo com o tempo. No "inverno", as opções são umas e em maior quantidade e no "verão" são outras, mas em menor quantidade e dependendo do lugar e do prolongamento do "verão" (quando surge a "seca") o camponês pode ficar sem opção, ou o que são opções tanto indesejadas, quanto inevitáveis, *"o trabalho no carvão"*, a ida para o "sul", ou o trabalho em áreas distantes da moradia.

E a terra que aparece no discurso camponês, em certos contextos, como um baluarte de sua "liberdade e autonomia" não consegue impedir que uma situação "injusta", como é o "trabalho no dos outros", exista e deixe o camponês em uma situação de dependência diante dos grandes proprietários e dos "ricos" ou sujeitos a viagens indesejadas. E tanto em época de "inverno" como de "verão" os pequenos proprietários têm que se deslocar de suas terras para trabalhar "no dos outros". O que é um dado para se compreender que a sua situação de dependência e sujeição nos dias de hoje está tanto ligada às condições em que se é proprietário como aos efeitos perniciosos que a seca tem sobre suas vidas.

O camponês, proprietário de "pequenos pedaços de terra", não consegue sobreviver sem o trabalho "no dos outros" porque suas "terrinhas" não lhes proporcionam meios para consolidar uma "liberdade" que só existe em certos momentos de sua vida, mais precisamente quando retorna do trabalho "no dos outros", entra na sua propriedade e "*não é mais mandado por ninguém*". Situação que mesmo sendo representada positivamente em seu discurso, pode durar apenas as poucas horas entre a janta, a dormida e o amanhecer do dia seguinte, quando tem que deixar suas terras mais uma vez.

Essa terra, depois de "cobrir de liberdade" durante algumas horas, termina limitando as condições de vida do camponês e contribuindo para que o mesmo se veja como um "proprietário escravo", por ter que deixá-la constantemente à procura do "ganho pra fazer a feira".

CAPÍTULO III: "ENCURTANDO OU ABRINDO O MUNDO": CAMPO, CIDADE E LIBERDADE

INTRODUÇÃO

Chegamos a um momento do trabalho em que reconhecemos a necessidade de organizar as idéias até aqui expostas e, ao mesmo tempo, colocar outras no seio da compreensão do "discurso camponês de liberdade".

Para chegar até aqui a caminhada não foi simples, aliás como não eram bons os caminhos e veredas que tivemos que percorrer em Pau Darco durante dois anos, pois estavam secos e tristes, mas também não são simples os caminhos da pesquisa nas ciências sociais. Ao final dessas reflexões, ficaremos satisfeitos se conseguirmos levar ao leitor e à academia um pouco do que aprendemos e apreendemos da vida dos habitantes de Pau Darco, ou mais precisamente, do que eles vivem, falam e pensam da "liberdade".

Reelaborar as falas dos camponeses de Pau Darco a ponto de transformá-las em um discurso compreensível para a academia (e quem sabe, para toda a sociedade) é uma tarefa complexa e estimulante. Não temos dúvidas dos limites do nosso exercício, ao mesmo tempo, não deixaremos de enfatizar o seu caráter singular, principalmente da forma como foi construído, que guarda tanto os segredos das descobertas como os limites da pesquisa.

As idéias colocadas até aqui ainda não dizem exatamente o que pretendemos nesta parte do trabalho. Esclareçamos: tentaremos, a partir análise do discurso camponês, compreender os significados da "liberdade" em uma área do Cariri Paraibano. Faremos isso a partir da organização das falas (e de seus significados) que possam nos ajudar

na compreensão das visões de "liberdade" que circulam entre os camponeses do Cariri Paraibano.

Para atingir esses objetivos, procuramos seguir algumas pistas deixadas por habitantes de Pau Darco que, para efeito de análise, dividimos em dois "grupos": 1) um grupo de famílias que até um certo momento de suas vidas viveu em terras alheias e que após muitas andanças e mudanças se tornaram pequenos proprietários. São pessoas que viveram duas situações diferentes e por isso são referências importantes na compreensão do "discurso camponês de liberdade"⁽¹⁾; e 2) um grupo de famílias que têm uma trajetória diferente do anterior por serem herdeiros ou filhos de herdeiros das terras de Pau Darco e nunca terem vivido em terras "alheias"⁽²⁾.

O material coletado nos sugere a existência de um discurso em que a "liberdade" aparece em duas dimensões, tão mais diversas quanto mais próximas e por isso perdem em significado se forem separadas abruptamente:

1

1. Das 28 famílias que atualmente residem em Pau Darco 5 já viveram, em algum momento de suas vidas, a experiência da *morada*: são as famílias do Sr. João Miguel, Sr. José Rosa, Sr. João Caetano, Sr. Manoel Raimundo e do Sr. Ozires Martins. São todas famílias "de fora". Alguns filhos de ex-*moradores*, hoje casados com membros da família Divino Ferreira, também viveram essa experiência com seus pais: é o caso de José Miguel e Cícero Miguel, filhos do Sr. João Miguel e de D. Olindina.

2. Os herdeiros que residem em Pau Darco com as famílias são cinco: D. Ana Divino Ferreira, Sr. João Divino Ferreira, Sr. José Divino Ferreira, Sr. Severino Divino Ferreira e o Sr. Bartolomeu Divino Ferreira. Um sexto, o Sr. Cosme Divino Ferreira, reside em outro sítio do município de Sumé e outros três já faleceram.

A primeira, utiliza referências e contrapontos que circulam no interior do próprio campo (o que não significa de maneira alguma dizer que exclue valores da sociedade em geral), quando o trabalhador elabora um conjunto de idéias em torno da diferença entre ser proprietário de terra e ser um sem terra (ou ter acesso precário à terra). Ou para alguns, entre o seu "passado" como *morador* e o presente como pequeno proprietário. Nessa dimensão, o parâmetro utilizado para se falar em "liberdade" é a condição de proprietário e o contraponto básico é a vivência nas terras "dos outros" como *morador*.

A segunda dimensão, termina deslocando algumas referências do "interior" do campo e envolvendo a cidade, mais precisamente as experiências como "empregados" em São Paulo (ou em uma perspectiva mais geral, a vida na cidade). Nesse momento do discurso, alguns parâmetros são repensados e outros reforçados. Aqui as falas giram em torno do significado dos rumos que toma a vida de um pequeno proprietário (ou de um filho de pequeno proprietário) quando deixa sua terra, a família, seu natural e vai ser "empregado" na cidade. Essa dimensão, mesmo tendo muito da anterior, por isso não podendo ser dela separada rigidamente, termina sendo elaborada a partir da incorporação de alguns aspectos que não aparecem na primeira. Só nesse sentido, é que ela pode ser compreendida e analisada à parte.

Essa separação é analítica, observamos mais uma vez. Por isso, não pode ser compreendida fora dessa perspectiva, mesmo o pesquisador podendo encontrar em algumas falas passagens em que apareçam mais ou menos rigidamente.

3.1- O discurso de "liberdade" no campo

"A liberdade é aquele que tem o que é dele, mesmo pobre mas tem seu terrenim, sua casinha. Planta seu roçado no que é seu. Num vai pagar meia ou terça a ninguém. Num vai pedir o roçado de ninguém... Agora, morar alugado, a favor... Um morador alugado num tem vez. Quem mora alugado num tem liberdade. Tem liberdade dos outros bulir com ele. Morar a favor é fogo!" (José Nunes)

Essa fala não deixa dúvidas: ser proprietário de terra, mesmo que seja de um "terrenim", significa para o trabalhador "pobre" do campo um certo tipo de "liberdade". Ela, no entanto, diz mais. Veja, leitor, ao mesmo tempo em que deixa claro que possuir terra significa entre outras coisas, ser "liberto", coloca logo em seguida como contraponto a esta situação, as relações de parceria e a relação de *morada*, que é bastante enfatizada, *"um morador alugado num tem vez. Quem mora no alugado num tem liberdade"*.

Mas a "liberdade" que os habitantes de Pau Darco afirmam viver hoje, mesmo com muitas dificuldades, como já vimos no capítulo anterior, tem algumas histórias que precisam ser contadas. Aqui, tentaremos seguir rápidas pistas de uma delas.

No Sítio Pau Darco, há cerca de 30 famílias que vivem da agricultura e pecuária em 150 hectares de terra⁽³⁾. Essas terras já foram, segundo os herdeiros, mais de 400 hectares⁽⁴⁾, que o Sr. Manoel Divino Ferreira adquiriu na década de 1920, através de uma troca com o pró-

3. Há, como colocamos na nota 1, 28 famílias morando atualmente em Pau Darco. Destas, 15 são proprietárias e 13 não possuem terra. Os sem terra são filhos solteiros em idade de trabalhar que moram com os pais, ou os casados que moram na terra dos sogros. As maiores propriedades de Pau Darco, que pertencem aos herdeiros (com exceção de uma), têm 18,5 ha e as menores tem 1 ha. Se considerarmos todas as famílias nucleares, o tamanho médio da propriedade no lugar é de 5,3 ha por família.

4. O leitor vai encontrar nos depoimentos a seguir um número diferente deste. Veja porque: sempre houve dúvidas entre os herdeiros quanto ao tamanho das terras que pertenciam ao seu pai antes do que chamam de "roubo". Chegamos a esse número aproximado a partir de uma comparação entre as terras que pertencem atualmente a Pau Darco e as que dizem ter sido "roubadas". Essas,

prio pai (avô dos atuais herdeiros): "depois passou esse terreno pra ele, mas ficando com os trocinhos que ele tinha... um gadinho, um cavalo bom, acho que uma égua, num sei o que, vou dizer que entrou uns seis bichos".

Entre o final da década de 1920 e o início dos anos 30, a região foi assolada por um longo período de "seca" (5) e o Sr. Manoel Divino Ferreira teve que se deslocar com a família para o Agreste e logo em seguida para a Zona da Mata de Pernambuco (na viagem só não foi a mulher que, segundo os herdeiros, ficou tomando conta das terras⁽⁶⁾).

Após cerca de quatro anos trabalhando na Zona da Mata de Pernambuco, "trabalhando na cana", o Sr. Manoel retorna com a família para a área hoje denominada Pau Darco. Os relatos mais consistentes contam a seguinte história:

1

..Continua....

pertencem hoje a Fazenda Bananeira, propriedade da família de A.A.

5. As informações e depoimentos indicam que esta seca começou em 1929 e terminou por volta de 1933. Segundo os habitantes mais idosos de Pau Darco (faixa etária em torno de 70 anos) foi uma das piores secas que viveram. Só sendo ultrapassada em conseqüências e extensão, segundo o imaginário dos camponeses dos lugares por onde andamos na zona rural do município de Sumé, pela "grande seca" de 1877.

6. Ouvimos de Antônia Ferreira, neta do Sr. Manoel Divino Ferreira, uma versão diferente sobre a permanência da esposa do seu avô no lugar durante o período em que ele esteve com os filhos na Zona da Mata de Pernambuco: segundo Antônia, o Sr. Manoel "abandonou a mulher" durante cerca de cinco anos e como esta era muito dedicada ficou à espera do marido, cuidando da terra "sozinha", durante todo esse tempo.

"Quando nós chegamos aqui, em 33, aí pai chegou, tava cerca por todo canto. Aí pai disse:

- Que negócio foi esse aqui?

Sua mulher (mãe), que havia ficado na terra, disse:
- Foi Dr. Márcio que vendeu a terra a Eretriano, um cabra lá de Campina Grande.

Aí pai disse:

- Vendeu a propriedade?

Mãe disse:

- Vendeu.

E eles:

- Mas cercou as minhas terras quase todas...

Foi Eretriano. Pai andou arreparando, olhou, disse:
- É, cercou tá sem jeito, não vou mais botar mato abaixo não.

Parece que foi de 31 pra 32... foi 31 mesmo. Eu sei que quando Eretriano comprou isso aí, parece que foi em 31. Foi, aí nós chegamos aqui em 33, já tinha feito cerca por todo canto, pelo mundo todo quase. O cabra muito rico, cercou tudo ligeiro, curtiu o mundo com a cerca. Sei que nós chegamos, aí pai também não quis mais questionar não. Disse:

- Já cercou tá sem jeito, deixa pra lá.

Era na base de quase mil quadros, mas vá lá uns novecentos, por aí. (Sr. Bartolomeu Divino Ferreira)

Esse rápido relato sobre um dos momentos cruciais na história da terra e dos habitantes de Pau Darco são ilustrativos também para se sentir um pouco a história agrária do próprio Nordeste, principalmente a história recente⁽⁷⁾. Hoje em dia são poucos os moradores do lugar

7. É o que vemos também nesse depoimento de seu João Miguel, em que relata o "roubo" de parte da terra do pai:

"Já, do mesmo jeito de hoje e cada vez mais imbeciando, que nós tinha um terreno, que esse terreno ainda tá pra escriturá lá... eu num sei nem por onde é, mas diz que tá tanto assim! (expressão com os dedos demonstrando tamanho pequeno). O rico ia hoje, botava fogo numa cerca, sabe? Caía uma pastagem, fazia com que a pastagem pegasse fogo, aí a pastagem queimava aquela cerca. Quando ele ia fazer a cerca, aumentava 5 braças mais pra cima, e a terra dele ficando maior, e lá vai, e lá vai... nós ficamos com 4 quadros de terra e ele ficou com grande propriedade, com uma grande...".

que retêm na memória essas passagens remotas de sua história, mesmo ela tendo um significado importante na forma como muitos deles vivem "os tempos presentes". Os 150 hectares de terra que foram herdados por nove filhos do Sr. Manoel, em meados da década de 1970⁽⁸⁾, hoje servem como lugar de moradia e trabalho para famílias que, segundo falas correntes,

"Eu acho que todos eles tem liberdade... é por que todos moram no que é seu, né? Um terrenozinho pequeno mas tudo mora no que é seu, num são moradores...é...mora tudo no seu terrenozinho, no seu setor, num são morador, é...Eles podem agradecer muito a Deus e os pais deles em ter deixado essa herança pra eles e num ter vendido em vida...que talvez eles hoje, num tivesse sequer onde morar, fosse morador, tivesse sendo xingado ... aí por alguns fazendeiros".(José Jurandí, grifos nossos)

Foi, em certo sentido, a obtenção das terras pelo Sr. Manoel, no final da década de 1920, que tornou possível a "liberdade" que os habitantes do lugar afirmam usufruir hoje, porque a partilha das terras entre os herdeiros terminou proporcionando também a pessoas "de fora", a maior parte ex-moradores, a possibilidade de comprarem

1

8. O Sr. Manoel Divino Ferreira faleceu em 1974. Porém, as terras de Pau Darco só foram divididas entre os nove herdeiros em 1975, quando da morte de sua esposa. A partilha das terras foi feita pelo Sr. Pedro Nogueira (veja mais informações sobre o significado da participação do Sr. Pedro Nogueira na nota 1 do capítulo I deste estudo).

"pedaços de terra"⁽⁹⁾ e passaram a viver com aqueles as benesses e agruras da vida de pequeno proprietário, em uma região com uma estrutura fundiária extremamente concentrada e assolada constantemente pela seca⁽¹⁰⁾.

Mas se o contraponto à vida "liberta" em suas terras é a situação de não proprietário, e mais especificamente como mostram os trechos, a de *morador*, qual o significado da *morada* para os habitantes de Pau Darco?

3.1.1- A *morada*, experiências de alguns...referência de todos

Não é difícil reconstituir o significado da *morada* a partir de relatos dos camponeses de Pau Darco (mesmo estes em sua maioria não tendo passado por essa experiência), pois é uma relação bastante presente no universo social dos camponeses da área⁽¹¹⁾.

Os relatos mais remotos da história de algumas famílias que hoje moram em Pau Darco e que viveram na *morada*, muitas vezes são marcados por passagens como essa:

1

9. Quando da partilha das terras de Pau Darco, em 1975, havia apenas uma família "de fora" (um *morador*), a do Sr. João Caetano. Logo em seguida à partilha, dois dos herdeiros decidiram vender suas parcelas (18,5 ha cada). Mas as vendas terminaram ficando restritas a parentes dos herdeiros. Só na década de 1980 é que parcelas de terras vão ser comercializadas a pessoas "de fora", ou seja, que não têm vínculo de parentesco com a família Divino Ferreira, mas que posteriormente ou mesmo antes de irem morar em Pau Darco vão criar laços, através do casamento de filhos.

10. Sobre os índices pluviométricos, as "secas" e a concentração fundiária no Cariri Paraibano veja a nota 4 da introdução.

11. Sobre o significado da *morada* como uma relação social que marcou profundamente o universo mental dos camponeses de algumas regiões do Brasil veja Lygia Sigaud, 1979; Afrânio Garcia Jr, 1987; e Otávio Guilherme Velho, 1987.

"... meu pai nasceu e morreu sendo morador, meu pai morreu... e assim fez vinte e sete mudanças, tudo trabalhando como morador, Trabalhando pros outros e morreu sem nada!" (José Rosa)

Essas são quase sempre as lembranças dos primeiros momentos da vida de algumas famílias que hoje moram em Pau Darco. São relatos de um "passado" que marcou profundamente essas pessoas.

Mas as experiências da vida em *morada* são diversas, afinal de contas quem faz tantas mudanças, "vinte e sete", vive com "patrões" diferentes, em circunstâncias também diversas. Mas saltam à vista os traços comuns das trajetórias que nos foram descritas, e ao final de cada relato tem-se a sensação de que foi um tempo perdido, um tempo negativo e de *sujeição*, um "passado" a que poucos querem retornar (embora existam aqueles que sentem saudades), de que muitos sentem ainda suas consequências e do qual querem distância por não ter deixado muita coisa, ou quase sempre as marcas da carência, *"trabalhando pros outros e morreu sem nada"*.

No geral, as experiências na *morada* são marcadas por sensações de limite: o trabalhador sem terra recebe a *morada* de favor, *"o problema que eu digo é morar a favor, é morar a favor. Esse aqui num tem chance de qualidade nenhuma"*, e passa a viver uma situação de dependência e subordinação. O proprietário indica onde deve "botar o roçador": *"procura os piores terrenos, os mais fracos"*; o que plantar, *"no contrato da gente nós nem planta palma, nem planta o algodão... nem fruteira. Nós só planta milho e feijão, porque é planta ligeira"*; e o que pode criar, *"negócio de gado, de animal, coisa assim eles não querem não. Agora negócio assim de terreiro, de um porco, de galinha, de uma cabrinha na corda, uma só, eles concede"*.

A esses limites impostos ao *morador* podemos somar outras atividades e imposições a que deve obedecer e que apenas reforçam a imagem de uma vida de *sujeição*: o excesso de trabalho, descrito como "*trabalho duro, trabalhando demais, serviço que dois costumava fazer até nove horas, eu fazia sozinho até oito, sozinho*". E principalmente, o que dá um significado mais chocante à idéia de *sujeição*, que é o controle e manipulação pelo patrão do tempo disponível que o *morador* tem, "*e hoje, graças a Deus tenho meu sossego. Se eu amanhecer o dia deitado na minha rede até 8 horas, não tem quem me grite. E nesse tempo, eu não podia dormir nem o primeiro sono, porque os patrões já mandava eu me levantar pra cuidar... no tempo que eu era morador*".

A falta de "liberdade" pode ser expressa tanto pelos limites impostos ao que o *morador* pode plantar e criar, como também "*a só poder fazer, mas não pode desfazer*", e ainda é reforçada pela permanente disponibilidade ao patrão que pode mandar um "recado" a qualquer hora do dia e da noite para o *morador* ir resolver uma emergência, o que implica a possibilidade de tirá-lo ou afastá-lo de uma atividade em seu roçado ou em um serviço de casa, mas também em privá-lo de noites de sono, já que muitas emergências acontecem em momentos de "descanso".

Uma vida marcada por limites como esses vai paulatinamente levando o trabalhador a representá-la negativamente e a procurar constantemente meios, a partir da própria relação de *morada*, para obter sua própria terra, onde sonha um dia viver tranquilo e "*sem ser mandado por ninguém*".

Até conseguirem um "pedaço de terra", ex-*moradores* como seu João Miguel, que hoje vivem em Pau Darco tiveram que "perambular muito pelo mundo", fazendo constantes mudanças e enfrentando muitas dificul-

dades e patrões que sempre procuravam uma forma de colocá-los para fora de suas terras sem qualquer direito. Nos relatos de alguns camponeses fica a impressão de que a "saída" e a "chegada" na *morada* eram momentos importantes, cruciais da relação. Por isso, nos deteremos um pouco nas falas que se voltam para esses dois momentos.

A "saída" de uma propriedade podia levar o *morador* a viver errando à procura de outro patrão ou, em alguns casos, a ter acesso a um "pedaço de terra". Essa segunda possibilidade nos interessa mais de perto. Momento de "transição" entre a experiência de *morada*, que representa o "passado" para alguns camponeses, e a vida como pequeno proprietário, que é o presente.

Nos relatos, essa mudança aparece de forma diversificada e cada família camponesa tem uma trajetória peculiar. Os relatos mais intensos mostram que uma das características da relação de *morada* é a sua inconstância. Um *morador* dificilmente começa e termina sua vida com um único patrão. O mais comum é ele passar um certo tempo trabalhando com um proprietário, até que seus interesses ou a condição da *morada* seja insuportável para uma das partes, que a partir de um certo momento começa a utilizar estratégias de exclusão ou mudança da outra (cf Lygia Sigaud, 1979:49-81). Quando a relação não se conforma aos interesses das partes, e especificamente aos do *morador*, ele tende a deixar a terra com a família e fazer um percusso que desde cedo se transforma em uma via crucis, *"andei muito, morrendo de fome, viu? Andando doze, quinze léguas, que nem contei ontem aqui... em riba dum pau de cangaia, numa burra véia cansada, com meus filhinhos morrendo de fome"*.

A vida de viajante que tem o trabalhador sem terra o leva a constantes experiências de *morada*, ou a constantes "entradas" e "saídas" nas terras de grandes proprietários e "ricos". São momentos cruciais para a vida do *morador* e em alguns casos foram decisivos para a garantia de recursos que lhe proporcionaria a aquisição de sua própria terra.

A "chegada" em uma *morada* é como um cerimonial que sempre se repete, é o que vemos nesse trecho:

"Na chegada tudo é flores, tudo era bom... daí por diante...". (D. Olindina)

"É, quando é pra gente entrar eles só mostram as condições de terça, essas coisas assim. Depois que o camarada tá de seis meses, um ano pra lá, que o camarada já tá sendo morador ali... o camarada já tá sem ter pra onde sair, aí tem de se sujeitar... até um dia quando puder sair". (José Rosa)

A "chegada" é sempre marcada por promessas e formas de atração do proprietário em relação ao trabalhador (a recíproca também é verdadeira), o que deixa uma pequena margem para que esse tente garantir algum tipo de benefício que venha ajudá-lo no momento da "saída". No entanto, não dá para superestimar os frutos obtidos pelo *morador* nesse momento da relação. Isso porque, de acordo com os relatos "as rédeas", que aparentemente estão soltas no início da relação, logo cedo começam a ser "encurtadas" pelo proprietário e em pouco tempo se transformam em um "cabresto curto", que só tende a encurtar mais ainda com o tempo.

De qualquer forma, os relatos levam a considerar que esse podia ser um momento de obtenção de "pequenas" vantagens que viriam ajudar o futuro do *morador*, vantagens como: poder "botar roçado" em uma terra não muito ruim; conseguir do proprietário o direito de criar qualquer

"coisinha" e garantir uma "semente" de gado para o futuro; ou ainda, criar para o proprietário e ter direito à "sorte" (aqui no caso do vaqueiro-*morador*), o que podia se transformar mais na frente em umas "sementinhas" que seriam utilizadas na aquisição de terras (vide exemplo de seu João Miguel no capítulo I deste trabalho).

Outro aspecto importante da relação de *morada* é o momento de "saída". Frequentemente, aparece no discurso camponês como um momento em que o trabalhador após dar parte de sua vida para "enriquecer" o proprietário, sai sem nada, "*começou sem nada e termina sem nada*". Ou seja, o seu trabalho de um, dois, cinco, dez ou mais anos termina "em nada", não é reconhecido pelo patrão, e o trabalhador ainda é afrontado em seus valores com "acusações injustas", como roubo, preguiça e negligência⁽¹²⁾.

Muito embora os relatos sobre esses momentos sejam marcados por um caráter fortemente negativo, não é difícil perceber que uma das "saídas" pode abrir a possibilidade para o *morador* conseguir comprar um "pedacinho de terra", pois a muito custo e nos locais em que ficou mais tempo ou em que teve uma "boa" relação pessoal com o proprietário, ele pode ter juntado alguns bens que são trocados e vendidos e, posteriormente, o dinheiro utilizado para comprar terra.

1

12. São expressões ou acusações como essas que ex-*moradores* afirmam terem sido utilizadas frequentemente pelos "patrões" quando queriam se ver livres deles. As acusações de "roubo" e de "preguiça" são as que mais afrontam os trabalhadores. Muitos dizem ter deixado vários patrões por causa de "acusações injustas" como estas. Que com certeza, deviam ser utilizadas como estratégia pelos patrões que queriam se ver livres de *moradores* "inconvenientes".

A *morada* como etapa de acúmulo de bens e de condições para se ter acesso à terra, além das possibilidades e dificuldades antes expostas deve ser mais relativizada ainda se atentarmos para dois outros fatores não ligados diretamente a ela e que podem ajudar na aquisição de terras pelo *morador*. Os dois fatores vinculam-se às relações familiares e de parentesco.

O primeiro, é o deslocamento dos filhos do *morador* para o "sul" ou outra região do país e a ajuda que esses podem mandar para os pais com a intenção de livrá-los da situação de *sujeição* em que vivem⁽¹³⁾. Essa possibilidade existe, mas não deve ser superestimada, pois um dos empecilhos para que seja acionada é a tendência dos filhos de trabalhadores rurais casarem muito cedo e no mais das vezes quando viajam para o "sul" é para garantir o sustento da família que formaram ou estão formando.

O segundo fator é mais freqüente entre os habitantes de Pau Darco: *moradores* em suas constantes mudanças de propriedade e de padrão terminam mantendo relações com áreas de pequenos proprietários e dessas relações podem surgir casamentos entre os membros da família do *morador* e de familiares de pequenos proprietários. O que posteriormente pode facilitar a obtenção por parte dos primeiros de um "pedaço de terra" na área em que seu filho(a) casou⁽¹⁴⁾.

1

13. Afrânio Garcia Jr, 1989, mostra o significado dessa estratégia utilizada por familiares de ex-*moradores* do Agreste e Brejo da Paraíba, que se deslocam para o "sul", conseguem acumular alguns recursos e os utilizam para a aquisição de terra no "norte". Não constatamos a efetivação dessa estratégia em Pau Darco, veja nota 11 do capítulo II.

14. Foi basicamente o que aconteceu com as cinco famílias de ex-*moradores* que hoje são pequenos proprietários em Pau Darco e que antes ou mesmo após a aquisição da terra tiveram algum de seus membros casado com pessoas da família Divino Ferreira.

Como é fácil perceber, esses dois fatores tendem a relativizar ainda mais a possibilidade de obtenção de um "pedaço de terra" com o resultado exclusivo da atividade como *morador*. O que apenas vem reforçar as representações negativas da *morada* no discurso camponês da região (15).

Com a obtenção de uma parcela de terra através dos mecanismos acima colocados (no plural porque consideramos difícil apenas um desses caminhos levar às mudanças ora discutidas), nos aproximamos de um momento em que os relatos fluem mais facilmente: a vida como pequeno proprietário.

Antes, porém, de entrar na discussão das condições em que vivem hoje os *ex-moradores*, é importante lembrar que muitos deles não conseguiram atingir essa fase e terminaram perecendo em terras hostis, muitos abandonados à própria sorte e em condições parecidas com a exposta nesse relato: "*eu me criei a favor, meu pai era trabalhador alugado. Nós moramo tudo a favor... meu pai quando morreu, num sei nem se deram a mortalha a ele! Eu acho que ninguém deu não...*" (16).

A rememoração por parte de alguns camponeses das condições de abandono e miséria em que morreram seus pais na *morada* dá um tom mais dramático ao fato e mostra parte de uma experiência que deixou muitos pelos caminhos e que continua perseguindo os que sobreviveram.

1

15. Mesmo não conhecendo dados sobre o município de Sumé, ou sobre o Cariri Paraibano, cremos que, como em outras regiões da Paraíba (cf Afrânio Garcia Jr, 1989), apenas uma pequena parcela de *ex-moradores* conseguiu ter acesso à terra e a maioria terminou migrando para cidades do próprio Nordeste ou do Centro-sul.

16. Outras possibilidades para *ex-moradores* ver Afrânio Garcia Jr, 1989:14.

Em suas terras, o discurso dos ex-*moradores* se mistura com o dos herdeiros de Pau Darco na defesa da nova condição que assumiram. Em um primeiro momento, utilizando como parâmetro as experiências de *morada*, tendem a hipertrofiar a "liberdade" do pequeno proprietário que vive "no seu" e "não é mandado por ninguém". Essas expressões, quando estimuladas por nós, apareciam com muita ênfase nos relatos dos camponeses. E a tendência em superestimar a condição de pequeno proprietário é bastante forte, pois foi por ela que muitos lutaram durante grande parte de suas vidas e outros a obtiveram desde cedo por herança e querem distância da possibilidade de vê-la negada. Juntos, eles expressam sua indignação contra o caráter de *sujeição* que tem a *morada* e ao mesmo tempo denunciam aspectos que dificultam a vida nos dias de hoje e que colocam a possibilidade de terem que deixar o campo.

As falas e relatos sobre "os dias de hoje" chamam a atenção pelo sentimento de falta, de impotência e revolta dos pequenos proprietários com relação a sua situação de penúria. Essas falas nos fazem lembrar dos "tempos da *morada*" com suas carências, seus limites, "sujeição e dependência". É um discurso que aproxima o tempo, relativiza as mudanças que alguns viveram e muitas vezes a indignação com o "passado" denuncia também a situação de penúria do presente, e a vida do camponês é contada como uma vida de eterno sofrimento e pobreza que, à primeira vista⁽¹⁷⁾, desemboca em um discurso de resignação e conformismo com a ordem "natural" das coisas, "deixada assim por Deus".

1

17. A idéia de "à primeira vista" é colocada como uma advertência para o leitor-observador, pois com o aprofundamento das observações e da pesquisa se pode descobrir práticas e formas de resistência que tornam simples as constatações que tendemos a fazer no início da investigação. Por outro lado, a resignação e o conformismo também fazem parte do universo social e mental do grupo pesquisado. E antes de ser visto como um preconceito precisa ser compreendido. Uma discussão interessante sobre essas nossas colocações foi feita por Bernadete R. Beserra, 1989:4-7.

Mas apesar da aproximação do "tempo da morada", representado como tempo de *sujeição*, com o "tempo de hoje", que aparece no discurso camponês como um tempo de dificuldades e limites e em certos contextos como tempo de *sujeição*, os tempos não são exatamente os mesmos e a análise deve comportar a noção de continuidade com rupturas (a idéia de ruptura com que trabalhamos aqui não comporta as chamadas revoluções sociais, tão forte em um certo imaginário de esquerda).

Se relembrarmos as dificuldades e problemas enfrentados por sem terras durante o momento final da relação de *morada* e as condições precárias em que conseguem ter acesso à terra, vamos compreender, em parte, porque um discurso que denuncia as dificuldades e *sujeição* no "passado" continua sendo reproduzido no presente, mesmo que com significados diferentes:

"Os terrenos poucos, os pobres hoje, só trabalha hoje nos terrenos fracos...pra isso, tá todas as terras boas, tudo pra lá, pra fazer pasto pros bichos...".
(D. Ana)

"Porque as terras da gente são muito poucas, num dá pra gente trabalhar... a gente quando paga terça nas terras dos outros... pedir a seu fulano, seu fulano vai dá o roçado a gente, antes do milho amadurecer direito ele quer botar o gado dentro...". (Sr. João Miguel)

As terras, conseguidas e mantidas através de muito sacrifício pelos *ex-moradores* e herdeiros, são insuficientes tanto a nível de extensão como de qualidade e os pequenos proprietários vão se sentir prisioneiros de outras situações difíceis, que os penalizam constantemente.

A noção de "terra insuficiente" é bastante recorrente e não poderia ser diferente, pois de um lado, os *ex-moradores* vão se transformar em proprietários em uma área de pequenos proprietários, sem

incorporar praticamente nenhuma nova parcela de terra⁽¹⁸⁾. O que ao invés de solucionar os problemas dos primeiros, vai ampliar os dos segundos, que também vão morar em terras poucas e enfrentar cada vez mais problemas com o seu desgaste e o crescimento da família, que não é acompanhado da expansão de sua propriedade.

De outro lado, terras de herdeiros como Pau Darco, que pertenciam a apenas um proprietário, agora vão ser divididas com os filhos que vão casando e formando novas famílias, ou ser vendidas a *ex-moradores* e sem terras que vivem errando pelas grandes propriedades da redondeza. Venda muitas vezes facilitada pelo casamento de filhos de *moradores* com membros da família que predomina no lugar.

As terras de herança, que talvez no momento da primeira partilha fossem suficientes para as necessidades de uma família não muito "extensa", começam a virar "terrinhas" onde as famílias vão viver "apertadas" e sem condições de poder ampliá-las. Junta-se ao problema da extensão da terra, o de sua má qualidade, que muitas vezes é provocada pelo uso predatório e constante que a leva ao esgotamento, e então não é difícil compreender porque o discurso-denúncia de viver nas terras mais "fracas" e "cansadas", "nos piores terrenos", é tão presente entre os camponeses⁽¹⁹⁾.

1

18. A professora Socorro Silva, profunda conhecedora da história do município de Sumé, diz desconhecer qualquer desapropriação ou parcelamento de grandes propriedades que tivesse como beneficiários pequenos proprietários. Esta informação não se aplica a médias propriedades herdadas, como é o caso de Pau Darco.

19. É o caso do Sr. João Divino Ferreira que recebeu 18,5 ha de herança, em 1975, e hoje tem 9 filhos e genros que "botam roçado" em sua terra.

As terras são descritas como "areias brancas e fracas" que "não dão nada ou quase nada", a não ser um "feijãozinho" e uma "roça" porque o milho e o feijão bom só se consegue nas terras adquiridas através da parceria, ou seja, pagando a terça e a meia.

A noção de "terras fracas e cansadas", que "já deram 50 sacos de milho e hoje num dão nem 20", aparece em praticamente todas as falas do camponeses de Pau Darco, onde "todos são dum tamanho só" e "tem que trabalhar fora, trabalhar no alugado", "botar roçado nas terras dos outros" ou "trabalhar no carvão" para conseguir manter a família e mesmo assim em condições bastante precárias.

É importante ressaltar que viver em terras "cansadas e fracas" tem como uma de suas consequências a submissão aos grandes proprietários e "ricos" da região, seja através do trabalho "alugado", principalmente em épocas de seca, seja através da parceria. Mas também aos compradores de carvão, ou para os que não querem viver mais intensamente à *sujeição* na época de seca, o abandono definitivo ou temporário da região, fazendo viagens contantes para o "sul".

Nesse ponto, retomamos a discussão sobre a *sujeição* na relação de *morada* e as "novas" formas de subordinação aos grandes proprietários e "ricos", só que, agora, como proprietário de "um pedaço de terra". Surge, então, uma questão: como é que se pode falar em mudanças na vida do trabalhador se mesmo com a obtenção da terra e o declínio das relações de *morada* outras relações vistas em certos contextos como *sujeição* e subordinação continuam fazendo parte do universo mental dos pequenos proprietários, sejam ex-*moradores* ou herdeiros que nunca viveram as relações de *morada*?⁽²⁰⁾ Se nos ativermos apenas a trechos

1

20. É importante ressaltar que ouvimos pelo menos de duas pessoas ("de fora") que a *sujeição* e as dificuldades são maiores entre os "de fora". O que relativiza a idéia corrente de que todos no lugar são iguais, ou de que não há diferenciação interna no grupo.

e relatos sobre as "condições" em que vivem hoje, não é fácil perceber as tênues mudanças ocorridas na vida de um ex-morador quando ele adquire a terra, mas elas ocorrem e se não devem ser superestimadas não podem ser negligenciadas, sob pena de não compreendermos parte do discurso veiculado pelos camponeses. Inclusive, a própria idéia de "liberdade". Vejamos algumas falas:

"Porque no tempo que eu não tinha a terra eu vinha desassossegado e hoje, graças a Deus, tenho meu sossego. Se eu amanhecer o dia deitado na minha rede até 8 horas, não tem quem me grite". (Sr. João Miguel)

Nessa fala pode-se perceber um dos significados da mudança entre a *morada* e a situação como pequeno proprietário. Mesmo em condições precárias como já mostramos anteriormente.

Na nossa compreensão, as mudanças ocorrem em vários aspectos da vida do trabalhador e tem implicações diversas:

O primeiro, mais geral e básico aspecto da mudança é a própria aquisição da terra, é *"ter meu pedaço de terra"*, mesmo que seja "um terrenim". É uma mudança significativa em uma região de extrema e secular concentração fundiária. É uma das implicações básicas para o ex-sem terra é que, agora, ele está morando "no que é seu", tem o local de sua moradia garantido e ninguém pode colocá-lo para fora de sua "casinha". Ter uma "casinha" segura para morar, sem se preocupar com a possibilidade de expulsão, é bastante significativo para muitos que viveram durante grande parte de suas vidas sendo obrigados a constantes e compulsórias mudanças: *"eu tenho tanto medo de mudança, meu filho... eu tô pensando que eu já fiz mais de vinte mudanças... mais de vinte... mas era a pulso, era a pulso"*.

O significado de ter a própria moradia assume outra dimensão quando se retomam as lembranças dos tempos em que morar nas terras "dos outros" era também estar à mercê de suas ordens, vontades e decisões; significa também poder plantar ao redor da casa e dentro do próprio roçado as fruteiras que deseja. Além dessas mudanças (mesmo

que algumas existam só em tese por conta dos limites da terra adquirida), existem várias outras que têm significados na vida do camponês: a possibilidade de criar gado, animais domésticos, plantar palma, capim etc⁽²¹⁾

É importante não negligenciar as "pequenas mudanças" que ocorrem na vida de um trabalhador sem terra quando ele a adquire, pois muitas vezes é a falta de algumas dessas práticas e costumes que intensificam o significado da *sujeição* na relação de *morada* e que na ausência de algumas delas pode aproximar a *morada* do "cativeiro" (cf Lygia Sigaud, 1979 sobre o significado do corte pelo sr. de engenho do "roçado" do *morador*). São também esses limites que, em geral, levam a relação de *morada* a constantes conflitos e momentos de instabilidade, insatisfações e acusações recíprocas entre proprietários e *moradores*.

O conjunto de mudanças acima mostrado, o destaque das possibilidades que elas criam e a forma como foi mostrado pode passar a impressão de que se está hipertrofiando conquistas bem mais modestas e simples. O que é uma preocupação importante. Mas afirmamos que não podemos deixar de registrá-las, por mais tênues que possam parecer, pois muitas vezes trazem indícios que dão significado às constantes denúncias de pequenos proprietários por virem sempre frustrados os

i

21. Mesmo que a colocação dessas possibilidades possa parecer um contrasenso ao que vimos argumentando até aqui sobre a precariedade do acesso à terra, é importante não esquecer o significado de se sentir com poder e "liberdade" para fazer essas coisas. Isso por si só já é uma mudança significativa no universo mental camponês: saber que tem essas possibilidades e que exerce o controle sobre elas.

seus "projetos" de autonomia e "liberdade", ou o que em Lygia Sigaud é chamado de "ideal camponês" (1979:112). Esses "projetos", ou esses anseios de ter uma maior autonomia costumam aparecer nos breves momentos de idealização da condição de proprietário de terra para aqueles que são herdeiros e ex-moradores, mesmo que todos denunciem: são "as terras mais cansadas", "os piores terrenos", "os carrascos que são deixados pra os pobres".

Os relatos e comentários que vimos tecendo sobre as possíveis mudanças que ocorrem na vida de um trabalhador quando ele adquire terra (ou quando ele sempre a possuiu, em uma área de estrutura fundiária concentrada) estão, em certo sentido, sendo hipertrofiados e isso tem algumas justificativas: primeiro, o trabalhador hipertrofia sua condição de pequeno proprietário quando ele relembra o "passado na morada", ou para os que nunca foram *moradores*, como forma de construir uma "barreira" contra aquela possibilidade e também contra a possibilidade de virem a se proletarizar ou viver como "pobres" na cidade; segundo, mesmo essa idealização acontecendo nessa dimensão (quando se compara a vida como pequeno proprietário e a vida na *morada*), ao invés de ser negligenciada deve ser compreendida e analisada, pois guarda pistas e segredos importantes para se compreender as "lógicas" do "discurso camponês de liberdade"; e terceiro, é nossa intenção compreender tanto o significado de momentos e relações importantes na vida do camponês, como também, seguir pistas e pegadas de atitudes e falas que podem não levar a descoberta alguma, mas que transmitidas através de expressões parecem estimular a imaginação criativa e a construção de muitos sonhos pelos camponeses.

As falas camponesas de "liberdade", que assumem um caráter extremo quando se tem como referência e contraponto a vida na *morada* (ou a vida como "empregado" na cidade), começa a passar por um processo de fricção e redefinições quando os relatos se voltam para as "condições" em que os camponeses vivem em suas terras, até então proporcionadoras da "liberdade".

As condições e debilidades de se viver em terras "poucas e fracas", que nem por isso deixam de proporcionar a "liberdade", terminam exercendo uma influência singular na forma como os camponeses das regiões semi-áridas do Nordeste vivem um momento crucial de suas vidas, os momentos de seca.

A seca sempre apareceu no discurso dos camponeses de Pau Darco como um dos grandes problemas que enfrentam e que pressiona em certo sentido a situação de "liberto" em que vivem. Com as secas constantes, as falas que mostram o campo como um lugar "tranquilo" e onde o trabalho é "solto" podem ser relativizadas e às vezes substituídas por falas que denunciam as dificuldades que se aguçam e com as quais se tem que conviver cotidianamente:

"Quem é que acha bom morar num lugar seco desse? A gente sofre demais. Só é um lugar liberto pra vida da gente, mas é um lugar sofrido demais... o povo passa mal demais.. liberto sobre a liberdade da gente, você passa o tempo todo ali e ninguém lhe ignora, com qualquer roupa e ninguém lhe ignora...".(João Divino Ferreira)

"... quando a gente lucra. Ai a sujeição diminui mais... mas num tempo desse, a sujeição é mais...".(José Rosa)

Nesses trechos, a "seca" aparece como tendo implicações diversas na vida dos camponeses, mas nos dois ela desempenha um papel parecido, o de junto com outros fatores (como as "condições fracas" que em geral vivem os camponeses) fragilizá-los e tornar suas vidas mais "sofridas" e sujeitas.

Em geral, os relatos camponeses transmitem a idéia de "um povo sofrido" que se torna mais indefeso ainda com as constantes secas que assolam a região, que mesmo sendo "um lugar liberto pra vida da gente", porque nele "você passa todo o tempo ali e ninguém lhe ignora", mas "é um lugar seco", onde "a gente sofre demais". E a "liberdade" de não ser ignorado e de "se vestir com qualquer roupa" termina sendo inibida e perdendo parte de seu significado quando a seca vem e acaba com "o lucro do agricultor" e o deixa mais sujeito ainda, pois "sem lucrar a sujeição é maior".

A seca, como vimos no capítulo II, tem implicações diversas na vida dos camponeses nordestinos, uma delas, expressa na passagem "ele não vai precisar tá se esforçando...comprando passagem cara pra viajar pra fora ... pra através de arrumar um emprego, ser escravo dos outros", nos interessa mais de perto porque coloca a discussão sobre a "liberdade" camponesa numa dimensão diferente, pois pressiona e desloca o trabalhador de sua terra, mental ou literalmente, e o transporta para a vivência de uma experiência diferente e que vai redimensionar o discurso de "liberdade": a "cidade".

3.2- A "liberdade" na relação campo-cidade

"Tem muita gente que fala em ir embora... pra outros cantos, mas eu mesmo digo a eles, nós começa a conversar, eu digo: "menino, quem é fraco pra todo canto carrega a fraqueza... é, pra todo canto que vai carrega a fraqueza. Porque se nós fosse pra lá... e quer dizer que a vantagem acompanhasse nós... tava bem, mas se nós num leva com que fazer a vantagem... a fraqueza vai com nós, nós não deixa ela. Ai, no canto que nós tiver, nós tamos fracos. No canto que nós tiver a fraqueza tá com nós... e quanto mais a pessoa faz viagem, mas o desmante-lo tá na vez". (Sr. João Miguel)

A trajetória do camponês que sai das regiões semi-áridas do Nordeste para as cidades do "sul", ou que vive errando no próprio Nordeste não é muito difícil de ser reconstituída porque há muito que é conhecida, pesquisada e divulgada, inclusive em músicas, filmes, novelas e romances⁽²²⁾

E mesmo havendo traços singulares na trajetória de cada indivíduo, família ou grupo, o que significa experiências diversas, não é difícil perceber a existência de algo parecido com um "ritual" na trajetória que o trabalhador faz do campo para as cidades, que tanto pode terminar com um retorno para o campo como com a permanência definitiva naquelas (cf também Afrânio Garcia Jr, 1989):

"Então, aqui era muito divertido, bem mais gente, que hoje tem meio mundo de gente daqui residindo fora, como em São Paulo, Rio... aqui nesse setor mesmo tem mais de cinquenta pessoas daqui de Pau Darco mesmo, que tão em São Paulo, devido as condições ser fraca aqui no nosso setor. Então, o pessoal destacou-se ...porque é como eu lhe falei as árvores são sem sombras, então... a gente tem de procurar sombra... fora...Então, o setor quando é muito fraco, a gente tem de adquirir recursos fora... é o que tá acontecendo aqui no nosso setor". (José Jurandi)

Nesse trecho, encontramos pistas para se compreender alguns motivos que levam os habitantes de Pau Darco a saírem de sua terra, em direção a cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. As "condições fracas" do lugar e das pessoas aparecem com destaque na explicação das constantes viagens de camponeses para longe de sua terra.

1

22. Há uma relação bastante extensa de livros, músicas e filmes que relatam os deslocamentos de populações camponesas das regiões semi-áridas no interior do próprio Nordeste ou para outras regiões. Para refrescar a memória do leitor, temos: 1) livros - "Vidas secas" (Graciliano Ramos), "A bagaceira" (José A. de Almeida) e "Morte e vida Severina" (João Cabral de M. Neto); 2) músicas - "Vida de viajante" (Luiz Gonzaga) e "Triste partida" (Patativa do Assaré); 3) filmes - "Vidas secas" (Nelson P. dos Santos) e o leitor pode continuar com o exercício lembrando de outros...

Em contextos diferentes vamos encontrar outras justificativas para a ida para o "sul" (ou viagens no próprio Nordeste):

"...nós viemos aqui apanhar algodão de ganho, em 49. Ai quando chegamos aqui, era antes de vim morar. Pai também, pai veio e passei por aqui um ano e tanto. Depois, por aqui os anos foi seco, ninguém lucrou... depois quando foi em 68 nós voltamos pra qui, que o ano lá foi seco. Eu imaginei, eu pra criar essa família toda pra outros cantos é pior. Agora eu vou tirar pro Sertão, vou pra lá..." (Sr. João Miguel)

"Afim de conhecer um pouco o mundo, né? É, o meu desejo mais não era nem ir mais atrás de recurso. Eu digo, passando um mês em São Paulo já tô bem satisfeito, porque nasci nesse pé de serra sem conhecer nada, a cidade que eu conhecia era Sumé. Na realidade, então, eu tinha vontade de conhecer um pouco do país". (José Jurandí)

Esses depoimentos são ilustrativos das possibilidades e estímulos diferentes que pressionam os trabalhadores das regiões semi-áridas a viverem em constantes andanças, dentro e fora da região. Mas apesar dessas passagens deixarem claro a diversidade, elas não deixam dúvidas sobre o significado da seca nos constantes deslocamentos camponeses. A seca também guarda dentro de si a estranha capacidade de transformar trabalhadores sedentários em viajantes incansáveis e "perigrinos" que vivem à procura de uma redenção. Ao mesmo tempo, junto com outros fatores tendem a dificultar mais ainda a vida dos camponeses, levando-os a não terem outra alternativa que não seja deixar a região, mesmo que para alguns, temporariamente.

A falta de trabalho, de dinheiro e meios de sobrevivência; o crescimento da família, que não consegue mais se reproduzir em pequenas parcelas de terra; a construção de "mitos" sobre as cidades grandes como locais de dinheiro, de trabalho e de possibilidades de enriquecimento. A aventura e "vontade de conhecer o mundo" e de mudar de condição social. O desejo de retornar um dia para sua terra em condi-

ções diferentes daquelas em que se encontram, quando sem alternativas são levados a fazerem constantes viagens para lugares distantes. E as constantes secas, tudo isso termina contribuindo para o deslocamento dos camponeses para as cidades. Ao mesmo tempo, são fatores que vão contribuir para a construção de imagens destas, embora a construção só vá adquirir contornos mais definidos com as experiências que lá serão vividas, ou para aqueles que nunca viajaram, com o caráter social que assumem as viagens para o "sul" que se tornaram mais frequentes, segundo Afrânio Garcia Jr (1989:11-12), a partir do final da década de 1940.

Em geral, há uma resistência dos camponeses em se deslocarem para o "sul". As informações são quase sempre no sentido de que só quando não existe mais nenhuma alternativa no lugar, ou quando as alternativas não estão satisfazendo as necessidades mínimas da família camponesa, é que eles vão tecendo as estratégias para conseguirem recursos para a viagem⁽²³⁾. As estratégias são diversas e vão desde a venda dos últimos bens que ainda possuem ao empréstimo de dinheiro a parentes do lugar ou que já estão situados no "sul"⁽²⁴⁾.

A viagem, normalmente feita em condições difíceis, "a fraqueza vai com nós", reflete em muito as "condições" em que se vive no campo e é marcada em diversos momentos pelo medo, ansiedade, expectativas, esperança, sentimentos comuns entre os que fazem trajetos pressionados pela necessidade⁽²⁵⁾;

1

23. Mesmo sendo um discurso que circula no campo e que seja bastante significativo entre os trabalhadores, é importante frisar que é possível se encontrar representações diferentes das que destacamos. No geral, os pais de família e as pessoas mais idosas são os que tem um discurso mais articulado contra a ida para o "sul". Por outro lado, podemos encontrar jovens com uma percepção contrária, já que seus anseios e expectativas sobre o campo e a cidade podem ser outras. Enfim, na compreensão das representações que circulam na área sobre o "sul" parece ser importante considerarmos tanto a situação de cada pessoa na família, como sua faixa etária e seus projetos, entre outros fatores.

"A viagem é boa, é o melhor que tem. Tanto de... ida é bom e de volta ainda é muito melhor. A viagem... eu gosto da viagem. A viagem, você tá tranquilo ali, é muito confortável ali. Você mais aqueles colegas conversando, um diz uma brincadeira, outro diz outra, todos aqueles colegas que vai dentro se torna uma família(...)" (José Jurandi)

Em alguns momentos, no entanto, o lado "bom" e "gostoso" da viagem, que é marcada por conversas com amigos e algumas práticas de solidariedade, termina mostrando outro significado, a necessidade que se tem de esquecer os problemas que foram deixados para trás:

"O cara vai preocupado um pouco, mas ele não pode se preocupar muito porque se o cara for se preocupar muito, pensar muito em chegar lá e arranjar emprego e pensar muito na família, é de vê ele voltar do caminho. A gente tem que pedir felicidade a Deus, primeiramente, e fazer o seguinte: ninguém quer comentar com o cara quando vai viajar "Ah fulano, não sei o que, Deus te ajude, te leve, te traga, faz pena você deixar sua terra pra ir embora", num sei o que. Eu não gosto de comentário. A gente saiu de dentro de casa, sair com o pé direito na frente, pedir felicidade a Deus e sair com fé, nem imaginar muito em família nem imaginar muito em São Paulo. Sair fazendo uma farra, como quando a gente vai pra uma festa". (José Jurandi)

No caminho, juntam alegria e condições precárias de quem viaja com pouco dinheiro e "sacrificado", com as conversas de outros tantos que fazem a mesma trajetória pela primeira vez, ou mais uma vez. E a viagem vai passando como passam as imagens de terras verdes e secas, cidades pequenas, médias, grandes ou de tamanhos não identificados, prenúncios do "sul". Cidades alegres ou tristes, escuras quando à noite. Terras onduladas, serras e morros descampados ou cobertos por uma vegetação que muda constantemente, como também mudam os ritmos dos carros encontrados no caminho, que parece não não ter mais fim.

..Continua....

24. No diário feito na última ida a campo registramos vários diálogos sobre estratégias que algumas pessoas pensavam utilizar para obter recursos para a viagem ao "sul". Entre outros apareciam: a venda de animais, pedir dinheiro emprestado a parentes que moravam em São Paulo, pedir aos "políticos" etc
25. Veja a letra de "Triste partida" de Patativa do Assaré.

Mas a viagem é também feita com o olhar e rica em imagens e paisagens que povoam os olhos e inspiram os sonhos dos viajantes. Sonhos marcados por esperança e vontade de se encontrar o trabalho, os amigos, a "riqueza" que buscam aqueles que viajam construindo imagens dos projetos que articulam para transformar aquela viagem na última (26).

A chegada em São Paulo, que é anunciada muitas vezes antes de acontecer, é sempre marcada por ansiedade e angústia. É um misto de deslumbre e decepção e talvez seja a partir desse momento que se vai construindo uma imagem mais forte da "cidade grande":

"A cidade nem dorme sequer, não dorme com barulho, com zuada. Quer dizer que isso não é liberdade. A gente não é liberto como é no sítio. Cidade, ninguém diga que tem sossego em cidade que não tem não. Eu já residí em cidade, morei em São Paulo quase um ano... com cidade eu só vi muitas coisas: correria, aperreio e agonia, só essas três coisas... Cidade só tem essas coisas mesmo". (José Jurandi)

O trânsito com sua rapidez e movimentação, que exige uma atenção especial do pedestre começa a pressionar as noções de velocidade, movimento e "tranquilidade" que o camponês tinha até então e aí é muito fácil perceber que a vida ali é uma "correria", muito diferente do ritmo lento em que se dão as coisas e acontecimentos na zona rural do Cariri. Mas os choques não se encerram na "agonia" porque para acentuar ainda mais essa, começa a se perceber a "zuada e o barulho" que tanta gente e tantos carros juntos fazem e com isso aquela vivência e noção de "paz, sossego e tranquilidade" que marcam a vida no campo vão sendo modificadas, vão se desfazendo e se transformando nas "três coisas que é só o que a cidade tem: correria, aperreio e agonia".

1

26. Parágrafos construídos tendo como referência relatos de habitantes de Pau Darco e outros sítios visitados, que foram ilustrados por nossa imaginação, já que fizemos duas viagens ao "sul" à procura de outras coisas, e observamos o comportamento de pessoas do campo que viajavam para trabalhar ou que retornavam para o Nordeste.

Passado os traumas e as dificuldades iniciais (alguns retornam antes dessa fase), ou simplesmente adaptando-se a elas, a cidade vai paulatinamente sendo descoberta e conhecida, "a vida, num é um serviço pesado, o serviço lá num é um serviço pesado".

O trabalho, embora não seja "pesado", é mais controlado por horários rígidos que com certeza não fazem parte do ritmo e horários do campo e passa a se viver em um trabalho, que se por um lado não é considerado como "trabalho" por não ser "pesado" (uma alusão aos trabalhos no campo que normalmente exigem um grande esforço físico), por outro, nega a "liberdade", porque além dos horários rígidos a jornada segue regras diferentes das encontradas no campo. Os dois trechos abaixo são ilustrativos dessas colocações:

"Não, liberdade nós não temos lá não. Lá nós não temos liberdade, lá nós temos apenas responsabilidade... é, lá você tem que... ou você trabalha ou você num come... Você tem que ir, chovendo, fazendo sol, com frio. Você tem que manhecar o dia e ir pro serviço. Você é um escravo do emprego. Tem que chegar antes da hora porque se você chegar atrasado 10 minutos num entra mais no serviço. Nós num temos liberdade em São Paulo e aqui nós temos". (José Jurandí)

Se imediatamente fizermos um paralelo com o "alugado", relação de trabalho no campo que mais se aproxima ao "emprego" na cidade, vemos,

"... vamos dar um dia de serviço a um acolá, alugado, quando chega acolá o patrão é ruim que nem a gota, o cabra deixa e vem embora. Vai pra outro acolá, quando chega... ele é miozinho um pouquinho, o cabra fica lá uns quatro ou cinco dias... lá na frente ele começa a ficar ruim de novo, o cabra se zanga, sai. E no fim, a vida do sítio é uma vida sofrida, mas solta...". (Zuca)

Na cidade, o ritual acima descrito parece ser mais difícil (embora seja possível⁽²⁷⁾) e existe menos possibilidade de estar mudando constantemente de patrão porque a necessidade obriga o trabalhador a se submeter e aceitar algumas regras que não têm precedentes no campo, embora esse possa ter algumas mais nefastas.

Quando retornam do trabalho para casa, muitas vezes uma moradia bastante precária (sempre falam em "quartinhos), que é o que conseguem pagar, descobrem que, além de viver em um lugar "apertado", têm que pagar aluguel, água, luz e gás, bens e serviços que no campo conseguiam com o dispêndio da força física e que já faz parte de suas atividades diárias, e mais uma vez "aqui é mais sossegado por esse lado".

A forma de se conseguir água, carvão, lenha (e ter a moradia, para os pequenos proprietários ou seus filhos) na zona rural é, em certo sentido, mais livre porque o trabalhador "pobre" não tem que pagar por esses serviços e bens. Mas o que o leva a colocar o acesso mais "fácil" que têm a esses serviços como um aspecto da "liberdade" que tem no campo, ou da comparação entre o campo e a cidade é, por um lado, o costume que se tem na zona rural de não pagar por eles e, por outro, porque o seu pagamento termina se transformando em um grande peso no orçamento do trabalhador, daí a insistência de que a cidade não é lugar para "pobre", "o lugar de pobre é no campo"(cf Lygia Sigaud, 1979). Esta é uma idéia bastante presente no discurso camponês quando se compara a vida no campo e na cidade⁽²⁸⁾.

1

27. Mesmo não tendo registrado relatos que confirmem, achamos possível que camponeses tentem reproduzir na cidade algumas práticas consagradas em seu local de origem. Quem trabalha com essa possibilidade é Maria Isaura P. de Queiroz, 1973:68-69.

28. Ouvimos vários relatos que apontam para estratégias que utilizam com o intuito de evitar pagar aluguel, água, luz e transporte: é o que chamam de "ficar na obra" (quando se empregam na construção civil) e "morar no serviço" (quando trabalham de porteiro, faxineiro ou vigilante de um prédio).

A percepção da cidade grande e mais especificamente de São Paulo como lugar de sujeição para o camponês "pobre" se aguça mais ainda quando se percebe que *"na cidade a gente num pode criar um bicho solto que nem cria dentro dos matos, num pode criar nada"* e, por outro lado, *"aqui pode se criar uma cabra, cabrito, uma galinha, uma porca, uma rês, lá na cidade é muito apertado... e aqui pra o pobre o espaço é mais aberto"*.

A associação do "lugar tranquilo" (em contraposição à "agitação e correria" da cidade), com o trabalho mais "solto, mais liberto" (em contraposição ao trabalho "sem liberdade de São Paulo"), e ainda "o espaço mais aberto para a criação" (em contraposição ao pouco espaço ou "espaço apertado" da cidade) levam muitos trabalhadores que retornam ao campo ou que já ouviram falar da vida na cidade grande, a construir imagens gerais como essa:

"é melhor. é uma vida mais descansada, o cabra vive liberto. Na cidade vive danado de preso". (Severino Palmeira)

O camponês que foi trabalhar na "cidade" e que viveu uma experiência marcada por passagens como as que tentamos reconstituir, guarda no fundo do coração, a vontade de voltar para o "norte", mas nem por isso retorna. Uns não retornam porque apesar do "sossego e tranquilidade" que é a vida no campo, ela não lhes oferecem condições de sobrevivência; outros porque preferem *"viver num lugar que não tem liberdade, mas dá dinheiro"* a *"um lugar seco, que não dá nada"*; outros ainda, conseguiram superar os traumas e as "diferenças" e fizeram do "sul" o seu verdadeiro habitat, lugar de "liberdade", pouco trabalho e vadiagem; e outros voltam para o "norte", não querem mais saber do "sul", contam a história dos que retornaram e juntam-se a esses os que vão e voltam quase todos os anos, para quem *"o sul virou caminho de roçado"* (cf também Afrânio Garcia Jr, 1989). Esses últimos nos forneceram as informações que tornaram possível reconstituir "fragmentos", "pedaços" de sua história ou do significado que tem a

cidade em suas representações e em seu discurso de "liberdade".

Mas não podemos deixar de lembrar que a representação da cidade como um lugar de não "liberdade" também nos foi fornecida por camponeses que lá nunca estiveram. Relembremos as palavras de seu João Miguel:

"Porque tem que trabalhar de noite ou de dia debaixo de ordem, se tiver chovendo vai, se tiver fazendo sol vai, se tiver com sono vai e se tiver doente... só se for muito demais... porque eles reconhece que num dá mesmo... mas eles (trabalhadores) têm de se apresentarem... fazer aquela ficha. E aqui se eu quiser vim embora ao meio dia... eu tinha vindo...mas lá não é assim, lá o cabra tem sujeição... Eu nunca fui lá, mas lá no São Paulo o cabra tem sujeição... que meu filho tem dito: "pai, o São Paulo é muito bom, mas é muita sujeição. Se São Paulo fosse uma terra liberta era a terra do mundo... era São Paulo", mas São Paulo não tem liberdade, tem sujeição".

E que por ouvirem "falar de São Paulo" ou por conhecerem o ritmo de cidades pequenas como a própria sede do município de Sumé, não conseguem se acostumar "com a vida na cidade" e terminam também transferindo aquela experiência esporádica e eventual (vão na sede do município "fazer a feira", receber a aposentadoria ou em alguma eventualidade) para a construção de uma imagem geral e negativa da "cidade" (qualquer cidade para alguns é pior do que a vida no campo, por isso normalmente não se nomeia a cidade a que estão se referindo e fazem sempre alusões gerais). Não esqueça, porém, leitor, do caráter relativo destas colocações e releia a nota 23 deste capítulo.

Não é demais lembrar que, mesmo se em uma perspectiva geral a vida no campo é considerada mais "solta", "mais liberta" e "sossegada, tranqüila" essa percepção raramente deixa de vir acompanhada da seguinte observação, "para o trabalhador pobre". O que por si só mostra o quanto é relativizada. Ou seja, dizer que no campo é mais fácil para o trabalhador "pobre" sobreviver não significa de forma alguma estar satisfeito com a situação em que se vive. Ao contrário, a própria confissão ou fala que afirma ser o campo melhor para o "pobre" é seguida sempre por outras tantas que denunciam as dificuldades enfrentadas pelos camponeses em sua própria terra, em seu lugar. O que nos faz

pensar que o "ideal camponês" não é algo estático, e sim marcado por uma dinâmica associada às experiências novas e diversas que vivem o camponês e a sociedade em geral.

*

A compreensão do "discurso camponês de liberdade" nas duas "dimensões" por nós sugeridas no início deste capítulo nos conduziram por caminhos nem sempre esperados, pois fomos paulatinamente envolvidos pela necessidade de mostrar o significado das experiências e percepções sobre a vida do pequeno proprietário e de *ex-moradores* no campo, e sobre a vida do "empregado" no "sul".

As entrevistas, histórias de vida e observação direta nos informam que o camponês do Cariri Paraibano construiu um discurso que tem como centro a terra. A terra enquanto propriedade⁽²⁹⁾. A vida do camponês existe e acontece em torno da terra, por isso a identidade construída pela sociedade, que o diferencia de outros grupos e classes sociais, mas também por isso que os camponeses se sentem diferentes de outros grupos sociais. A terra, o trabalho com a família na terra, a propriedade da terra com seus significados econômicos, políticos, ideológicos e culturais fazem do camponês, membro de um grupo social específico nas sociedades modernas⁽³⁰⁾.

1

29. Mesmo a terra sendo vista pelos camponeses de Pau Darco como uma propriedade passível de ser comercializada, percebemos que ela não é vendida a qualquer pessoa e o seu comprador quase sempre é um parente ou pessoa muito próxima à família Divino Ferreira.

30. Sobre o camponês como um grupo social específico veja Luiz E. Soares, 1981; Beatriz Heredia, 1979; e Maria Isaura P. de Queiroz, 1973.

Para representar sua situação social específica e construir um discurso em torno da "liberdade" e do viver "solto", os camponeses e trabalhadores rurais em geral utilizam como parâmetro, no campo, as condições dos trabalhadores sem terra ou com pouca terra, que cotidianamente têm que se submeter aos "ricos" e grandes proprietários.

As formas de dependência e submissão em que vivem os trabalhadores sem terra e pequenos proprietários são diversas, sendo que na região a *morada* é uma das que tem o significado mais forte.

A *morada* é o mais forte símbolo da negação da "liberdade", da condição de "liberto". É a relação que mais diretamente simboliza a *sujeição*.

Mas quando deixa a *morada* e adquire um "pedaço de terra", ou mesmo quando nunca foi *morador*, o pequeno proprietário na região pesquisada não deixa de forma alguma de viver relações consideradas como relações de *sujeição*.

No capítulo II vimos que além da *morada*, que é uma relação em declínio, temos na região relações de trabalho como o "alugado" e relações de parceria como a meia e a terça. Tanto a primeira como as segundas, em determinados contextos, podem aparecer como relações de *sujeição*; mas há uma diferença básica entre elas: em relações como o "alugado" e a parceria, o trabalhador vive e sente a *sujeição* diferentemente da *morada*, senão relembremos: "*mas quando em vez que o cabra vai procurar serviço lá fora, arranja, ou bom ou ruim mas vem pro que é seu. Botou o pé dentro do que é seu já tá com liberdade, já cobriu ele, a liberdade já cobriu ele*".

Na *morada*, não existia o momento mágico em que a liberdade "cobre" o trabalhador, pois ele ao voltar do trabalho "no do patrão",

mesmo que seja remunerado, continua sob a sua dependência, sob o seu olhar e controle, já que volta para uma casa que pertence ao mesmo patrão que lhe pagou pelo trabalho e que tem o "direito" de a qualquer momento solicitar os préstimos do trabalhador, segundo os próprios costumes da relação.

Quando tem o roçado na *morada*, o trabalhador também está sob o mesmo domínio do patrão e além de ter que pagar a terça ou a meia do que produz, deixa o pasto para o gado do patrão e está sujeito às suas ordens e vontades, tantas vezes quantas ele precise, mesmo que receba pelo trabalho que faz.

A confirmação pelos camponeses de que a *morada* é uma relação de *sujeição* forte e vista mais negativamente do que as que vivem nos dias de hoje não deve levar-nos a encerrar nossas análises.

Deixando o significado da *morada* um pouco de lado, o discurso camponês é redimensionado e, ao mesmo tempo em que constrói uma imagem positiva da vida como pequeno proprietário autônomo, denuncia as "condições fracas" em que vive. As terras "poucas e fracas" não conseguem produzir o suficiente para o camponês sobreviver com sua família, o que o leva, quando não deixa o lugar, à procura de alternativas que se modificam de acordo com o período do ano em que se esteja vivendo:

Em um período de "inverno" (entre os meses de março e maio), quando o "lucro é bom, a sujeição diminui mais", mesmo que o camponês em alguns momentos tenha que intensificar suas atividades, agora divididas entre o roçado "e o trabalho alugado no dos outros pra fazer a feira". Mas é o melhor momento da vida do camponês, por isso aparece sempre em seu discurso como um tempo de mais "liberdade":

"porque o camponês, quando ele lucra, que ele lucra bem, que dá pra comer bem o ano todim... ele trabalha se ele quiser. Se ele quiser trabalhar ele vai e vem com a vida. Quer dizer que é um ano de libertação, de liberdade... O camponês liberto que eu falo é isso aí, é... E um ano seco pra o camponês ele vai ser escravo. É um ano de escravidão pra ele... porque ele vai ter que procurar serviço, vai ter que trabalhar muito... porque época de seca ele num vai ter a liberdade que ele teve no ano de lucro, de muita fartura".

O "inverno" seguido de um "bom lucro" tende a redefinir, mesmo que momentaneamente, as condições do pequeno produtor, que passa a desfrutar de uma posição nas relações de poder um pouco diferente da tradicional. Nesses momentos, o trabalhador por depender menos do "trabalho no dos outros", porque sua casa está *"cheia de comida e todo mundo tá de barriga cheia"*, se sente com maior poder de mobilidade e ver uma maior aproximação do seu "projeto" de autonomia, pois *"ele trabalha se quiser"* e ainda *"vai e vem com a vida"* sem muitas restrições.

Traduzido em práticas mais concretas, "trabalhar se quiser" significa não se submeter *"aos que pagam serviço por qualquer tostão-zinho"*; trabalhar "no alugado" apenas os dias que tem vontade e que precisa para adquirir recursos para comprar alguns objetos de que sente necessidade, ou simplesmente não trabalhar; ter mais tempo para se dedicar aos afazeres de sua terra e da família; viver mais intensamente as festas e rituais religiosos que realizam sempre nos "tempos de bonança"; concretizar pequenos projetos como viagens de passeio e visita a familiares e compras de objetos que há muito desejam. Enfim, significa ter um maior controle sobre seu tempo, sua vida e a da família, essenciais em sua concepção de "liberdade".

O "ano de lucro bom" consegue redefinir as "fracas condições" em que vive o camponês e o deixa mais "tranquilo e sossegado" em sua terra com sua família e "menos sujeitos aos patrões". Por isso, a espera do "inverno" em cada ano que se inicia é marcada por expectativas, conversas e "rituais" em que há uma forte presença da esperança e do medo. Medo da chuva não vir e de ter que viver "um ano de escravidão", pois *"um ano seco pra o camponês, ele vai ser escravo"*.

A aproximação da situação em que vive o camponês em uma época de seca com a "escravidão" tem tanto um caráter estratégico, o da denúncia das difíceis condições que se está passando e a possibilidade de conseguir modificar ou amenizar essa situação com a ajuda dos governantes, como um sentido simbólico, por se aproximar muito com a imagem que a sociedade tem da escravidão, o "cativeiro", ou da possibilidade de seu retorno (cf Luiz E. Soares, 1981; Lygia Sigaud, 1979; e Otávio G. Velho, 1976 e 1987).

A vida do camponês, que já é em si penalizada pela condição subalterna que tem na sociedade⁽³¹⁾ e pelas dificuldades que encontra para se reproduzir trabalhando em terras "pequenas e fracas", termina sendo mais penalizada ainda nos momentos em que não consegue produzir nada em suas terras. As dificuldades se intensificam na obtenção de meios para a manutenção da família e dos animais que criam; os trabalhos no "alugado" escasseiam e quando aparecem as condições são sempre adversas; o "trabalho no carvão" não consegue amenizar as dificuldades e tudo isso deixa o camponês mais fragilizado ainda, o que dá um sentido mais intenso e dramático a falas como essa:

31. Sobre o campesinato como um grupo social subalterno ver da bibliografia utilizada, principalmente Maria I. P. de Queiroz, 1973.

"O povo diz que já houve uma época de cativoiro, não? Também se foi mais do que a que tá hoje, então tá com a mulesta! O rico tomou conta do mundo e o pobre tá embaixo e aguenta fome, pois se conversar besteira é morto! Teve um cativoiro mais do que esse? Isso é mentira! Mais do que esse, não! Nós nem somos obrigados pra eles, somos obrigados pela precisão. E quando nós chega eles já sabem do jeito que nós vem. Eles sabem mais do que nós, nós vem com precisão... Época ruim é boa pra quem tem! Época de seca é ruim pros pobres..."

✓ A seca, por ter efeitos perniciosos na vida do pequeno proprietário das regiões semi-áridas do Nordeste, termina exercendo uma pressão negativa sobre sua "liberdade", pois o fragiliza ainda mais diante dos grandes proprietários e "ricos" e termina funcionando como um fator peculiar que limita a manipulação da "liberdade" camponesa, por isso o significado de falas como essa, "na época de seca ele num vai ter a liberdade que ele teve no ano de lucro".

Entre outros problemas que traz para a vida dos camponeses, a seca deixa a região sem muitas perspectivas para a sobrevivência, e termina funcionando como um dos principais fatores da saída e expulsão do camponês de suas terras para a cidade.

A ida para a cidade, especificamente as cidades do "sul" (São Paulo e Rio de Janeiro são as principais), termina aparecendo no discurso camponês como a confirmação de suas fragilidades e das "condições fracas" em que viviam. Ao mesmo tempo, pode significar um afastamento definitivo da "liberdade" que desfrutava em sua terra.

A idéia básica sobre a vida do camponês que deixa sua terra por causa das "condições fracas", que são aprofundadas nos períodos de seca, e que aponta para o que vai enfrentar na cidade está expressa nessa fala de Sr. João Miguel:

"tem muita gente que fala em ir embora... pra outros cantos, mas eu digo a eles, nós começa a conversar, eu digo, "menino, quem é fraco pra todo canto carrega a fraqueza... a fraqueza vai com nós, nós não deixa ela". Ai no canto que nós tiver tamos fracos, no canto que nós tiver a fraqueza tá com nós... e quanto mais a pessoa faz viagem, mas o desmantelo tá na vez".

A cidade vai aparecer no discurso camponês como um lugar de sujeição, pois o camponês se ver privado ainda mais de alguns valores e condições que mostram mais cruamente que, se no campo o trabalhador "pobre" vivia em suas terras e não conseguia prescindir do "trabalho no dos outros", o que relativizava sua noção de "liberdade" e o deixava, em certo sentido, à mercê dos grandes proprietários e dos "ricos", agora, na cidade, sem terra, sem casa, sem o apoio da família, em um lugar de pessoas "estranhas"⁽³²⁾, de violência e "dessorsego", "correria, aperreio e agonia", vai estar cada vez mais distante de sua tão sonhada "liberdade", "tranquilidade e sossego". Vê o pouco (mas real) controle que tinha sobre seu tempo e afazeres, fugir-lhes das mãos...

São inúmeras e unânimes as falas que denunciam as dificuldades e problemas enfrentados pelos camponeses nas cidades e que terminam transformando essas denúncias em um discurso em que a cidade (especificamente São Paulo) é vista como um espaço de negação da "liberdade" camponesa:

32. A percepção das cidades do "sul" como um "lugar estranho" e de "pessoas estranhas" para os camponeses que se deslocam do Nordeste deve ser relativizada e amenizada por conta da "rede" de solidariedade que encontram formada por parentes, familiares e amigos que residem no "sul". Veja Afrânio Garcia Jr, 1989.

"Liberdade nós não temos lá não, lá nós temos apenas responsabilidade... São Paulo é diferente aqui do Nordeste. O Nordeste os caras num querem trabalhar, a maioria do povo num querem trabalhar querem viver de negócio... outros querem viver de um empregozinho pequeno, vai um dia outro num vai. Tem dias que ele vai pro trabalho a pulso, forçado, empurrado. São Paulo é diferente, você tem que ir, chovendo, fazendo sol, com frio, você tem que amanhecer o dia e ir pro serviço. Você é um escravo do emprego... nós num temos liberdade em São Paulo, a gente somos escravos do serviço...é... escravo do serviço e aqui nós num somos escravos do serviço. Todos nós aqui no Nordeste nós somos reis... temos nosso terrenozinho, temos nossa casa, num pagamos aluguel aqui... num paga água, num vem conta de luz... Pra nós, isso é uma liberdade que nós temos... Em São Paulo num tem isso, se você num pagar a luz em dia eles cortam... se você num for pro emprego você num ganha, cadê que você tem liberdade num lugar desse?"

É uma fala bastante presente no discurso camponês e, na nossa compreensão, aproxima muito o significado de uma relação que já afirmamos várias vezes fazer parte do "passado": a *morada*. Talvez seja o momento em que o camponês se sente mais próximo do retorno à uma relação que imaginava distante. E aqui não há nenhuma distinção entre *ex-moradores* e pequenos proprietários que não viveram essa experiência, o significado parece ser o mesmo para todos.

Mesmo que no discurso camponês essa associação nunca tenha aparecido explicitamente, nunca tenha sido feita diretamente, ela termina se impondo às nossas análises a partir do momento em que percebemos como as privações e os limites da vida do trabalhador na *morada* e na cidade grande são parecidos: não são proprietários, por isso não têm poder de decisão sobre as atividades que realizam e ficam à mercê das ordens do patrão ou prepostos; os horários que têm que seguir são definidos à sua revelia, sem sua participação e isso os leva a se submeter aos caprichos dos patrões, encarregados e administradores; sua permanência no "emprego" e na *morada* depende mais dos interesses dos proprietários do que dos seus; em nenhuma das duas relações são

proprietários da moradia em que vivem: em uma têm que pagar aluguel e se desfazer de parte do dinheiro que recebem, o que é considerado uma injustiça, na outra o "pedido da morada" é o motivo principal de sua *sujeição* e dependência ao patrão, o que é também visto negativamente, pois a contrapartida é abdicar do controle sobre seu tempo, sua vida e a disponibilidade às vontades do patrão.

Se aprofundarmos a análise do significado da *morada* e do "emprego" em São Paulo vamos encontrar vários limites na nossa associação, como por exemplo, a constatação de que na cidade o proprietário da moradia que o trabalhador aluga não é o mesmo patrão no "emprego". Há uma prática nas experiências em São Paulo que é bastante valorizada pelo trabalhador, "*os direitos que o empregado tem quando deixa o serviço*". Na *morada* não existe direito, o trabalhador depende exclusivamente da vontade do patrão e como vimos sempre é expulso da terra sem qualquer benefício, "*começa sem nada e termina sem nada*", o que aparece mais fortemente como uma injustiça e apenas confirma o desrespeito por parte dos "grandes" em relação ao trabalhador "pobre" (segundo Lygia Sigaud, 1979 e Afrânio Garcia Jr, 1989 a luta pelos "direitos" foi uma das causas básicas para o declínio das relações de *morada* na Zona da Mata de Pernambuco e no Agreste e Brejo da Paraíba). No Cariri Paraibano, apesar da pouca incidência de movimentos sindicais, as forças e significados sociais por eles impulsionados na Mata também se fizeram presentes no universo social de camponeses e proprietários e terminaram tendo um efeito em muito semelhante ao alcançado em outras áreas.

Os dois exemplos acima colocados são extremamente significativos. Têm importância fundamental na vida dos trabalhadores. Envolvem a

discussão da luta pela cidadania e põem em cheque nossa aproximação ou idéia de continuidade, mostrando seus limites, mas não a nega absolutamente e, no discurso camponês, expressões, passagens e falas continuam fazendo aproximações entre os "tempos passados", tempos da *morada*, tempos de *sujeição* e os dias de hoje, tempo de dificuldades e de escassez, seja na terra quando se é "proprietário escravo", seja fora dela, na cidade, em São Paulo, onde o trabalhador é "escravo do emprego".

Com a recorrência constante a expressões como "proprietário escravo", "escravo do emprego" entre outras (Luiz Gonzaga já cantava, "é triste o nortista tão forte e tão bravo viver como escravo no norte e no sul"), talvez um dia tenhamos que voltar no tempo e ao tema e acompanhar mais atentamente o significado desses termos e sua relação com a escravidão histórica e/ou bíblica, seguindo as pegadas deixadas por Otávio Guilherme Velho (1987) em seu artigo intitulado "O cativo da Besta Fera".

CONCLUSÃO

"Olhe, se num existisse seca, nós, nós seria feliz. Nós com a seca fica pior, viu? Ainda aumenta mais o nosso aperreio, entendeu? Porque nós somos liberto na nossa terra como se diz, mas com seca nós... somos escravos... dela... e nós deixa nossa terra como já lhe falei mais de uma vez... pra ir trabalhar pra os outros. Quer dizer que, invés da gente tá bem, temos mal, temos bem mal... num é bem... Seca só causa isso aí que eu tô lhe falando... é..." (José Jurandi, grifos nossos)

Falas como essa nos acompanharam em todo o período da pesquisa de campo. Os primeiros contatos. As conversas informais. As entrevistas, as caminhadas. Tudo que se fazia na zona rural do Cariri Paraibano desembocava em lembranças e referências à seca. E o mundo do camponês era desenhado por falas e expressões como se fora uma imagem estranha, difícil, seca, estéril, que em certos momentos passa a ser associada a tempos longínquos que a memória popular não quer que retornem, por ser um tempo "perigoso" como a seca, tempo de *sujeição*, tempo da escravidão, "*somos escravos... dela...*".

Mas a aproximação da seca com a escravidão, embora tenha significados simbólicos e estratégicos bastante fortes, não é o aspecto mais presente no discurso camponês. É uma forma extrema e provocante de se mostrar e denunciar uma histórica e remota situação de falta, de carência, de insegurança, de medo. Nesse sentido, é parte de um discurso com muitos outros significados.

A seca deixa marcas profundas nas falas, lembranças, histórias e expressões, dando ao discurso camponês um sentido peculiar; transformando-o em algo seco e áspero como o próprio tempo, como a própria vida, como as pessoas e a terra.

Mas, ao mesmo tempo que é incorporada ao universo e práticas do dia a dia, a seca provoca mudanças na vida dos camponeses e essas

mudanças dão outros "sentidos" ao discurso camponês (Durval Muniz de Albuquerque Jr, 1987)

Um dos sentidos que esse discurso tem assumido está intrinsecamente ligado à própria história sócio-política da seca, que no seu processo de instituição foi adquirindo proporções incontroláveis, se transformando em um fenômeno que ultrapassa em muito o seu caráter natural, ajudando, inclusive, na construção de uma identidade para o Nordeste, que transcende as fronteiras da "região" e do país.

A construção de um discurso em torno da seca no Nordeste teve também a participação dos trabalhadores "pobres" do campo (é o que nos mostra Durval Muniz de A. Jr, 1987, no capítulo intitulado "A Poesia do Sol (O discurso popular sobre a seca)"), que terminam reutilizando-o na perspectiva de angariar apoios e atenção para a superação de problemas seculares como a fome, a miséria, a dependência e o abandono pelos poderes públicos, ou problemas que têm se intensificado mais recentemente (como o monopólio da terra⁽¹⁾), que não são causados exclusivamente pela seca, embora encontrem nesses momentos tendências a intensificação.

1

1. Sobre a afirmação de que o monopólio da terra tem se intensificado recentemente no Nordeste ver nota 7 do capítulo III deste estudo.

O discurso camponês, então, assume esse caráter de denúncia e vai redefinindo o significado da seca, que adquire ares diferentes (embora nunca deixe de ser ares quentes e secos) e serve também como justificativa para os saques (ou "ataques", como são mais comumente denominados pelos camponeses), outra forma dos camponeses aparecerem na cena pública, nas cidades nordestinas.

"A seca é o espetáculo da pobreza em sua dimensão ostensiva e rebelde, em que se configuram os vários modos dos camponeses mostrarem sua tragédia. Organizados ou não, eles percorrem os espaços legais e ilegais, trazendo a público na cidade a situação de vida no campo". (César Barreira, 1990:78)

Esse é um dos sentidos que tem o discurso camponês em uma região fortemente marcada por estiagens. Registramo-lo por ser uma forma ímpar que assume em alguns momentos, mesmo não sendo objetivo de nosso trabalho analisá-lo⁽²⁾.

1

2. Os saques, ou na linguagem corrente em Pau D'Arco "ataques", parecem ter um significado que ultrapassa a satisfação das necessidades imediatas do "trabalhador pobre" do campo. É o que vemos nessa fala de Jurandí:

"Então, aquilo ali, quando uma cidade é bem ruim, o prefeito num quer prestar serviço com ninguém...o, o, o deputado que... apresenta aquela cidade, é dali vizinho e num quer fazer nada por ela. Então, um ataque deixa eles bem autênticos, porque eles vão prestar contas ao presidente e o presidente chama eles no ... porque você sabe que chama mesmo e diz: - mas rapaz, você mora lá vizinho, você é deputado lá, você é o prefeito lá rapaz, e você num vê a pobreza passando fome pra colocar pra mim. Porque eu era pra tá sabendo disso, rapaz! Então, agora vamos ter que pagar esse débito lá....(...) Entendeu como é que é o negócio? Então é isso aí. é através da tática pra orientar os homens no poder. Chama-se orientação, pra eles saber que uma família carente tá morta (...)"

Essa característica do discurso camponês, manifesto através de ações coletivas nas sedes municipais ou em seus distritos, tem um significado diverso embora complementar do aspecto que vimos anteriormente: as constantes denúncias sobre os problemas e dificuldades enfrentados em períodos de estiagens nas regiões semi-áridas.

O caráter de denúncia do discurso camponês anda lado a lado com algumas estratégias utilizadas para enfrentar as adversidades. Relembramos as palavras de D. Olindina:

"É assim seu Zé, eu sei que a gente pobre tem sofrido um bocado. Arrume pra lá seu Zé, arrume pra lá essa reforma, essa reforma... Vê se sai terra pra gente trabalhar... com esses homens ricos, esses deputados pra acudir essa rebera que tá tudo se acabando de fome, tudo à mingua, tudo seco, tudo sem ganho... os pobrezinhos... faz pena... Tu diga: "lá numa rebera (sítio) de Pau Darco, o povo... só queria que o senhor visse a seca seu governador, deputado ... acuda aquele povo, abra ali uma emergência praquele povo trabalhar..."

A presença do pesquisador, interlocutor que se interessa pelos problemas, atividades e histórias do grupo, que ouve com atenção suas falas e reivindicações, inclusive gravando-as, estimula no camponês a vontade e o interesse em falar sobre temas, pessoas e grupos que quer denunciar ou de quem se quer chamar atenção. E isto é feito com o intuito de mostrar uma situação de dificuldades e carências, mas principalmente expressa a vontade de angariar apoio e aliados para seus pleitos e reivindicações, que ultrapassam em muito as necessidades imediatas (como a "reforma", por exemplo). Isto porque, o pesquisador é visto como membro de um grupo social mais próximo dos governantes e

grupos privilegiados nas relações de poder na sociedade, o que lhe confere o papel de mediador junto às autoridades e aos "ricos" (3).

Esse aspecto do discurso, que aparece na literatura como tendo um sentido "estratégico" (4), é importante na compreensão das práticas e história do grupo, na sua reprodução e sobrevivência enquanto um grupo social específico, mas não deve ser hipertrofiado, pois ao mesmo tempo que o constitui é acompanhado por outros significados, também estratégicos, mas que o complexifica e/ou relativiza.

O discurso que se utiliza de formas que direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, colocam para o interlocutor interesses bastante claros assume, ao mesmo tempo, um caráter estratégico com sentido *defensivo*, pois em alguns momentos perde seu caráter de denúncia, que é mais agressivo e passa a ser permeado por um sentido conformista e introspectivo.

Vejamos um pouco mais desse significado do discurso.

No geral, os camponeses vivem em condições bastante difíceis, uns em estado de "pobreza" e outros de miséria (embora existam na região os camponeses "fortes" (5)). Se percebe muito das causas terrenas dos problemas que enfrentam, e parte são transferidos para entidades religiosas e forças superiores que são, ao mesmo tempo, portadoras da esperança e possibilidades de dias melhores para homens e mulheres que vivem em muitos sentidos à margem da sociedade.

1

3. A leitura que inspirou essas considerações foi Soares, 1981:19-28.

4. Ver discussão que Durval Muniz de Albuquerque Jr, 1987:1-14, faz sobre o caráter "estratégico" do discurso.

5. é o termo que utilizam para designar pequenos proprietários que vivem em melhores condições: não precisam trabalhar no "alugado" nem no "carvão", criam gado e raramente se desfazem dele, mesmo em épocas de seca; em algumas épocas do ano "pagam serviço no alugado" etc

Por isso, não é difícil encontrar pessoas que depositam em uma perspectiva *defensiva*, ou seja, de espera, suas esperanças em um governante, que muitas vezes é visto com poderes próximos aos que tem entidades superiores⁽⁶⁾. O que deixa a impressão de que da mesma forma que esperam pela ajuda do "patrão", esperam pela ajuda de Deus para amenizar seus sofrimentos e pela ajuda dos governantes que podem resolver tudo, ou que *"com fé em Deus vão olhar pra o homem do campo"*.

é um tipo de resistência que vai sendo minado até o ponto em que se perde a esperança e o que resta a fazer é esperar pelo próximo inverno e torcer para que *"Deus mande chuva"*.

Após recorrer a Deus no céu, que pode mandar a chuva, a fartura e com ela *"a bonança"*, *"um ano de liberdade"*, aos homens na terra, que podem mandar a "emergência", perfurar poços ou encontrar uma saída. Após fazer tudo isso e não ver suas expectativas atendidas, retira-se

1

6. Na área em que pesquisamos é bastante forte a idéia de que o Presidente tem poderes extraordinários e acima da sociedade e das classes sociais. É comum entre algumas pessoas a idéia bíblica de que o Presidente (que em algumas falas mais parece um rei) é um enviado de Deus na terra. É o que vemos nessa fala de seu João Miguel:

"Porque olhe, o caso que Ele (Jesus) disse que nós tem de ter rei na corte, nem que seja 24 horas, nem que o sangue dê no joelho. O que é o sangue dá no joelho? É uma grande guerra, num é? Após pronto, Jesus deixou escrito que quando fosse... que tinha pelos fins das eras, tinha de entrar rei na corte. Embora que fosse 24 horas, Embora que o sangue desse no meio da canela ou do joelho..."

o crédito nos homens ("políticos" e governantes) e resigna-se com a pouca benevolência de Deus que não mandou chuva nem melhoras. E tudo isso termina por contribuir para a construção de um arcabouço de resistência para "tirar até o próximo inverno", que chamaríamos de resistência *defensiva*. Isto porque em alguns momentos se incorpora as dificuldades de forma "defensiva" e passa-se a conviver com elas como se fossem algo natural, passageiro e costumeiro. Nesses momentos, são mais frequentes expressões como, "sempre foi assim", e "só Deus pode dar jeito". E a "pobreza" e a miséria passam a ser vividas com uma certa resignação ou, ao contrário, são enfrentadas se desfazendo do "chefe" da família ou de filhos que se deslocam para trabalhar em áreas próximas, ou mesmo em regiões distantes como o Sudeste, o Centro-Oeste e o Sul do país.

Nas falas camponesas são diferentes as idéias em que o homem do campo aparece como autor de pressões para ver atendidas suas reivindicações; é diferente o reconhecer em si próprio poder para exigir dos governantes maior atenção, melhores condições de vida para o homem do campo e tem-se a impressão de que o final se resume à percepção de uma impotência que se transforma em falas e atitudes que misturam estratégias diversas, denúncias e conformismo⁽⁷⁾.

1

7. A utilização em menor quantidade de mecanismos coletivos de pressão, ao nosso ver, significa mais do que "incapacidade" ou "inconsciência" por parte dos camponeses. Alternativamente certas práticas e resistência entre os camponeses podem ser compreendidas como formas diferentes de manifestar suas insatisfações e de "pressionar" as autoridades etc

Esses são momentos em que as falas de "liberdade" são mais relativizadas e em que aparece (em um aparente paradoxo) com muito mais força um discurso de desespero, descrédito, desesperança. Momentos que para alguns a "liberdade" e autonomia de viver "no seu", de ser proprietário de terra parece ver seu significado redefinido e em que o campo com a seca se aproxima mais de uma "prisão" da qual não é fácil fugir, pois *"o pobre não tem pra onde ir"*.

O aprofundamento da compreensão do significado que tem a terra para o camponês nos momentos de seca, nos mostraria ainda que a "prisão" a que nos referimos a pouco, não nega a possibilidade de conviver com o seu contrário, a "liberdade". Paradoxo? Talvez, mas e por que os camponeses do Cariri Paraibano não construiriam suas representações também comportando aspirações contraditórias? Deixaram por acaso de ser mortais comuns? Se livraram por acaso de práticas e sentimentos que estão presentes em qualquer grupo social? E que são permeadas constantemente de contradições?

De nossa parte procuramos evitar transformar os protagonistas de nossa história em meras abstrações conceituais. Por isso, o que chamamos de contradição na visão de "prisão" que comporta a "liberdade" talvez seja algo mais simples na percepção dos camponeses de Pau D'Arco e nós estejamos transformando-o em um paradoxo. Pois como vimos, a seca redefine mas não elimina o controle sobre o tempo, o espaço e o trabalho que o agricultor tem quando é proprietário de sua terra. Mas também ser proprietário de terra em determinados contextos não exclui a possibilidade de se sentirem "proprietários escravos".

As constantes referências às dificuldades e problemas em que vivem faz com que o discurso desloque para suas margens referências a outros aspectos da vida do grupo, como se estivesse silenciando sobre

esses. Nesse sentido, talvez se possa explicar as poucas referências espontâneas à condição de "liberto" como um "silêncio". "Silêncio" que como nos ensina Eni P. Orlandi (1990:50), "significa multiplamente":

"Mas como o silêncio não fala, não é possível traduzi-lo em palavras. Desse modo, em nosso trabalho, são os mecanismos mesmo de funcionamento dos diferentes processos de significação que mostram o silêncio (que os constitui) que procuramos explicitar. Vale dizer que o silêncio a que nos referimos não é visto apenas na sua "negatividade". O silêncio é. No silêncio, o sentido é. Há história no silêncio porque há sentido no silêncio". (grifos no original)

E a ausência de referências espontâneas à "liberdade", na nossa compreensão, pode ser lida também como "produção da resistência" (Eni P. Orlandi, 1990:52) que através do "silêncio" assume significados importantes na compreensão do discurso camponês.

Esses dois aspectos do discurso camponês, conformismo e resistência, estão profundamente interligados e são constitutivos da vida e reprodução dos camponeses em geral. Não podem ser vistos como excludentes, afinal de contas não se resiste o tempo todo e a tudo, nem também se conforma indefinidamente (e o conformismo pode ter também um significado estratégico, como vimos tentando expressar). O que parece mais próximo das práticas do grupo camponês pesquisado, e que o constitui (isso é muito importante), é o envolvimento com teias de poderes e grupos sociais que caminham em direções diversas, e vivem relações de poder que comportam o conformismo e a resistência.

Seria ingenuidade procurar no discurso camponês⁽⁸⁾, grupo social visto como subordinado, apenas aspectos que mostrassem indefinidamen-

8. Sobre as noções de "discurso" e "análise de discurso" remetermos a leitor aos seguintes autores: Eni P. Orlandi, 1986; Eni P. Orlandi et al, 1989; e Dominique Maingueneau, 1989.

te sua resistência. Ao final do estudo, o pesquisador teria suas "barricadas do desejo", mas não deixaria muitas pistas para a compreensão da reprodução econômica, política e sócio-cultural do campesinato. Nessa, podemos encontrar atitudes que podem significar a aceitação de uma certa condição vista como subordinada e, ao mesmo tempo, falas que dão um sentido diferente à subordinação e tanto umas como as outras constituem o fazer-se do grupo⁽⁹⁾. Por isso, não devem ser vistas como excludentes.

Dessa ótica é que podemos compreender o "silêncio" no discurso camponês, e o silêncio não como mero conformismo nem só como resistência, mas o silêncio como fazendo parte do grupo, ou nas palavras de Eni P. Orlandi, "há história no silêncio porque há sentido no silêncio".

O importante nessa discussão, é considerarmos, leitor, que as informações coletadas estão marcadas, em certo sentido, por interesses muitas vezes negados, "silêncios" significativos e estruturantes, sonhos irrealizáveis, projetos que vão sendo paulatinamente efetivados e que guardam na sua estruturação, nas redefinições que sofrem e no seu surgimento, aspectos da conformação do grupo e outras forças sociais muitas vezes irresistíveis. E isso tem que ser analisado sem preconceitos ou polarizações estéreis. Ao mesmo tempo, não são atitudes típicas dos camponeses ou de qualquer grupo social específico, e sim partes constitutivas de todos os grupos sociais.

1

9. Expressão e noção inspiradas em Thompson, 1981 e 1987.

Outro sentido que chama a atenção nas falas dos personagens que protagonizaram nossa história, como seu João Miguel, José Rosa, D. Ana, Antônia e Jurandí entre outros, é a tendência em hipertrofiar certos problemas enfrentados pelo grupo. Esse aspecto do discurso termina contribuindo para a construção de visões "oficiais", cristalizações e mitos, mas também para superdimensionar um problema e elegê-lo como o principal na vida do grupo e dar um novo sentido ao mesmo, ou construir, "inventar", criar um problema para servir como referência e identificar o grupo. Ou ainda para barganhar ajuda com governantes e outros grupos sociais (essas "construções" e "invenções" não podem ser vistas apenas em uma perspectiva instrumental, estratégica, mas também como atitudes "não" conscientes).

Na nossa pesquisa, esse sentido do discurso está presente sobretudo na visão que nos passam da seca, que se amplia e se transforma na denúncia da situação precária em que vivem, na denúncia dos fazendeiros, dos "ricos" e dos "políticos". Mas também, na visão mítica que os herdeiros das terras de Pau Darco e seus descendentes tem do Sr. Manoel Divino Ferreira, personagem que segundo falas correntes tornou possível a existência da "comunidade" de Pau Darco e da "liberdade" que seus habitantes desfrutam hoje⁽¹⁰⁾.

1

10. Sobre o mito do Sr. Manoel Divino Ferreira ver também nota 5 do capítulo II deste estudo.

Considerar aspectos diversos quando se analisa um discurso não significa de forma alguma pulverizá-la e terminar descaracterizando-a. Ao contrário, significa tentar compreender e desvendar textos e falas na sua diversidade e complexidade. Foi o que tentamos fazer também nessa parte final do trabalho.

Feitas estas considerações passamos para o segundo aspecto geral e conclusivo de nossas reflexões. Começemos com essas idéias:

"Se, de um lado, tudo é político e, de outro, se tem procurado minimizar ou desprezar a importância do político, não é menos verdade que hoje é mais ou menos claro para todo intelectual que o que ele produz como conhecimento é submetido já de saída a tensões que nascem de embates que nada têm a ver com a pretensa neutralidade da ciência, mas com as relações de força que presidem um imaginário social como o nosso". (Eni P. Orlandi, 1990:33)

Os caminhos percorridos para a construção de nosso objeto, a coleta dos dados de campo, a organização e análise desses dados terminaram desembocando em uma construção diferente daquelas que registramos em conversas, entrevistas, histórias de vida e na convivência com os camponeses. É importante o leitor ter clareza disso para não imaginar que o que relatamos e tentamos reconstituir pode ser encontrado na área pesquisada tal qual apresentamos aqui. As coisas não são bem assim e a nossa construção é, ao final, algo "novo" e em certo sentido diferente da realidade pesquisada, embora tenha com essa aproximações e certas coisas em comum ⁽¹¹⁾.

1

11. Sobre essa discussão ver também Eduard P. Thompson, 1981; Luiz E. Soares, 1981; e Sidney Chalhoub, 1990.

Na verdade, o exercício que realizamos, a forma como o fizemos e os meios que utilizamos são responsáveis por essa "distância" entre as reflexões acadêmicas e a "realidade" vivida pelos camponeses, ou a percepção que têm da "liberdade". Essa e as formas como é vivida, ou o significado com que aparece no discurso camponês, têm uma dinâmica que dificilmente os instrumentos utilizados pela academia, por mais sofisticados e renováveis que sejam, conseguem acompanhar, o que é um "limite" com o qual sempre vamos conviver já que, segundo as últimas notícias que se tem no campo das ciências sociais, essa percepção antes muito questionada e colocada em dúvida por uma certa literatura, hoje se transformou em lugar comum de muitos trabalhos que surgem dentro e fora da academia (12).

Essa compreensão, a nosso ver, não diminui o significado do trabalho acadêmico e termina criando no seio da academia e de outros espaços e instituições novas metodologias para se apreender de perspectivas diversas a "realidade" ou um fato histórico. É o que nos ensina E. P. Thompson (1981:49), nessa passagem:

"O conhecimento histórico é, pela sua natureza, (a) provisório e incompleto (mas não, por isso, inverídico), (b) seletivo (mas não, por isso, inverídico), (c) limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência (e os conceitos que informam essas perguntas), e, portanto, só "verdadeiro" dentro do campo assim definido."

Nas palavras também provocantes de Paul Veyne, reproduzidas por Eni P. Orlandi, 1988:

12. Você pode encontrar em Eduard P. Thompson, 1981; Luiz E. Soares, 1981; Afrânio Garcia Jr, 1989; e Sidney Chalhoub, 1990, essa perspectiva, que aqui foi colocada como contraponto a uma certa leitura do marxismo.

"diante de várias perspectivas metodológicas adotadas, não se trata do mesmo objeto visto de várias perspectivas, mas de uma multiplicidade de objetos diferentes. Ou seja, as diferentes perspectivas pelas quais se observa um fato, ou acontecimento, dão origem a uma multidão de diferentes objetos de conhecimento, cada qual com suas características e propriedades".(apud Eni P. Orlandi, 1988, p. 15)

Quando definimos a forma que daríamos às nossas reflexões e a sequência em que as exporíamos (exercício só concluído com o término da última versão deste trabalho), sabíamos que estávamos fazendo uma opção entre várias outras possíveis e que essa opção seria uma marca que identificaria o trabalho e que daria uma "cara" diferente ao material coletado em campo. Esse, após ser analisado (ou filtrado), jamais poderia ser confundido com o material "bruto", coletado. Por isso, temos certeza que o nosso "discurso camponês de liberdade" não é exatamente o discurso de "liberdade" dos camponeses de Pau Darco, mas a transformação de várias falas e atitudes de um grupo camponês em um "discurso", ou sua construção e análise enquanto tal, operada pelas mãos, valores, perspectivas teórico-metodológicas, criatividade e imaginação do pesquisador, o que o torna diferente das falas que individualmente circulam em Pau Darco.

Epílogo

As dúvidas encontradas nos caminhos que percorremos para chegar até aqui e os limites que percebemos na nossa construção, nos aproximam de Eni P. Orlandi (1990:09) quando afirma que,

"é assim que eu gostaria de saber lido esse meu trabalho: sentidos que chegam com a mesma incerteza do viajante que acaba por dizer sobretudo o que não sabe sobre aquilo que, desconhecido, veio a conhecer. E que está sempre mais além".

E a esperança de que o "que está sempre mais além" estimule muitos que sonham em ser viajantes mais seguros das caminhadas que não se acabam por aqui, ou então, como aconteceu com Sr. João Miguel e muitos outros, que depois de tantas "mudanças" à procura de uma *morada* ou da "Terra Prometida", terminaram com medo de "perambular pelo mundo".

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário Nordestino. De problema à solução (1877-1922).** Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, UNICAMP, 1987.
- ; "A fome tira o juízo": seca e conflitos sociais no Nordeste. **Revista Grão**, UFPb-CH, Campina Grande, nº 4, p. 65-80, 1985.
- ANDRADE, Manoel Correia. **A terra e o homem no Nordeste. Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.** 5. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1986.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá. Filosofia de um trovador Nordestino.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BARREIRA, César. Seca: reprodução e rebelião. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, DF, vol 4, nº 2, p. 71-91, 1989.
- BESERRA, Bernadete R. **Diários de sombras e de luzes. Um estudo sobre os aposentados rurais.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, UFPb, Campus II, Campina Grande, 1989.
- ; Antigamente e hoje: relações de trabalho versus cidadania. **Brasil: Norte e Nordeste. Estudos em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, ANPOCS/IAF, p. 41-66, 1991.
- CARDOSO, Ruth C. L. (org.) **A aventura antropológica. Teoria e pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, Ramilton M. O capa verde: transformações econômicas e representações ideológicas dos trabalhadores do sisal. **Brasil: Norte e Nordeste. Estudos em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, ANPOCS/IAF, p. 67-90, 1991.

DE DECCA, Edgar. **O nascimento das fábricas.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DUQUÉ, Ghislaine. Estrutura fundiária e pequena produção (um estudo de caso no Cariri Paraibano). In **Raizes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, UFPb-CH, Campina Grande, v. 3, nº 4-5, p. 167-196, jan.84/dez.85.

-----; **Estratégias camponesas, ação de classes disfarçada.** Departamento de Sociologia e Antropologia, UFPb, Campina Grande, abr. 80, p. (mimeo)

-----; **O caráter de classe do pequeno produtor do Nordeste semi-árido.** Seminário "Capitalismo e força de trabalho no nordeste", nº 2, mesa redonda sobre "Estado e classes sociais no meio rural do NE", UFCE, Fortaleza, 21-23 de nov. 84. (mimeo)

-----; **Os pequenos produtores "integrados" na procura de sua viabilidade: O caso de um grupo de produtores de alho na Paraíba.** XIV Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, MG, 22 a 26 de 1990.

DURHAM, Eunice R. A sociedade vista da periferia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v 1, nº 1, p. 84-99, jun/86.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 7. ed. org. e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- FUNDAÇÃO IBGE . **Sumé**. Nova Série, 1984. (Coleção Monografias Municipais, 94)
- FUNDAÇÃO MOBIL/PREFEITURA MUNICIPAL - **Livro do Município de Sumé**. João Pessoa: Unigraf, 1983. (Coleção livros dos municípios)
- GARCIA JR, Afrânio R. **O Sul: caminho de roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Ed. da UNB: MCT-CNPq, 1989.
- HEREDIA, Beatriz M. A. **A morada da vida. Trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise de discurso**. Tradução de Freda Indursky - Campinas, SP: Pontes: Ed. da Unicamp, 1989.
- MARIN, Maria Cristina. Migração sem urbanização. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 3, nº 4-5, p. 197-203, jan.84/dez. 85.
- MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte In: **Marx**, seleção de textos de José Arthur Gianotti; traduções José C. Bruni... (et alli). 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, p. 323-404, 1978. (Os Pensadores).
- MONTEIRO, Hamilton M. **Nordeste insurgente (1850-1890)**. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.

- MUSUMEDI, Leonarda. **O mito da terra liberta. Colonização "espontânea", Campesinato e patronagem na Amazônia Oriental.** São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos tribunais, ANPOCS, 1988.
- NETO, João Cabral de M. **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta.** 30. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1991.
- ORLANDI, Eni F. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo.** São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990.
- ; **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1988.
- (org.); **Palavra, Fé, Poder.** Campinas, SP: Pontes, 1987.
- (et al). **Vozes e contrastes. Discurso na cidade e no campo.** São Paulo: Cortez, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. **O campesinato brasileiro: ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas.** 54. ed. Rio, São Paulo: Record, 1985.
- RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da morte, esperança de vida: as ligas no imaginário camponês.** Monografia (Curso de História) - Centro de Humanidades, UFPb, Campus II, Campina Grande, 1988. (mimeo)
- SADER, Regina. **Lutas e imaginário camponês. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP,** São Paulo, 2(1), p. 115-125, 1º sem. 1990.
- SANTOS, José V. T. **Colonos do vinho. Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital.** São Paulo: HUCITEC, 1978.
- (org.); **Revoluções camponesas na América Latina.** São Paulo: Icone/Ed. da Unicamp, 1985.

SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, no 18, ano 7, p. 78-95, fev. de 1992.

SIGAUD, Lygia. **Os clandestinos e os direitos. Estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco.** São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SOARES, Luís Eduardo. **Campesinato: ideologia e política.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SOUSA, Fabio Gutemberg R.B. **"Gritos contra o silêncio": sindicalismo rural e lutas cotidianas do trabalhadores do Brejo Paraibano (1960-1987).** Monografia (Curso de História) - Centro de Humanidades, UFPb, Campus II, Campina Grande, 1987. (mimeo)

-----; **O Discurso camponês de liberdade.** Projeto de Pesquisa (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, UFPb, Campus II, Campina Grande, 1989. (mimeo)

-----; **Liberdade, uma palavra imoral? O discurso camponês em debate.** Projeto (Concurso ANPOCS/INTERAMERICAN), 1991. (mimeo)

-----; **A seca tem a cara do diabo?** **Revista Impressão**, v. , no , Campina Grande, p. , 1991,

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser).** Tradução de Waltensir Dutra, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

-----; **A formação da classe operária na Inglaterra.** 2. ed., Tradução de Denise Bottman, v.1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. **A Arvore da liberdade.**

VELHO, Otávio G. Capitalismo autoritário e campesinato. Um estudo comparativo a partir da *fronteira em movimento*. 2. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Difel, 1979.

-----; O cativo da besta fera. *Religião e Sociedade*, p. 4-27, 14/1 março/1987.